Alberto Bramão

A RIR E A SÉRIO…

O CANTAGALO (História verídica de seus feitos).

TEATROS E TOUROS.

VERDADES E PARADOXOS.

Reedição de

Diana Almeida
Josiane Lima
Marcília Soares
Soraia Pinto
Susana Marcelo

Coordenação de Ângela Correia

BIBLIOTRÓNICA PORTUGUESA

Lisboa
2017
1

Índice

Nota editorial
Solemnia Verba
Introito
O Cantagallo
Impressões Theatraes
Touros
A Felicidade
O Cigano
O Casamento dos velhos (these paradoxal)
Os gatos
O vinho
Os raptos
Christo
Cupido quando nasceu...
Symphonia do Amor

Nota editorial

Autor e obra

Alberto Bramão, nasceu a 7 de novembro de 1865. Envolveu-se, desde cedo, com a atividade do jornalismo, começando por colaborar com o jornal *Monitor e estendeu depois a colaboração a outros títulos, como o Boletim da Sociedade Literária de Almeida Garrett*, Lisboa, 1903; *Branco e Negro*, Lisboa, 1894-1898; *Ecos da Avenida*, Lisboa, 1890-1931. Teve uma participação ativa na política, tendo sido um dos fundadores da Sociedade de Propaganda de Portugal, a que, anos mais tarde, veio a presidir. Foi também membro da Associação de Jornalistas de Lisboa. Algumas das suas obras de referência – *Fantasias, Ilusões Perdidas, Casamento e Divórcio* –, fizeram com que fosse proposto como

sócio da Academia de Ciências de Lisboa, da Classe de Letras. No âmbito literário, ficou conhecido por D. Alberto Bramão, e assinou uma vasta bibliografia.

Achámos importante dar a conhecer ao público de hoje este autor que teve grande importância na sua época, mas que, com o passar do tempo, caiu no esquecimento. A obra que escolhemos para reedição – *A Rir e a Sério* – é de difícil acesso, o que nos pareceu um motivou para a escolha. Mas o principal motivo foi o facto de nos dar a conhecer, com sentido de humor e sentido crítico, situações do Portugal contemporâneo do autor.

Localizámos apenas um exemplar de *A Rir e a Sério*, na Biblioteca Nacional de Portugal. Publicado em 1896, o livro foi editado pela Livraria António Maria Pereira, também conhecida por Parceria A.M. Pereira. O mau

estado do exemplar obrigou a que apenas uma pessoa fosse autorizada a recolher fotografias. O livro encontra-se apertado por uma fita branca, para não se desmembrar. Folheá-lo, no entanto, evidencia o estado de fragilidade em que se encontra, pela quantidade de pequenos fragmentos que se soltam das páginas.

Bibliografia

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, vol. 2

Almanaque Republicano

SOLEMNIA VERBA

O titulo explica a obra: horas sem tedio, risonhas até, com algumas intercadencias de circumspecção; horas mais ou menos suaves, arrancadas á ociosidade esteril.

Que em boa verdade vos digo, meus irmãos nas Lettras: é necessario que cada um de nós vá fazendo lastro, para o chaveco que nos ha de levar a todos, cobertos de loiros ou cabellos brancos, pelo oceano pacifico da immortalidade.

INTROITO

> Nota o homem sincero e considera o recto, porque o fim d'esse homem é a paz.
> Mas os transgressores serão á uma derrubados, e as reliquias dos impios serão destruídas.
> (Dos *Psalmos de David*)

Ha longos e velhos annos, por uma natural transvasação do sentimento nacional, quando a indole do povo hespanhol ainda tinha o travôr das luctas por Deus, pelo Rei e pela Patria, a litteratura do paiz visinho desentranhava-se largamente em obras pittorescas, que ficaram denominadas romances de cavallaria, poemas heroicos, e outros repositorios do ideal guerreiro.

Apparecia em cada uma d'essas obras, forjadas na incandescencia bellica d'uma hereditariedade brigona, um heroe disposto a

desbancar, pela alteza dos seus feitos, tudo quanto até ahi rezava a palavra escripta e a tradicção oral.

Para a mocidade de então, o ideal litterario sublimava-se á medida que cada heroe ia perpetrando façanhas nunca vistas, e aquelle que em seu livro conseguisse reunir no protagonista a força de Spartacus ou de Milão de Crotona, que detinha um boi na carreira, á bravura de Sansão, que matara mil philisteus, teria assegurada a immortalidade da sua gloria e a immarcessivel verdura dos seus loiros.

Era a superdynamisação do sentimento guerreiro, derivado de tempos mouriscos, a explodir nas obras litterarias, espelhando nitidamente a aspiração desordenada d'essa epoca.

Appareceu então, como um luminar de bom senso a protestar contra a insania da corrente, o bello espirito de Cervantes, o qual, encarando do

alto da sua philosophia a triste corrupção litteraria em que se ia perdendo a mocidade intellectual, afivelou a mascara do riso – *ridendo castigat mores* – e, sob a égide do velho proloquio latino, entrou a varrer a feira dos imbecis com a picaresca figura de D. Quichote de la Mancha.

Se até ahi os grandes heroes, inspirados em velhas lendas, ou creados espontaneamente na imaginação fogosa dos auctores, surgiam de proporções exorbitantes, fazendo figas de superioridade á pujança do Cid ou á musculatura immorredoira de Orlando, certo era que desde a apparição de D.Quichote ninguem mais se atreveria a alçar a craveira do genio, no intuito de crear figura que hombreasse com tamanho heroe.

D. Quichote de la Mancha foi o drastico applicado por Cervantes ao intestino litterario d'aquella epoca, e para logo a mocidade, cedendo ao saneamento do forte revulsivo, começou a

sentir o pulso liberto da acceleração febril que provinha da ardencia bellicosa do seu ideal em letras.

Restaurou-se a phantasia litteraria, desencravando-se do thema obrigatorio, e ao espirito dos escriptores abriu-se um horisonte mais amplo, em cujo ambiente pudesse resfolegar a aspiração espontanea de todos os ideaes.

*

Alberto Cantagallo ficaria na nossa historia litteraria d'este fim de seculo, se a minguada pequenez do seu creador pudesse medir-se, de longe sequer, com a envergadura athletica de Cervantes, e se o Nephelibatismo- rebento espurio de seis cabeças enfermiças - fosse de molde a reclamar intervenção de tal D. Quichote.

Accresce a estas duas considerações primordiaes, o caso de que nunca a melodiosa e loira physionomia de Cantagallo poderia vincar-se em arrepios de heroicidade sanguinaria, e jamais o seu chapeu de sol, erguido sobre a fronte como um resplendor, poderia armar-se em lança para escorraçar carneiros e esburacar moinhos.

O heroe do que vae lêr-se, nascido já n'uma epoca em que o ideal guerreiro está todo na bocca dos canhões e nos gabinetes diplomaticos, não tem no seu plano de campanha o minimo signal que denote intuito de emboscada ou de torneio feroz, e antes a sua alma, dotada da magnitude evangelica que sanctificou os Apostolos, aspira apenas a estabelecer a paz e a concordia entre os homens, purificando-os com a agua lustral da sua Arte.

E' certo que d'esta intenção, d'esta vontade de regenerar, póde partir alguma sublevação amotinada dos *impuros*, para quem a crapulosa dissolução das

letras é manancial ubérrimo de ficticias glorias e destrambelhadas conveniencias... Mas a rebellião da *impureza*, dada n'um meio lamacento e baixo, não poderá jámais salpicar a cabeça altiva do grande reformador, e o seu Estro, sobranceiro à mesquinha agitação de interesses, pairará no alto céu, como um crepusculo precursor d'um radiante dia!

O Cantagallo

(Historia veridica de seus feitos)

I

Quelle coémdie[1] que la vie et quelle sottise d'en faire un drame!

BOURGET.

A primeira vez que eu encontrei Alberto Cantagallo foi a bordo do vapor *Northon*, á volta de Londres, a caminho de Lisboa.

[1] Nota das editoras: assim no livro-fonte. Trata-se de erro por «comédie».

O mar extendia-se n’uma pacificação de lago em torno da embarcação, que rasgava um sulco rapido na toalha verde das aguas.

Estava um dia azul, d’uma infinita e alegre serenidade. No ceu, onde rareavam pequenos flocos de nuvens brancas, com tonalidades de prata refulgente, debaixo d’um sol de maio, pairavam gaivotas e albatrozes, de azas em ancora, entrecruzadas por outras que ora ascendiam pelo espaço n’uma plenitude de força e de dominação, ora cortavam o ar n’uma descida vertiginosa até roçarem as pennas na superficie do mar.

Sentado á ré, com as pernas para fóra da amurada, ia um passageiro que me despertara a attenção desde que saíramos de Londres, pelo seu aspecto excepcional de tristeza concentrada.

Durante a viagem, conservava sempre o mesmo ar abatido, a mesma ruga na testa pensadora, o mesmo spasmo no olhar cançado.

A’s vezes detinha-se horas e horas com a cabeça mettida entre as mãos e os cotovelos fincados nos joelhos osseos. Acontecia vir algum moço de bordo chamal-o. Elle erguia a fronte, de pupillas desvairadas e os cabellos soltos, como se acabasse de presencear alguma grande tragedia, e seguia atraz do moço, lentamente, de cabeça baixa.

Uma coisa notava eu n’aquelle homem excepcional: era o extraordinario appetite com que elle, todos os dias e a todas as refeições, devorava enormes pratalhões de tripas guizadas, chegando n’esses momentos a rolar os olhos myopes n’uma languidez, n’uma satisfação infinita...

Era difficilimo arrancar-lhe alguma palavra. Alguns passageiros, tendo notado, como eu, aquella figura excentrica, olhavam-o com grande curiosidade e tentavam empregar habilmente todos os meios de entabolar conversação com elle. Mas nada!

D'uma vez, um polaco espadaúdo levantou-se á sobremeza, tirou um lenço da algibeira e dirigiu-lhe a palavra, n'um francez mascavado, deante de todos os passageiros:

– Encontrei este lenço... Talvez seja de v. ex.ª?...

O homem levantou a cabeça triste de sobre o pratalhão das tripas, e respondeu sorumbatico:

– E'. Muito obrigado.

E foi metter-se no camarote.

Quando descia a pequena escada metallica, um fogueiro ouviu-lhe murmurar:

– Até os lenços me perseguem!...

D’outra vez, ao passarmos o golfo de Gasconha, o mar agitado espadanou á ré do vapor, e um grande lençol de espuma caiu sobre elle, alagando-o da cabeça aos pés.

Eu estava entre um grupo de passageiros amigos, e todos vimos aquella inundação do nosso mysterioso companheiro, que resurgiu da vaga, na mesma attitude, com as pernas dependuradas sobre o mar e a cabeça pensadora mettida entre as mãos esguias. Acercamo-nos d’elle e um de nós disse-lhe:

– Olhe que lhe faz mal... E’ melhor despir-se... está alagado... vá...

E iamos a levantal-o pelos braços, quando elle, voltando para nós o olhar brilhante e decidido, respondeu seccamente:

– Perdão... Eu fico.

II

INDUBITAVELMENTE aquelle homem tinha desarranjo na bola, e todos nós ficamos desde esse dia profundamente convencidos de que o nosso companheiro era victima d'uma loucura mansa, absorvente e progressiva, d'estas que finalisam n'uma atonia inconsciente, com a vontade e a razão desfeitas...

E começámos a sentir compaixão, desejo de poder minorar a magua obcecante que lhe dava aquelle aspecto de melancholia implacavel...

Ia comnosco um alienista allemão, especie de armazem de sabedoria, conhecido com celebridade em todo o mundo das sciencias medicas.

Era um homem baixo, com duas lentes nos olhos ophthalmicos, o cabello escorrido sobre a testa n'um renque pastoso, e um par de suissas, em

fórma de linguado, caindo ao longo das maxillas vastas.

Contavam-se historias acerca dos seus commettimentos clinicos, e a sua incontestada sapiencia tinha formado em torno do seu nome uma atmosphera de lenda e de veneração.

Bismarck, o grande agente da unidade germanica, consultava-o a meúdo ácerca do seu rheumatismo e da sua patria, e nunca os seus diagnosticos falharam.

Bismarck, um dia dissera-lhe, apertando-lhe a mão com a franqueza que caracterisa o grande estadista:

– Você é o Hypocrates das gerações modernas!

Esta palavra emproara de orgulho a cabeça chata do venerando sabio, e levara-o a julgar-se o maior de todos os homens. Consequentemente, começou a sentir desdem por toda esta raça de

charlatães e escolares, todo este formigueiro de imbecís que por ahi faziam reputação na litteratura, nas artes e nas sciencias, e a quem elle chamava, na sua phrase predilecta: - *A vergonha da natureza*. Ao proprio Bismarck chamava elle o *chanceller de ferrugem*; e explicava que, sendo o principe desde longa data conhecido por *chanceller de ferro*, certo era que durante tanto tempo este metal não podia deixar de estar oxydado, e não admittia que ninguem o contrariasse.

– Disse e está dito!

Era a palavra com que o grande alienista terminava as questões, palavra a que todos emmudeciam, já pela sua reputação de auctoridade scientifica, já pela arrogante decisão da sua cara redonda e terrivel.

Entre a tripulação do *Northon* era elle conhecido, salvo o respeito devido ao seu grande saber, pela alcunha solemne de *Cara Fatal*.

Está claro que nunca lh'o dissemos, e que quando dirigiamos a palavra a tão sapiente doutor, era sempre – *mr. Heine, isto, mr. Heine, aquillo*...

Elle orgulhava-se de ser homonymo do celebre poeta do *Intermezzo*, e dava a entender que a Allemanha só tinha produzido dois homens immortaes: o grande pensador e elle.

Gabava-se de ter influido na composição do *Reysebilder*, e affiançava que a *scena do parque* fôra concebida pelo grande poeta, n'uma noite de luar silente, dentro dos muros do seu quintal. Fôra elle até que lhe fizera notar aquelle rouxinol saudoso, que descantava em trillos suavissimos, sobre o balcão rendilhado da casa que habitou a Marning adultera.

Quando o *Cara Fatal* referia esta passagem triste, tinha sempre uma lagrima a brilhar no lacrimal vermelho... Elle vira Heine abatido, n'uma melancholia tumultuaria que o desgrenhava, por uma tarde de outomno, entre um renque de salgueiros, á beira d'um regato... E o poeta então, ao encontral-o alli, entre o estalido das folhas seccas que cahiam das arvores despidas e a plangencia monotona da agua deslisante, contára-lhe a historia toda d'esse amor desgraçado.

Ah! como essa recordação lhe torturava a alma!

E o preclarissimo sabio, chegado a este ponto, calava o final da narrativa, já porque, dizia elle, o seu espirito se não comprazia na revivescencia das desgraças alheias, já porque a rememoração d'uma tragedia era sempre *um escarneo lançado á face da Providencia.*

A sua palavra tinha o cunho singular d’um oraculo. Cada phrase era uma sentença, cada periodo uma revelação. Só elle, portanto, poderia diagnosticar a doença moral do homem triste que chamara sobre a sua hypocondria a attenção dos passageiros do *Northon*.

Resolvemos consultal-o, e a sua palavra luminosa confirmou plenamente o juizo que fizeramos.

III

COM uma galhardia, que ainda hoje é para mim um grande titulo de gratidão, o dr. Heine promptificou-se logo a desempenhar a missão altamente scientifica de que o incumbira a nossa curiosidade e talvez a nossa compaixão.

Dirigindo-se ao passageiro mysterioso, com o ar decisivo de quem não admitte replicas, o *Cara Fatal* interrogou-o d'esta fórma:

– Pelo que vejo, amaes a natureza liquida?...

O outro revirou para elle os olhos cançados e tornou a poisal-os sobre os abysmos do mar.

O sabio insistiu:

– Tendes razão... E' o elemento liquido que cria os maiores seres da natureza – os cetáceos. Foi d'elle tambem que saiu o homem, filho de Noé...

Então, aquelle ente acabrunhado, profundamente triste, deu ao corpo um movimento nervoso, como o de quem desperta d'um longo torpôr, fez brilhar nos olhos baços uma faisca de animação, e exclamou:

– Melhor fôra que Noé houvera succumbido! Escusava de andar eu por aqui em procura d'um Ideal...

O dr. Heine ficou maravilhado:

– Procuraes um Ideal!

E pondo na testa o dedo sapiente, como que a escorvar a chispa intellectual, concluiu em voz baixa:

– E' um lypemanico, obcecado pela visão infinita do azul...

Dirigindo-se para nós, que logo o rodeámos com admiração e curiosidade, o dr. Heine cerrou levemente os olhos, espalmou a mão n'um gesto

longo, como quem vae rasgar o veu d’um profundo mysterio, e disse-nos em segredo:

– E’ um lypemanico e procura um Ideal!

Démos alguns passos para traz... Um lypemanico!

Mas qual seria o Ideal d’esse homem extraordinario?

Foi então que eu resolvi seriamente decifrar o enygma, e fui bater-lhe no hombro, com a decisão de quem não olha a consequencias.

– O senhor ha de me fazer o favor de me dizer quem é...

IV

FOI da sua propria bocca que eu ouvi a narrativa da sua vida.

Ou porque na minha physionomia algum traço sympathico se impuzesse á sua condescendencia, ou porque a maneira brusca de que me servi calasse no seu excepcionalissimo temperamento, o certo é que n'essa conversação colhi preciosos apontamentos para a biographia do mais estranho poeta que o ventre humano tem dado á luz.

Alberto Cantagallo nasceu em Fornos de Algodres, terra excepcionalmente notavel no cultivo do alho. Seu pae, galhardo cavalleiro da Normandia, era principe de sangue, descendente em linha recta d'um velho brazão, que tivera realeza nos primeiros seculos da era christã.

Indo d'uma vez á China, em missão diplomatica de largo alcance internacional, alli requestára uma formosa descendente do Filho do Ceu.

Foi em Neitching, a maravilhosa cidadella do interior de Pekin, junto d'uma pequena e rendilhada habitação, guardada por dois mandarins de marmore, como um harem de lenda, que o esbelto cavalleiro queimou na fronte virginal da sua amada a dulcissima flôr de larangeira... O seu idyllio foi muitas vezes escutado pelos íbis doirados dos jardins imperiaes.

Condemnado pelo monarcha a dar as tripas em holocausto á sua ousadia, fugira n'uma noite sem astros, a bordo d'uma chalupa, transportando comsigo, dentro d'um caixote de pinho, como tosca mercadoria, aquella por quem dera um

decisivo golpe na sua fulgurante carreira diplomatica.

Regressando á Europa, e sabendo que Portugal é ninho de florida natureza, foi abrigar os seus dias amorosos á sombra d'um castello, em Fornos de Algodres, tendo previamente celebrado o seu matrimonio catholico n'uma capella da villa, e posto em ordem os papeis concernentes á sua naturalisação como portuguez.

Foi n'esse delicioso trecho de Portugal que os seus amores floriram no pimpolho querido, que hoje se chama Alberto Cantagallo.

O antigo embaixador normando, subito colhido por um ataque de ictericia perniciosa, ao cabo de oito dias angustiosos, rendeu a alma ao Creador, não sem antes pedir ao filho que na vida cultivasse a immarcessivel rosa do Ideal, unica flor capaz de perfumar a existencia n'este cançado planeta.

A sua companheira, nostalgica das margens do rio Amarello e torturada pela saudade do marido amado, lá se lhe foi juntar sob uma pá de terra, na silenciosa tristeza do cemiterio.

V

ALBERTO Cantagallo tinha então quatorze annos apenas. Saia da adolescencia vendo esboçar-se a aurora da puberdade com as tintas lugubres d'aquelles dois funeraes.

Ficara só na terra, abrazado pela sua dôr e exaltado pela sua indómita phantasia.

Data d'esse periodo o poemeto satanico *Almas do outro mundo*. E' um dédalo de impressões colhidas a vivo no campo santo, á hora em que o terror supersticioso faz afugentar os homens, e os mochos agoirentos piam monotonamente sobre as cruzes, que extendem os braços de pedra, como que n'uma supplica dorida para Deus...

Mas a sua enorme avidez intellectual breve lhe suspendeu no espirito a caudal de pungentes emoções, que escorrera do fallecimento de seus paes. E procurou no estudo, no serio e profundo

estudo, o repouso para as suas faculdades imaginativas e sentimentaes. Exgotou em poucos mezes uma bibliotheca. O seu poder creador, auxiliado pelo peculio d'uma vasta erudição, facilitou-lhe a interpretação philosophica de todos os phenomenos, pondo-lhe no espirito a comprehensão nitida de todas as leis que regem o mundo da alta verdade scientifica.

Foi n'esse periodo de sabedoria incomparavel que elle escreveu a celebre *Refutação das utopias de Descartes*, obra que alarmou a philosophia allemã, e que o nosso paiz, por uma habitual e inepta ingratidão, nem sequer mandou collocar nas suas bibliothecas.

Mas o largo vôo imaginativo de Alberto Cantagallo não podia encerrar-se na atmosphera poeirenta dos alfarrabios eruditos, e demandava mais amplo e limpido horisonte para a affirmação d'aquella poderosa individualidade.

Dedicou-se então, exclusivamente, á veia poetica, em cujo tubo tão tumultuoso e original circulava o fluido creador do genio. Quiz ser poeta apenas; não d'esses que fazem das syllabas metricas um batalhão disciplinado, subjeito á voz do rythmo e da rima, mas uma especie de patriarcha genial, com a alma cheia de estranha originalidade, que dissesse ao mundo verdades ignoradas, ungidas de novos sentimentos, subordinando tudo a uma alta e luminosa concepção da poesia cantonal, da poesia restricta ás condições naturaes d'um pequeno povo.

Parte, talvez, d'aqui a dynamisação do seu verso, concentrado e violento.

Mas todo este trabalho faiscante, desde as *Almas do Outro Mundo* até á dorida narrativa do *Voço rútilo*, jazia entre os manuscriptos do poeta, sem que pessoa alguma suspeitasse que n'uma gaveta do seu quarto se continha a mais

extraordinaria bagagem que um homem póde levar para a immortalidade.

E á pôpa da embarcação, com os olhos postos na esteira de prata fôsca que a espuma desenhava, o poeta, familiarisado já commigo, talvez pela corrente de affectuosa sympathia que se cruza entre dois homens a quem uma intima confidencia liga, exclamou:

– Creia meu amigo, que a posteridade terá de pôr algum marmore ao serviço da minha memoria.

Eu nem por sombras o podia duvidar. Desde que a sua palavra profunda entrara no meu ouvido attento, simultaneamente entrara no meu espirito a convicção de que estava na presença do maior homem de todos os tempos.

E perguntei-lhe, vendo que a sua vida se dirigia para a apotheose d'uma superior missão:

– Mas qual é então o destino do meu glorioso amigo?

– Vou para Fornos de Algodres.

Elle desejava repousar ahi, á sombra de alguma acacia que lhe recordasse a serenidade da infancia, todas as suas impressões de viagem. Queria colligir, catalogar os apontamentos colhidos atravez d'este mundo, que era para elle uma *jaula de egoismos* e *um cemiterio de boas intenções perdidas.* Depois, entraria na capital, a *pequena Babylonia de grandes perdições*, e ahi mesmo, tomando o pulso á civilisação portugueza, sentiria o tumultuar do sangue arterial, para onde confluem todos os vasadoiros da corrupção e da perdição das almas.

Queria por seus proprios olhos escalpellar as miserias sociaes da primeira cidade portugueza, não porque aprouvesse ao seu espirito compassivo o mar de tristezas e vergonhas em que mergulham tantas vidas, mas porque da ruinaria moral do homem *civilisado* poderia talvez brotar ainda,

junto d’esses escombros sombrios, alguma violeta de misericordia divina, alguma flôr modesta de salvadora rescendencia, que fosse para o seu coração como é para a alma indiana a uncção do nardo virtuoso. Entendia que só pelos grandes contrastes se produzem as grandes emoções, e queria das cinzas do negro monturo extrair phenix purificada da sua Arte - para que os seus versos tivessem a sublimidade nativa das grandes virtudes e o olôr das grandes ingenuidades humanas. Só pelo temeroso espectaculo do Mal poderia brotar da sua alma a fonte limpida e salutar do Bem. O macio fluido que desaltera os ardores pavorosos dimana muitas vezes da rocha escalvada e arida.

O exemplo já vem da Biblia, de quando Moysés bateu na penha ardente.

VI

APROÁMOS ao Tejo n'uma clara manhã de maio, em que a ardencia do sol era suavisada pela fresca brisa do mar.

E alli por volta das tres horas da tarde, quando dos ministerios transudam os altos segredos de estado, e quando a Arcada parece um coito de pretendentes prehistoricos, eternisados no duro desengano e na triste desilusão, nós dois, o poeta e eu, como velhos amigos inseparaveis, atravessamos o Terreiro do Paço, n'uma desengonçada tipoia, em direcção ao hotel mais proximo.

N'esse trajecto, o poeta disse-me:

– Repare o amigo: Cada homem d'aquelles que alli vê possue faculdades eguaes ás nossas; em maior ou menor quantidade. Isto comprehende-se, mas não se prova. E porquê? Porque nenhum

d’elles trabalha n’uma obra que fique. Aquellas actividades, que se mexem, que se agitam, são como os circulos concentricos produzidos por uma pedra que cae na superficie d’um lago. Como esses circulos, a actividade d’aquelles homens esbate-se e desapparece sem deixar vestigios; e como essa pedra, que pousará no fundo do lago, esteril e improductiva, os seus corpos irão cair no marmore d’um mausoleu, terminando por defraudar a propria terra no espolio dos seres que haviam saido do seu ventre.

Eu accudi logo em defeza dos politicos:

– Mas note o meu caro Cantagallo: Aquelles homens, que a esta hora parecem um grupo de formigas em torno d’um celleiro, não são mais nem menos do que os gerentes d’este magro paiz, e á labuta dos seus espiritos impõe-se o trabalho milagroso de esticar a elasticidade financeira até

ao ponto de estipular verba orçamental para quatro milhões de almas... penadas.

O poeta interrompeu-me abruptamente:

– Ahi é que está o mal! Ahi é que está o cancro! Querem fazer do paiz exclusivamente uma repartição burocratica, e pôr todos os seus habitantes á meza do orçamento! Lauto banquete seria se afinal o cosinhado do paiz não estivesse reduzido... a ossos. E, no emtanto – triste é dizel-o! - pelo meu systema regionalista, cada individuo seria uma peça util do machinismo nacional, e cada homem teria a suprema satisfação de morrer á sombra d'uma arvore, plantada e tratada por suas proprias mãos...

Aqui, a typoia parou. Estavamos á porta do hotel Central.

Despedi-me do poeta, que n'esse mesmo dia tencionava partir para Fornos de Algodres, e no longo e effusivo abraço d'esse momento trocámos

uma sincera particula do nosso coração. Uma lagrima que lhe vi tremular nos olhos myopes, reflectindo a luz da sua bella alma, foi para mim o sello que chancellou o pacto da nossa amizade perduravel. Segui para casa, na pressurosa ancia de quem torna a ver os seus, e alguns mezes decorreram sem que eu tivesse a menor noticia d’aquelle grande poeta e grande amigo.

VII

FOI por uma d'essas noites sinistras, em que a natureza parece arrepender-se de ter creado o mundo; noite negra e cerrada, como a consciencia d'um parricida; noite sem luz, em que do céu desabavam, como da bocca hiante de monstruoso vasadoiro, catadupas de agua, que esparrinhava no lagedo, inundando os predios até ao friso do rodapés; noite temerosa em que as preces da nossa alma como que esbarravam na abobada celeste, tão compacta e tão baixa! – foi n'uma d'essas noites de cerrado inverno que eu ouvi, saindo da garganta de uma ruella immunda da Mouraria, a voz do estranho nephelibata pronunciar o meu nome, com uma inflexão aguda de desespero.

Immediatamente, mandei parar o *coupé* que me conduzia a casa, e d'um salto entrei no estreito atrio d'um velho palacete arruinado, onde as

aranhas iam descançadamente urdindo as suas teias.

– Ó Cantagallo!... O meu amigo por aqui!...

Mudo, com ar concentrado de quem pretende narrar algum mysterio, fez-me signal para que o seguisse.

Era uma escada talhada a prumo, de pequenos degraus, sem uma candeia sequer que nos allumiasse os passos.

O poeta, conhecedor do terreno, caminhava depressa, n'uma ascensão estopante de me deitar os bofes pela bocca fóra. De vez em quando dizia-me:

– Agarre-se ao corrimão... Cautella com o degrau...

Parámos no sotão d'um quinto andar, e foi ahi que o grande Cantagallo accendeu um phosphoro.

Estavamos n'um patamar esguio, como um corredor de casa de hospedes, em frente d'uma

porta pintada a óca e roida pelo tempo e pelo caruncho. No painel do lado direito lia-se esta palavra **Eil-o!** a tinta vermelha. Na trave inferior da bandeira estava desenhada em côr preta, á similhança das portas dos velhos conventos, uma caveira humana sobre dois *femurs* entrelaçados.

Confesso que n'esse momento passou pelo meu espirito uma suspeita que me aterrou.

As leituras que fazemos na primeira edade intelligente, esses livros rocambolescos cheios de phantasmas, de sociedades secretas, de superstições e de crimes, deixam no nosso cerebro, embora depois elucidado por leituras sãs, uma especie de semente terrorista, um como traço de medo inconsciente que se aviva nas horas de collisão sombria. Qual de nós, os espiritos reflectidos, os que riem das bruxas e das almas do outro mundo, os que escarnecem das apparições phantasticas, não sentiu já uma especie de vago

horror a percorrer-lhe a espinha, em formigueiro até ao cerebello, ao subir os lanços d'uma escada sem luz, n'uma noite tragica de vendaval? Qual de nós não teve já, ao menos uma vez na vida, o incomprehensivel terror supersticioso, que a muitos se apresenta no fundo indeterminado e vago d'uma vaga consciencia, como se fôra a ameaça de algum poder supremo a intibiar a coragem do homem que se julga livre?

Foi esse estremecimento que vibrou no meu ser, pondo-me no espirito esta desordenada e injusta interrogação: - *Estarei eu em face d'algum phantasma*?

Mas o estranho poeta arrancou das calças uma grande chave, fez girar nos gonzos a carunchosa porta, e apontando-me o interior:

– Vamos lá...

Entrámos. O quarto em que o poeta dormia e onde cumulativamente guardava as suas

impressões de forasteiro e de critico, lembrava o interior d'uma casa de penhores, depois d'uma liquidação.

A um canto, uma cama de ferro, resguardada por uma coberta de chita, em cuja ramagem havia peripecias d'uma corrida de toiros em Madrid. A' cabeceira, um banco pintado de azul, com uma palmatoria de metal amarello e um copo de vinho. Era o symbolo da Verdade, explicou-me o poeta. Bebia-o sempre, antes de adormecer, para que os vapores alcoolicos embalsamassem a atmosphera grandiosa dos seus sonhos...

Uma janella acanhada deitava sobre um saguão estreito, em fórma de poço quadrangular. No telhado fronteiro, dois gatos faziam luzir o olhar metallico, ronronando lubricamente. Junto á janella uma carteira de carvalho, com gavetas. Muita papelada em cima. Pelas paredes, pintadas a cal, varios pregos de onde pendiam calças e

casacos. Alguns jornaes pelo chão. Jornaes velhos, disse-me elle, porque serviam apenas para embrulhos. Não os lia. Achava um desperdicio de tempo e um perigo para a sinceridade. Se os jornaes tivessem o cunho da elevação intellectual do seculo, obedecendo a uma nobre pureza de sentimentos, então seria o primeiro a prestar-lhes a sua homenagem fervorosa, porque são sempre dignos de panegyrico os sacerdotes sinceros de qualquer idéa. Mas cada jornal, na sua opinião, não era mais do que *um simples receptaculo e propagador de informações comesinhas, pautadas pela mão d'um torpe e obnoxio mercantilismo*. Pelo caminho que o jornal vae seguindo, chegará um dia a determinar *a morte moral do homem civilisado*. Por isso, o jornalismo era para elle apenas *uma fabrica de papel de embrulhos*.

O grande poeta tinha, como supremo axioma sobre a corrupção do homem, esta palavra, que pronunciava com a mais nitida sublinha de desprezo:

– E' um gordo.

O tecido adiposo era a certidão da venalidade humana. E dizia-me:

– Repare o meu amigo como os grandes artistas emmagrecem...

Eu lembrei-lhe alguns casos:

– Veja o Zola... é como um nabo. O Goethe, por exemplo, era gordo... Olhe o nosso Chagas...

Mas elle pediu-me para reservar as suas opiniões sobre individualidades. Não queria que da sua palavra partisse, sobre a reputação dos homens consagrados pelo vulgo, algum espinho do agreste cardo da critica imparcial. Limitava-se a dizer que as longas caminhadas em busca do Ideal supremo arrasavam a carne e impediam-lhe

as expansões. Para elle um homem gordo era um sacco de toicinho... mercantil. A gordura derrete-se ao calor da sinceridade. Só engordam aquelles que apagaram no coração a fornalha chammejante do incorruptivel Ideal.

Era por isso que a satyra acrimoniosa dos cafés algumas vezes caíra sobre os seus ossos. Elle era magro, magro como um suspiro de velha solteirona... Mas no seu peito latejava uma viscera de enternecimento pelas miserias humanas, e no seu cerebro scintillava uma estrella de immaculada inspiração. Não encobria os ossos no dominó carnavalesco das gorduras, porque se não envergonhava de possuir um esqueleto egual ao que o judaismo descobriu em Christo, o sublime regenerador das almas...

Eu escutava-o com a embasbacada admiração que todo o homem mediocre deve sentir em face de tão grande superioridade.

Mas o relogio da parede, um velho *cuco* de madeira rendilhada, bateu doze pancadas isochronas, d'uma monotonia arida e triste. Era meia noite.

O poeta ajoelhou concentrado, corcovando o dorso, e ficou assim, n'essa postura humilde... Tinha o habito de rezar, sempre que terminava o dia do kalendario. Era uma submissão ao Ente Supremo que rege a orchestra dos mundos.

Por um natural e machinal instincto de concordancia com os sentimentos d'um homem tão proeminente, ajoelhei tambem.

No ambiente silencioso passava o zumbido enfadonho d'um mosquito nocturno...

E dentro d'essa habitação, d'uma modestia stoica, de cenobita inspirado ou de spleenatico que procura na miseria a instigação nervosa para a vida interior que se lhe esvae em desalentos, o estranho nephelibata lembrava uma figura de

missal antigo, um d’esses monges solitarios que viveram na intuspecção ascetica das grandes virtudes, com os olhos postos n’uma espiritual visão do firmamento...

VIII

TERMINADA a prece, o poeta ergueu-se.

Na sua fronte, empallidecida pela escassez da luz, havia um nobre tom de mysticismo e de grandeza moral. Tinha o aspecto de quem acabasse de lavar a alma n'um banho de agua lustral. Deviam ficar assim os judeus conversos, que S. João baptisou nas margens do rio sagrado.

Foi então que me explicou a mysteriosa entrevista a que me submettera, por mero auxilio do acaso. Queria lêr-me alguns capitulos das *Algarávias*, um livro de versos em que lhe parecia ter encontrado a suprema e ultima expressão da poesia humana.

Versos d'uma infinita simplicidade, de uma factura exotica, modelar, immorredoira.

O Universo, com toda a sua infinita variedade de assumptos, offerecendo um interminavel

campo de exploração esthetica, confrange-lhe a alma n'um retraimento de asceta que se reconhece impotente na sua humillima qualidade de homem. *O chair inpitoyable!* dirá o grande nephelibata, como dizia o grande Baudelaire.

Para a orchestração dos seus versos, onde ha rythmos estranhos, d'uma pureza e d'uma originalidade incomparaveis, Alberto Cantagallo não faz explorações pelo infinito azul, procurando modelar as notas da sua harmonia pela cadente vibração dos Astros. Não afina a sua harpa pelos gemidos da brisa balsamica, nem pelos uivos do furacão destruidor. Não vae ao grande oceano fortalecer os pulmões e os nervos na emanação de iódo e phosphoro que enche a atmosphera do mar. Não percorre em lugubre peregrinação os bairros pavorosos onde sangram os grandes crimes. Não se inspira nas dôres geraes da humanidade, nem

canta as angustias revoltadas do proletariado que tem fome...

Deixa essas generalidades aos banaes declamadores que emborcam, na phrase d'um homem eminente, cantaros de rhetorica.

O seu estro, vibrante como o verbo de Izaías, limita-se a dar-nos a impressão e a suggestão d'um recanto de Portugal, este paiz historico, cuja gloria refulge ainda no armamento archeologico dos museus, á hora em que o sol, coado pelas vidraças, bate de chapa na lamina das adagas e na folha dos montantes.

Foi na região do Algarve, que é uma provincia fertil, fecundada pela ardencia d'um sol tropical, que Alberto Cantagallo ergueu a sua cubata de artista, como centro de onde irradiassem as suas explorações estheticas.

O poeta estivera alguns dias em cada cidade algarvia, aproveitando todas as horas em passeios pelas aldeolas circumvisinhas.

Annotara no seu caderno de impressionista todos os detalhes necessarios á reconstituição da grandeza algarvia, colhendo-os na impressão directa e viva, como um fructo n'uma arvore. O seu lemma era este: - *transplantação para a Arte da essencia natural*. E conseguira realisal-o d'uma fórma notabilissima e unica.

Eu ouvia maravilhado aquelle desenrolar de visões campestres, de episodios simples, de idyllios debaixo das copadas sébes, de trabalho agres na lavoura sob um calor mordente, de pastores conduzindo rebanhos, ao som da flauta melancholica... E toda aquella reconstituição artistica da vida natural era para o meu espirito tão vivamente impressionadora, que por momentos me pareceu sentir picar-me o corpo algum espinho

da madresilva que se enrosca nos muros esboroados, e a minha pituitaria como que saboreou a salutar emanação campestre...

Tal era a força de talento que o poeta imprimira nos seus versos immortaes!

– Mas não posso comprehender a razão porque o meu caro Cantagallo não publica já tão luminoso poema...

Elle queixou-se do mercado litterario em Portugal. Era uma desgraça! Os livros de versos não se vendiam. A alma do seculo, absorvida pelos seccos problemas de sociologia material, não se inclinava muito ás idealisações poeticas. E, noemtanto, se alguma coisa havia n'este mundo profundamente civilisadora, capaz de unir a humanidade inteira n'um fraternal amplexo, era decerto a Poesia, já porque se inspirava nos altos sentimentos puros, já porque na sua expressão rythmica havia uma como que resonancia da

harmonia celeste, vibrada por Deus, na harpa das constellações…

IX

MAS a escassez do mercado não era, comtudo, obstaculo á publicação do seu livro. Porque não era a questão financeira que lhe detinha os passos na arena da glorificação publica.

Sómente não achava opportuno dar á estampa as *Algarávias*, no proprio momento em que a nação gemia sob o peso affrontoso d'uma crise e talvez d'uma insolvencia retumbante.

Mas o livro appareceria a seu tempo, e seguir-se-iam depois todas as obras que até ahi conservava no *in pace* d'um manuscripto e d'uma gaveta.

Antes d'isso, pretendia fazer uma excursão completa pelo paiz, para estudar o caracter de cada povoação e ficar inteiramente senhor da alma portugueza. Talvez tivesse de fazer um grave estudo da attitude politica de cada povoado. Se

realisasse este plano, lançaria um manifesto ao paiz. Elle sabia que Portugal era um paraizo de recursos agricolas, e tinha um projecto de regeneração completa. Permittia-se, noemtanto, guardar silencio sobre as premissas do seu theorema, porque lhe via ainda alguns corollarios confusos, e não queria proclamar idéas que não assentassem n'uma rigorosa e positiva observação.

Mas, se a complicada engrenagem das suas locubrações artisticas lhe deixasse alguns instantes para o aprofundamento do seu plano politico, o mundo teria de embasbacar perante a arrojada, a original, a salvadora concepção do seu genio...

Eu murmurei pasmado:

– No estado a que chegámos, isso será uma verdadeira obra de misericordia...

– O meu intuito é simplesmente reconfortar a alma popular, pela crença na regeneração economica, e mostrar ao mundo que nem sempre um grande estadista se chama Bismarck ou Gladstone. A Allemanha ri-se de nós... A Europa não nos toma a serio... A Inglaterra extende as garras sobre as nossas colonias, e rouba pedaços de terra humedecida pelo sangue heroico dos nossos irmãos... E' necessario acabar com este vilipendio, e conservar bem alto nas ameias dos nossos castellos, o victorioso pendão das quinas...

O poeta exaltara-se; e, automaticamente, subira para cima da cama... E ahi, melena desgrenhada, aprumado, e fazendo no ar gestos amplos e convulsos, lembrava o tribuno Gambetta, no dia em que apontou ao parlamento francez a veneranda figura de Thiers, como a d'um salvador providencial.

– E’ preciso que troem nos ares os clarins do nosso exercito, e que as cinco partes do mundo, maravilhadas do nosso prestigio, venham render vassallagem ao throno portuguez, como indigentes que fossem desalterar-se a uma fonte de consoladora opulencia. Porque a terra portugueza é hoje ainda a depositaria dos pergaminhos que nobilitaram a primeira camada da civilisação humana. Assim todos nós tenhamos a coragem de pegar em armas, para a defeza sagrada da nossa bandeira!

Mas a voz de Cantagallo, exaltada, nervosa, assumira uma retumbancia de trovão, a ponto de assustar a velha servente, que o poeta trouxera de Fornos de Algodres, como reliquia suggestiva do seu torrão natal.

A porta do quarto girou nos velhos gonzos, e uma cara angulosa, de farripas em grenha e olhos

gazeos, extendeu-se para deante, perguntando com uma bocca sem dentes:

– O patrão deseja alguma coisa?...

O poeta caiu em si. Saltou da cama abaixo, ruborisou-se e, compondo o laço da gravata:

– Traga uma garrafa do tinto.

A cara desappareceu; e aquelle homem superior, poisando em mim os seus olhos profundos, concluiu:

– Creia que ha de apparecer ainda o Messias de Portugal... E vamos lá a essa pinguinha.

X

Ao fulgor imaginativo de Cantagallo acresce uma universal illustração de sciencias, artes e lettras. Conhece a fundo todos os processos de pintura, todas as descobertas scientificas, todas as grandes obras litterarias; e, como cupula de tão vasto e resplendente edificio de sabedoria, medita em nocturnas locubrações sobre todos os systemas philosophicos. Prescrutou todas as manifestações vitaes do universo, desde a nebulosa de Laplace e Kant, genese de toda a existencia, até aos recantos sociologicos em que a humanidade haja posto algum vestigio do seu pé.

Mas a natural tendencia religiosa do seu espirito – feixe irradiante de nobres inspirações – levara-o a aprofundar particularmente todos os seculos da era christã. Esse estudo deu-lhe

occasião de collaborar com Emilio Castelar na *Revista dos Seculos*.

O poeta passara casualmente por Hespanha e fôra convidado pelo grande orador para um banquete em sua honra. Nasceu d'aqui a sua extremosa amisade com o eminente auctor da *Italia*.

De toda a longa historia da humanidade, de todas as suas luctas, religiões, heroes e martyres, despotas e santos, de todo esse vasto cosmorama de scenas em que gira a vida da nossa especie, o seculo de Tiberio e de Nero foi o que mais lhe prendeu o espirito, por n'elle haver nascido, em contraste com essas duas encarnações do mal, a alma santa de Jesus Christo.

O poeta comprehendia que esse Martyr, crucificado no Golgotha pela crueldade do judaismo orthodoxo, fizera irradiar do seu cadaver, cuja ressurreição foi apaixonadamente

proclamada por Maria de Magdala, uma infinita phosphorescencia de virtudes...

Impressionara-o profundamente a lenda do divino rabbi. E tanto, que um dia resolveu ir vêr por seus proprios olhos o local melancholico que servira de scenario á mais alta paixão que o sol tem allumiado sobre a terra.

Cantagallo entrou em Nazareth, pequena cidade da Galiléa, por uma tarde de primavera, em que já rescendia a branca flôr da amendoeira.

O deslumbramento melancholico que então se produziu em todo o ser do grande poeta foi talvez a *alma mater* de toda a sua aspiração de reformador e de mystico. Foi aquella paizagem, tão suggestiva e tão triste, que serviu de berço aos primeiros sonhos de Jesus.

Nazareth fica situada n'um largo friso aberto no alto da cordilheira que cinge a norte a planicie de Esdrelão. As casas são modestas, pequenas,

rodeadas de pampanos verdejantes, e destacando a alvura das suas paredes entre a rama escurentada das figueiras. A vegetação alli é a mais opulenta de toda a Palestina. As mulheres são bellas, graciosas e languidas. O horisonte da cidade é curto; mas, subindo um pouco na encosta, vae-se desdobrando todo um largo panorama de montes e valles, apparecendo as terras do Libão e as bellas linhas de Carmel, terminadas por um rochedo vertiginoso que parece cair abruptamente no mar. Descortina-se a dupla montanha que domina Maggedo, os montes do dominio de Sichem, com os seus logares santos da edade patriarchal, os cerros Gebboé, o Thabor com a sua fórma arredondada, que a antiguidade comparou a um seio de mulher.

Por uma depressão entre a montanha de Salêm e o Thabor, entrevêem-se o valle do Jordão e as altas planicies da Perea, que formam uma linha

continua do lado do Este. Ao norte, as montanhas de Safed, inclinando-se para o mar, escondem S. João de Acre, mas deixam desdobrar-se á nossa vista o golfo de Caiphaz.

Foi este circulo o berço de Jesus. Foi no meio d'esta natureza accidentada, ora florescendo n'uma suave e abundante serenidade, no verde dos pampanos e na alvura das flôres de amendoeira, ora erguendo nos alcantis das montanhas a sua aspiração insaciavel para as nuvens, que Jesus sentiu na alma o primeiro estremecimento da sua alta missão.

E alli, em face d'aquella paizagem, que a historia espiritualisou e a que a lenda de Christo deu fóros de santidade, Alberto Cantagallo sentiu refluir-lhe ao coração toda a beatitude dos ascetas, e no infinito horisonte da sua alma principiou a erguer-se a luz d'uma estrella polar, cheia de estranha e consoladora irradiação, illuminando-

lhe e apontando-lhe uma missão proficua a realisar na terra.

De madeixa ao vento, emocionado e sublime, possesso d'uma grande idéa e absorto por um grande sentimento, o poeta partiu d'aquelle torrão historico, abençoando a hora em que aos seus olhos fôra dado contemplar o canteiro celebre em que começaram a florir as primeiras sementes da divindade christã. E no seu espirito poderoso, fecundado por nobilissimos ideaes, formára-se indestructivelmente o plano de reformar a humanidade, alliviando-lhe as dores e as miserias pela destruição dos erros e pela indicação do salutar caminho.

E, ao regressar á patria amada, o poeta trazia já, elaborado na gestação potente do seu cerebro, todo o vasto systema regionalista, que tão alto havia de guindar a reputação brilhante dos seus versos.

A descripção de Nazareth está feita sobre os apontamentos que me concedeu a amabilidade do poeta.

XI

SERIA impossivel dar, n'este rapido commento de tão grande individualidade artistica, todos os especimens poeticos por que se moldou a originalidade de Alberto Cantagallo.

Sobrepujando triumphantemente todos os outros nephelibatas, sendo mais instrumentista que René Ghil, mais magista que Sar Paladan, mais colorista que Mallarmé e mais confusionista que todos elles, Cantagallo exercitou todos os moldes poeticos, com brilhante successo, e descobriu para o thesouro da sua Arte expedientes de fórma, que trouxeram para o seu verso um requinte byzantino quasi inconcebivel.

Ha no seu livro inedito uma secção subordinada ao titulo de *Geometricas.* São composições subjeitas a feitios determinados, e

por ellas se reconhece a malleabilidade que o poeta imprime á materia dos seus versos.

Accedendo amavelmente á minha solicitação, Cantagallo concedeu-me alguns especimens, que passo a transcrever, como amostra gloriosa:

Symbolica pyramidal

Tem
A luz
Do meu bem
Uma só cruz
Como eu tambem,
Que sempre os olhos puz
Na bella Jerusalem,
Onde um sorriso ideal seduz
A Bonifacia mais sua mãe
Que embora velha, inda é mulher de truz
E tem um buço patricio que lhe vem
Ao labio capillar, como o florir do pus.

Como o leitor vê, a difficuldade que apresenta a factura de taes versos não é escolho em que naufrague o talento de tão grande poeta. E, á similhança dos antigos guerreiros, que se embrenhavam no mais acceso do combate, em meio dos mais graves perigos, Cantagallo procura com denodo os mais intrincados labyrinthos da Arte, para que ao libertar-se d'elles seja mais claro o sol do seu triumpho. Por isso, não contente com a victoria da *Symbolica pyramidal*, quiz cultivar o genero inteiramente contrario: a *Litania funilica*. E' um modelo de simplicidade, de conceito e de pureza de linhas:

Cheguei como um heroe, cheguei como um pimpão.
As clamides liliaes de Ferrabraz
Enverguei-as como um Abcellão
Que tudo póde e tudo faz
Com a broca da illusão,
Rachando as almas más
Que no mundo estão,
Pois sou rapaz
D'uma mão
Capaz...
Rão!...

O final d'esta funilica é perfeitamente onomatopaico. O grande pensamento poetico vae-se escoando, atravez do funil, até que ao escorrer a ultima gotta se produz o som do ar que substitue o outro fluido: *Rão!*... E' maravilhoso!

Não conheço em nenhum dos outros nephelibatas um trecho tão edificante de clareza, de conceito, de propriedade phonica e de symbolismo flagrante. A arte assim é como um grande e phantastico espelho, onde se reproduzissem as almas em jogo de elevados sentimentos.

Um outro modelo, de não menor originalidade, é a *Briolanja crucial*. O adjectivo nasce naturalmente da fórma em cruz:

Meu
Bem
Tem
Mãe.
Quem
Mãe
Tem
Não pode achar o mundo
Senão do ceu oriundo.
Pois
Vê
Dois
Sois
Quê
São
Tão
Bons
Quaes
Dois
Paes,
Ou mais
Do que paes
Pois são dois bens
Que nos veem das mães

Esta fórma catholica, em que o poeta se esmera com notavel predilecção, é um dos indicios por onde a critica philosophica póde guiar-se, subsidiada pelos apontamentos do

capitulo precedente, no intuito de frisar bem o caracter religioso do poeta.

Eu, pela minha parte, restrinjo-me a apresentar ao leitor alguns dos moldes por que se talhou a exoticidade formal de Cantagallo.

No genero allitterante, que alguns nephelibatas nossos começaram a balbuciar, ha tres annos, com evidente insuccesso, o poeta chegou ao ápice da perfeição, dominando a musica do verso até ao ponto de formar, pela concorrencia das iniciaes consoantes, uma especie de symphonia de Beethoven:

Vejam isto:

A ti, tulipa tumida torrada
Pelo sol sómente sideral e santo,
E' que eu quero cantar um casto e cauto canto,
Que vá nadando em nardos nados té ao nada.

Outro genero: a poesia *sinometrica*. Versos que soam como badaladas de sinos.

Nada mais onomatopaico.

Assombroso!

E' sexta-feira da Paixão,
E eu vejo um Christo de marfim...

Dim – delim – dim,
Dim – delim – dão!

Passo na rua da Conceição,
E o que é que oiço lá ao fim?

Dim – delim – dim,
Dim – delim – dão!

Sinto um repique no coração,
Que é como os sinos, assim, assim:

Dim – delim- dim,
Dim – delim – dão!

Vou ao Martinho, vou ao Leão,
Para vêr se como grilhado rim...

Dim – delim – dim,
Dim – delim – dão!

Mas vejo com estupefacção
Que é dia de magro... E digo: P'ra que é que vim?

Dim – delim – dim,
Dim – delim – dão!

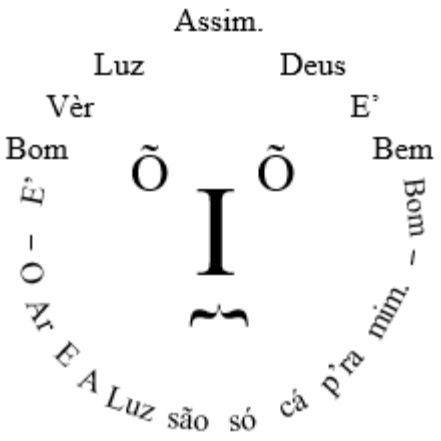
E em toda a parte um barulhão,
Um barulhão, um barulhim,

Dim – delim – dim,
Dim – delim – dão,
Dim – delim – dão,
Dim – delim – dim!

Como verdade sonora, não ha nada mais perfeito.

Um genero que o poeta cultivou com denodado exito, no tempo em que quiz tirar a prova real ao valôr do *realismo poetico*, foi o *astronometron*. Esta palavra, segundo a explicação de Cantagallo, que dizer: *astronomia metrica*. O originalissimo genero tinha por fim descrever as paizagens na forma do astro que as allumiava.

Para exemplo, darei um specimen: é a lua, o astro brilhante que faz crescer os pepinos, em noite de cara cheia:



É assombrosa a facilidade technica com que o poeta realisa todas as suas concepções maravilhosas.

Seria necessario dispôr de meia legua typographica para transplantàr todos os primores que o livro de Cantagallo encerra.

O meu fim é simplesmente fornecer amostras, e basta um decimetro da fazenda para se julgar do valor da peça.

Mas, como é longa a variedade de fórmas geometricas adoptadas pelo poeta – conicas, trapezoidaes, elypticas, parabolicas, espheroidaes, etc. – nem mesmo de todas essas fórmas posso offerecer ao leitor uma pequena amostra.

Mas quero terminar este capitulo com a mais arrojada e extraordinaria de todas as originalidades – a fórma humana.

Nunca, em parte alguma do planeta, desde que o sol pela primeira vez brilhou no espaço e desde que na terra appareceu o primeiro protoplasma, nunca tão alta originalidade despontou no seio da creação. A *fórma humana*! Isto é: a fórma do homem. Versos do feitio da gente! O' sublime grandeza do genio, a que ponto levas tu a realisação do teu nobre Ideal!

Que o leitor ponha aqui seus olhos maravilhados, e que as bençãos de nós todos entreteçam de flôres a cabeça do poeta:

Vês
Não vês
Como t'amo?
Não me escamo
Bem vês
Não?
Sim?

Incerteza!	O' duvida!	Crueldade!
Não	O' minha amada	Bem
Vás	Meu dôce bem,	Vae
Vêr	O' meu amor,	Quem
Quem	Vê esta dôr,	Tem
Traz	O soffrimento,	Pae
Dôr	Este tormento,	Ser
Vil	Esta agonia,	Ou
Não	Rubra e sombria!	Não
Vas	Repara: – Olha:	Ser

Bem	Tem
Tu	Fé
Que	Em
E's	Deus
Qual	Que
Sol	Vê
Bom,	Lá
Não	Dos
Mau,	Ceus
Vê,	Quem
Crê,	Tem
Sê	Dôr,
Tal	Té
Qual	Ter
Ceu	Fé.

Um critico azedo, d'estes que suppuram fel pela lingua, atreveu-se a notar, como grave defeito physiologico, a falta de pés na figura do homem. Futil pretexto para deprimir tal merito! O poeta havia previsto as aggressões da critica e fizera-me notar esta verdade irrefutavel:

– Se lhe faço os pés, hão-de irremediavelmente sair em versos de pé quebrado. E como um só quebrado jámais fará um inteiro, segundo a verdade mathematica, teria, para que o homem não ficasse apenas com fracções pedestres, de lhe fazer pelo menos – quatro pés. E isso seria um rebaixamento para o genero humano.

Esta logica de ferro deve fazer com que alguns criticos mettam os pés pelas mãos. Demais, Cantagallo bem longe levou o triumpho da fórma poetica. Se é certo que aquella figura carece de

pés, qualquer dos outros nephelibatas, por maior que seja, ver-se-ia na dura necessidade, por falta de recursos, de fazer aquelle homem, á sua imagem e similhança – sem pés nem cabeça.

XII

CANTAGALLO tambem abordou o genero theatral. A tragedia attrahia-o. As grandes dôres da humanidade podiam e deviam ser exhibidas n'um palco, para ensinamento de todos nós.

O ciume, esse monstro de olhos verdes, na phrase de Shakespeare, era o principal motor das maiores angustias. E n'esta convicção, Cantagallo escreveu uma larga tragedia, que não chegou a representar-se em Lisboa, porque a empreza de D. Maria não quiz arcar com as responsabilidades de tão violenta peça.

Intitulava-se: *A hora negra*. Era um trabalho symbolico: tinha por fim precaver os homens contra a negra inspiração, d'uma hora ou d'um momento, que muitas vezes assalta, como um lobo esfaimado, *os espiritos apascentados nas campinas do Bem.*

A dentro de cada domicilio, embora da mais pacata e affectuosa apparencia, havia sempre um corvo de negras azas, pairando agoirentamente, como que a incitar as almas simples aos desfechos tragicos do Mal. Era esta a opinião do poeta. Não havia ninho conjugal em que uma noite ou outra, por horas mortas, se não levantasse entre os conjuges, a proposito d'uma futilidade qualquer, um d'esses incidentes cujo desfecho se encontra ás vezes na bocca d'um rewolver ou nos braços d'uma forca! Como precaução contra o inesperado e allucinado momento, o poeta escrevera a tragedia, para ensinar aos homens o melhor meio de sanar questões conjugaes: fugir.

Elle proprio, na hora em que uma das suas concubinas fôra inspirada pelo tal côrvo, abandonara o leito rapidamente, e percorrera as ruas da baixa – cheio de prudencia – e em roupas brancas.

Lamento não poder transladar para aqui toda a brilhantissima tragedia, em que a perfeição dos versos corre parelhas com a lição moral; só posso offerecer uma scena destacada, unico fragmento que possuo d'essa immortalissima obra:

Elle

Mulher, mulher:
Ahi tens o peito, fére.
Ah! recúas, tens horror
A ensanguentar o meu amor?
Pões em pé os teus cabellos?
Arripiam-se-te os pêllos?
Anda, empunha o facalhão,
E fura-me o coração,
Como uma féra voraz,
Que em sangue tudo desfaz,
Ou engole-me d'um trago,
Como a baleia n'um lago
Enguliria um rapaz.

Ella

Não te engulo nem te firo,
Nem te parto em dois: prefiro
Enterrar-te bem no peito
A cochilla do ciume, a faca do despeito,
Fazer-te a alma em postas,
Roer-te pelo abdomem e pelas costas,
Pôr-te o pé no cachaço do orgulho,
Arrancar-te, uma a uma, as tripas do bandulho,
E n'essas tripas vis, como as dos bois,
Enforcar-te depois.

Elle

Oh! mulher, que horror! tem compaixão...

Ella

Não, mil vezes não!

A tragedia seguia toda n'este tom de sangue e de pavôr, e foi por isso que o distincto actor Augusto Rosa, embora contra a sua vontade, escreveu ao poeta uma carta amabilissima, em que havia este trecho:

.....

«E' com a magua no coração que sou em communicar ao ex.mo sr. Alberto Cantagallo a resolução tomada pela empreza d'este theatro. A tragedia é a melhor peça que se ha escripto na lingua de Camões e do Epiphanio. Mas (e aqui surge o implacavel *mas*) é forte demais para a sensibilidade das plateias. Tudo sangue, tudo vermelho. E a empreza não quiz a responsabilidade dos cheliques do bello sexo. Lembre-se v. ex.ª das *Euménides* de Eschilo: as damas desmaiavam, e até algumas creanças morreram. O terror ás vezes fére como um punhal.»

Foi esta a razão allegada, e é em boa verdade uma razão muito razoavel.

Noemtanto, é pena que a sensibilidade das plateias se adelgaçasse ao ponto de não resistir á força d'uma tragedia, onde se via desfilar, para ensinamento de nós todos, um cortejo brilhantissimos de verdades amargas.

Nota. – A' leitura d'*A hora negra*, no foyer de D. Maria, assistiram, entre litteratos e jornalistas, alguns dos nossos dramaturgos e comediographos mais em voga. E todos elles foram unanimes em declarar que a tragedia sobrepujava em merito tudo quanto em terras de Portugal vira a luz da publicidade.

Sómente Fialho d'Almeida, no seu vicio de chocar a opinião por meio de phrases espirituosas, declarou que a peça, em vista de tanto sangue, não era uma tragedia, mas simplesmente um açougue.

Ao que Silva Pinto replicou, com severidade e cortezia:

– Abençoado o açougue que nos dá tal carne.

O illustre critico alludia á carne do espirito, contrapondo-se ao auctor dos *Gatos*, que quizera extrahir o espirito da carne.

XIII

COMO Santo Ignacio de Loyola, que via a Virgem Santissima no delirio da sua nevrose religiosa, Cantagallo, uma vez estabelecido o seu ideal regionalista, passou a ver exclusivamente, n'uma pertinacia obcecante, as bellezas da provincia que resolveu cantar, e a que chamava *a pedra maravilhosa da corôa portugueza*.

A principal secção das *Algaravias* é um documento bem nitido da excessiva affeição que o poeta consagra áquella antiga região mourisca.

D'essa parte do seu livro vou extrahir dois pedaços, que apresento como simples amostra.

O primeiro é perfeitamente caracteristico. O poeta passa por sobre os topicos principaes do Algarve, derramando n'elles a uncção deliciosa do seu estro.

Com um poder unico de synthese, em poucos versos faz o commento admirativo d'uma exuberante região.

Reparem:

E' dia. Está um calor de quarenta graus ao sol,
Proprio do verão no Algarve, ó meu Deus, ó Deus meu!
Nem um cantico de rouxinol,
Nem uma nuvem, nem nada anda lá pelo ceu!
Passa o Assis, por outra, o seu herdeiro de tizanas
A pensar, a meditar, a scismar nas doenças humanas.
Ha figos por toda a parte, ricos figuinhos do Algarve,
Que não são para a bocca de qualquer alarve!
O vinho tem muito alcool, e ha muitas uvas passas...
Outr'ora houve tambem n'esta região malditas raças
De mouros... Mas nós, isto é, os antigos portuguezes
Puzemol-os fóra, por lhes irmos ao faval muitas vezes.
Os naturaes trocam o *ei* em *i*,
E em logar de *jantei* costumam dizer *janti*,
E outras vezes trocam o *i* em *ei*,
E em logar de dizerem *muito me regalei de tanto que comi*
Dizem *muito me regali de tanto que comei*!

Que doce ingenuidade, que terra de bons agouros,
Que – louvado seja o Senhor! – nem já tem mouros,
mouros, mouros!

O Algarve, com a sua flóra verdejante, a sua pronuncia graciosa e pittoresca, o seu Assis, as suas tizanas, a sua alfarroba, os seus figos, os seus antigos mouros, tudo apparece na téla, como magica evocação, brotando a uma simples pincelada do grande artista.

Mas Cantagallo – pois que a infallibilidade está circumscripta apenas ao Vaticano – teve uma falta grave na composição atraz, deixando no tinteiro a zoologia do Algarve. Esqueceu-lhe o atum.

No intuito de reparar similhante falta, logo a seguir apparece uma linda e extasiante composição, em que o poeta presta a homenagem da sua referencia, embora fugidia, ao saboroso animal da familia dos escomberoides.

Vejam:

Eu estava sentado. Era em Olhão,
Local muito bonito, ao pé de Faro...
E lembro-me (ainda me luz de paz o coração!)
Que me surgiu Nossa Senhora do Amparo.
Perfumea, lirial, equipollente, armelinica,
Reverberou luzes meigas sobre a terra cynica,
E eu vi (que visão! meu Senhor da Agonia)
Aquecer-se té ao rubro o frio da terra fria.
Era em Olhão, a dois kilometros de Faro,
Onde ha o Assis e o *atum* e o bello figo caro...
Caro aqui, porque lá o figo é mais barato
Por não pagar transporte e ser de lá nato.
E a visão estava parada no firmamento.
E então ajoelhei, não com o corpo, com o pensamento...
E a visão sumiu-se, formosa qual houri,
E nunca mais a vi!

Diz o poeta que ajoelhou. Como o leitor já sabe, Cantagallo tem deliquios e paroxismos de religião, e na sua alma abrazada de ideal ha uma

exuberancia de seiva mystica, que se instilla na atmosphera dos seus versos. Uma amostra:

«O' Nossa Senhora dos Navegantes da minha Alma!
Ouve-se no meu peito um vagalhão cheio de algas do mar...
Nunca ha calma! nunca ha calma! nunca ha calma!
Nem aqui, nem no ceu, nem n'outro logar...

Trago o peito affeito e atreito ás doenças de peito...
Isto vae mal, meu Deus, isto assim não tem geito!

Esoterica silva e lilial arthritica cogumella!
Que has posto a Paz divina na Oração do teu Menino...
Ardem lumes e crystaes!... E' Ella! é Ella! é a Donzella
Que vae no andor, como Nossa Senhora, ao toque do sino.

Trago o peito affeito e atreito ás doenças de peito.
E mal me posso erguer no Verbo direito e escorreito.»
.....

A magnificencia de tal Arte impõe-se ao pasmo do leitor e dispensa commentarios. Nunca foram precisos cicerones para explicar aos forasteiros a grandeza do celebre Colosso de Rhodes. Ha coisas n'este mundo, que basta um homem encaral-as de frente para logo cair de cócoras e de admiração. E até mesmo seria difficil extrair uma palavra serena de entre o tumulto de emoções que esta obra genial produz. Nem S. Francisco Xavier o conseguiria, e esse, segundo reza a lenda milagreira, até fez falar um cavallo!

XIV

UM dos principaes caracteristicos de Cantagallo é a sympathia por todos os animaes, a quem considera como *infelizes condemnados á irracionalidade*.

Mas a sua predilecção especial manifesta-se sempre pelas gallinhas, porque ellas symbolisam o enygma sempiterno da procreação. Já o poeta Campoamor notou que toda a humana sciencia era vaidade tola e vão orgulho, quando nos detemos a cogitar qual teria apparecido primeiro no mundo, se

> El uevo de la galliña,
> O la galliña del uevo.

Além d'isso, o poeta entende que todo o homem deve dedicar-se á protecção de um

irracional, para de alguma fórma reparar a injustiça da natureza.

Homens de fulgurante celebridade subiram á gloria com a nitida comprehensão d'esse dever.

Conta-se que Baudelaire, o dorido poeta das *Flôres do mal,* tinha em casa um porco espinho; Edgard Poe, o genio sombrio do satanismo humano e logico, tinha no seu gabinete de trabalho um corvo branco; Dumas pae entretinha-se a coçar a cabeça da comichão que lhe fazia um ratinho branco na cabelleira encarapinhada; Sainte-Beuve domesticava passaros, e entretinha-se algumas horas por dia no seu convivio; Grévy domesticou um pato, e teve-lhe affeição profunda; Dumas filho tem no seu palacete uma tartaruga domesticada...

Enorme seria a relação de animaes que despertaram predilecções no espirito de homens celebres. Seria necessaria uma grande extensão

para esse catalogo zoologico, e eu burlaria de certo a esperança do leitor se, em vez de narrar aptidões, sentimentos e feitos do meu heroe, me votasse á massuda tarefa de encher paginas com nomes de irracionaes.

O titulo d'esta obra põe em fóco apenas uma grande individualidade, e só d'ella me cumpre extrair o ensinamento que a envolve e que é, no fim de contas, a altissima razão moral d'este livro.

Eu pertenço ao numero dos que acreditam na elevada missão das lettras, mas entendo que no cerebro do escriptor as idéas devem ser joeiradas, como n'um crivo, para que o joio se não misture ao virtuoso trigo. E' necessario que um livro, como um artigo, como um aphorismo, obedeça sempre a um plano de ensinamento, para que o leitor possa colher de cada obra uma pequena ou grande lição social. Livros e artigos devem ser como arvores e plantas, cujos fructos e flôres

tenham serventia para a vida intima de cada homem, quer fornecendo-lhe o solido alimento da sabedoria, quer embalsamando-lhe o espirito com o perfume ideal das inspirações honestas.

Este livro destina-se a pôr n'um justiceiro relevo a vida do maior homem do seu tempo, e com ella indicar á humanidade o caminho da glorificação suprema. E' por isso que me não quero furtar á menção de detalhes, pois que sem elles o poeta ficaria incomprehendido na sua linha magestatica e geral. Para lhe dar os meios tons que compõem todo o sêr humano, é necessario descer a minudencias e episodios, n'uma especie de decomposição analytica, afim de que o leitor, ao cabo d'estas paginas, possa formar no espirito a synthese psychologica d'esta poderosa e fulgente individualidade.

E', pois, um episodio que vou narrar, o qual versa sobre a predilecção gallinheira do poeta:

Cantagallo possuia no seu quarto, dentro d'uma caixa de pinho gradeada na face fronteira, uma gallinha perderez, que vinha comer-lhe á mão. Era um animal intelligente e docil, ou pela força das circumstancias, ou pela influencia espiritual do dono.

Aconteceu que d'uma vez, tendo partido de Fornos de Algodres para Azeitão, em visita a um velho abbade das suas relações, e tencionando demorar-se alguns dias na companhia d'esse bom amigo, deixára a casa e a gallinha aos cuidados da sua antiga criada. Mas a pobre mulher, roída de saudades pelo patrão, que conhecera no berço, adoeceu, e foi recolhida em casa d'uma senhora da visinhança, muito respeitada pela sua caridade e outras virtudes. A gallinha foi tambem.

Quando o poeta regressou, teve noticia do que acontecera, e foi a casa da bondosa senhora agradecer-lhe os cuidados com que se desvelara

no tratamento da velha serva, e, como lembrança de gratidão, exclamou no auge do enthusiasmo:

– O coração de v. ex.ª é de oiro. Ahi tem o meu agradecimento...

E apontou-lhe a gallinha, que n'essa occasião, por inexplicavel coincidencia, cacarejou.

A santa senhora, commovida, sentia na garganta o embargo das situações sentimentaes, especie de nó hysterico capaz de se desdar em lagrimas.

– Ora essa... Mas eu não fiz mais do que o meu dever.

O poeta commoveu-se tambem, atirou para traz a melena loira, e pronunciou em voz grave, syllaba por syllaba, esta phrase inspirada:

– Que o orvalho do ceu anime o calix bemfazejo da sua alma, minha senhora!

Ella era toda dada a lyrismos meigos, e caiu-lhe nos braços, em soluços. A velha criada, posta ao

contagio d'esta explosão sentimental, alçou a mão ao peito opprimido e foi cair aos pés do patrão adorado.

E Cantagallo, com um fio de pranto a escorrer do lacrimal avermelhado, concluiu com emphase sublime:

– O pranto é o nectar das acções generosas!

E, dando um passo grave para a porta:

– Vamos!

A criada seguiu-o em passiva submissão.

Mas, ao outro dia, o poeta enviou um bilhetinho áquella santa senhora, pedindo-lhe a gallinha.

Ella, que se julgava em legitima posse do animal, pela expontanea doação que na vespera o dono lhe fizera, respondeu admirada d'uma tal reclamação.

Cantagallo sentiu no animo um assomo de raiva e, tomando a penna, traçou na sua caligraphia miuda uma longa carta em que explicava a confusão da vespera.

Quando apontara a gallinha, dizendo: «ahi tem o meu agradecimento...» não tivera nem por sombras a intenção de lhe dar *essa amiga emplumada, onde esbarravam todas as sciencias da vida, como em face da Sphinge esbarravam os transeuntes da lenda*... Apontara-lh'a, porque ella n'esse momento cacarejava, e esse cacarejo era a expressão d'uma alma reconhecida... E aqui o poeta fazia largas considerações sobre a linguagem das gallinhas, que elle estudara com mais afinco do que quando estudava o grego, nos seus tempos de mania hellenica.

Explanou em prosa scintillante toda a vasta theoria psychologica que engendrara sobre a ave especial das canjas, e, depois de largas generalisações, desceu as vistas sobre a gallinha em questão, chamando-lhe *boccado de si mesmo*, e terminava por esta phrase amarga e talvez rude:

«*... Já a senhora julgava que do pé p'ra mão se dava assim uma gallinha, que foi chocada com o calor do meu corpo!...*»

Aquella santa senhora, ao ler tão massuda epistola, pensou que o poeta a queria mystificar, e enviou-lhe o innocente animal, dentro d'uma alcofa, com um bilhetinho junto, em que declarava que não servia para troças e que para pallito era grossa demais.

E assim voltou aquella ave ao seu primeiro ninho.

XV

NO capitulo das extravagancias, vicios e exoticidades do poeta, teria fecundissimo ubere para amamentar longas paginas de humor faceto, se o meu intuito fosse o de esticar esta obra até ao ponto em que o leitor exclama, espreguiçando os braços:

– Apre! Que massada!

Mas, para caracterisar o heroe d'estas linhas, na sua feição humoristica e extravagante, basta o relato de alguns episodios, tomados avulsamente de entre os innumeros apontamentos que possuo.

Essas extravagancias, que são a logica consequencia do desequilibro mental, invariavelmente notado em todas as geniaes individualidades, de fórma alguma diminuirão, no conceito do publico, as proporções superiores da sua grande figura intellectual.

Todo o homem está vinculado ás fraquezas da carne, e jámais alguem logrará libertar-se das peias terrenas, que embargam intermittentemente o alto vôo dos espiritos illuminados.

Uma das grilhetas aferradas na vida de Alberto Cantagallo era a da tendencia alcoolica, a que elle chamava a *inspirada libação vinicola*. De manhã, de tarde, á noite, era facil vel-o sair de alguma tabernoria esconsa, hirto n'uma esguia sobrecasaca preta, limpando o bigode loiro.

D'uma vez, passando o poeta pelo Porto, n'uma estrepitante epotheose de artigos e noticias, o caricaturista Silva, artista de notavel merito, surprehendeu-o na travessa da Picaria, junto ao balcão d'uma tasca, emborcando um copo de vinho.

No domingo seguinte, o *Charivari* dava a figura de Cantagallo, n'uma *silhouette* comica de borrachão, pondo á bocca um copazio do tinto. E,

por baixo, um commentario espirituoso: *Isto é todos os dias!*

E era verdade.

D'outra vez, empoleirara-se sobre o estrado d'um alcouce, e ahi, em attitude de Demósthenes decadista, começara a empolgar o enthusiasmo de quem passava por essa viella corrupta, discursando emphaticamente contra a dissolução *das flôres carnaes, que medram nos monturos do vicio e da lubricidade*.

Um policia, que da esquina ouvira a voz esganiçada do orador, acercou-se da tribuna improvisada e convidou-o rudemente a que *mettese a viola no sacco*.

A indignação do poeta subiu-lhe do estomago ao gorgomillo. Quiz repellir a affronta, que punha em vergonhoso parallelo o seu verbo inspirado com um reles instrumento de fandango, mas a voz

estrangulou-se-lhe na garganta, e um grande vomito rompeu, como o jorro d'uma pipa arrombada.

E no meio d'um grupo de curiosos, fadistas e gatunos, que logo fizeram roda áquelle escandalo, o poeta gritava esganiçado contra a invasão policial, que *mettia no bucho a eloquencia dos genios, fazendo de lá sair o capitoso licôr da Verdade*.

Houve alli quem dissesse a meia voz:

– E' doido... Coitado!...

Mas o poeta enfureceu-se, cerrou ameaçadoramente o punho nervoso, e gritou, paraphraseando o conceito de Christo ácerca da Magdalena:

– Aquelle que nunca provou o elixir da parra, que me atire a primeira pedra!

E ainda, como na passagem christã, todos recolheram o pensamento ao fundo da consciencia, e começaram a debandar serenamente, olhando o poeta de soslaio.

Só o agente da ordem, na sua imperturbavel encarnação da lei, ficara alli petrificado, como uma estatua da estupidez heretica em face d'um mysterio religioso.

Não tendo percebido nada das palavras de Cantagallo, findo o aranzel sublime, dissera apenas:

– Retire-se, já lhe disse, quando não prego com você na esquadra.

A catadura d'este policia não era adaptavel á eloquencia do poeta. Elle comprehendeu-o bem, e retirou-se acabrunhado, emquanto o agente da segurança publica explicava a um transeunte curioso:

– E' um borrachão...

XVI

UM dos passatempos do poeta foi, durante alguns annos, assistir ao combate dos gallos.

E' uma predilecção que o seu espirito de paz e de concordia explica pela necessidade que o homem tem de aprender a defender-se das aggressões malevolas, estudando os botes de esgrima na lucta dos irracionaes. E como os gallos, pelo orgulho da sua crista, mais se approximam do orgulho humano, elle prefere estudar n'essas aves a maneira de se resguardar das bicadas do proximo.

E é com o mais caloroso enthusiasmo que Alberto Cantagallo se refere a um espectaculo d'esse genero, que conseguiu presencear em Madrid, na Puerta del Sol:

Custava a entrada dois *reales*. Cantagallo pagou quatro, para estar á sua vontade. Os gallos

eram allemães, raça pura, das creações de Pantolzein, o desgraçado principe cuja vida havia de ser tão tristemente epilogada na tragedia de Munsteinz.

Debruçado sobre a meza, o grande heroe espiritual assistiu impassivel ao combate, revelando nos olhos scintillantes a altiva coragem, que é apanagio do seu caracter e do seu talento.

Eram valentes os gallos. O mais pequeno, porém, n'um momento de impeto feroz, conseguiu derrubar o maior, preso pela crista ensanguentada.

Cantagallo gritou, cheio de enthusiasmo:

– Basta! basta! Esse gallo é meu!...

Fez-se um espanto em torno.

– E' meu! é meu!...

E o poeta repetia o grito com delirio e convicção.

Um sujeito de chapeu alto, que estava no grupo, e que, pelos modos, era o proprietario dos bichos, virou-se para Cantagallo, n'um sorriso desdenhoso e triumphante:

– Pois não foste!... Outro lhe chamará seu dono...

E perfilava-se já para bater no poeta, quando este exclamou, alteando o peito e os olhos:

– Foi Deus quem nos trouxe a este recinto sagrado, para nos proporcionar uma profunda lição. Nem sempre os grandes são algozes dos pequenos! A natureza tem os seus caprichos; a sociedade tambem. Esses gallos são symbolicos. E' a camada baixa da sociedade quem ha de derrubar a camada superior, que hoje se pavoneia de crista alta!...

E, virando-se para a assembléa, de braços abertos, sublime de inspiração:

– Esses gallos são uma moralidade, são a minha vida inteira... Dou já meia libra por cada bico...

Ouviu-se então uma voz feminina mas retumbante:

– Quem és tu que assim ousas falar de moralidade no meio d'esta gentalha?

– Sou Cantagallo! gritou o poeta.

Fez-se um silencio de pasmo e concentração; e acto continuo, um vulto de mulher pallida, tranças cahidas e braços em supplica, atravessou aos empurrões o grupo dos circumstantes e veio cahir de joelhos, abraçando o poeta.

Era Patrocinia, a creada antiga e fiel, a velha reliquia da familia Cantagallo.

O quadro era sublime: lia-se n'elle a dedicação constante, a abnegação submissa d'uma serva, n'um tempo em que cada creada só pensa em brindar o *mancipal* amado com

chouriços e presuntos da despensa dos patrões. Edificante e perduravel exemplo!

Mas este quadro, como as miragens santas, durou um momento apenas. O dono dos gallos, batendo uma palmada no hombro do poeta:

– São seus os bichos... Venha d'ahi a *massa*...

E estendeu a mão.

O poeta pagou logo e, virando-se para Patrocinia, que se conservava em copioso e enternecido pranto, gritou com voz de trovão:

– Anda d'ahi! Vamos comel-os... Quem gostar da rapioca que me siga...

E sahiu triumphante.

XVII

EM materia de amores, Alberto Cantagallo despertou paixões violentas. Meninas da baixa, ao vêl-o passar, córavam de sympathia e de desejo. Alguns paes de familia olhavam para elle como para o terror dos domicilios. Velhas e novas achavam-lhe *um não sei quê* de irresistivel. Elle sabia-o e algumas vezes se me gabou d'isso, em conversa confidencial.

Havia na rua dos Fanqueiros uma donzella de olhos meigos, com prendas e alguma calligraphia, que produzira no poeta uma violenta impressão. Ella amava-o tambem, com um delirio de paroxismos hystericos, gritando por elle em nocturnos pezadellos, que despertavam a familia, a horas mortas. Cantagallo escrevera-lhe trovas d'uma rara elevação idyllica, e elle encaixilhava em bordados finos o explendor d'essas trovas.

Mas um dia, certa contrabandista afreguezada na casa, dissera á mãe da menina que o poeta todas as noites se emborrachava. Foi uma tempestade que desabou no seio d'aquella familia mansa. Um borrachão! A mãe bateu na filha, o pae bateu na mãe, e a amorosa menina, a desfazer-se em lagrimas, foi obrigada a escrever uma epistola dolorosa, renunciando altivamente ao *falso amor jurado*, e pedindo as cartas e o cabello.

Eu assisti ao soffrimento d'aquelle homem superior, n'essa hora de tormentosa agonia. Caira por terra, ao sopro d'uma contrabandista, o castello das suas illusões tão puras! Os olhos que o haviam fitado, com aquella dulcissima expressão de luar amoroso, que tanta luz haviam derramado sobre a sua existencia, eram agora as duas janellas por onde olhava a astucia cruel d'uma alma ingrata!

Mas Cantagallo não era homem que succumbisse ao primeiro arranco da tempestade, e a sua energia muitas vezes como que se retemperava nas collisões difficeis.

Vinte e quatro horas volvidas sobre aquella ingratidão, o poeta enviou á sua falsa amada os objectos pedidos, e por seu turno reclamou a devolução de cartas e versos que lhe escrevera. Ella devolveu-lhe as cartas, mas os versos não. E dizia-lhe:

«Os versos foram-me dedicados; logo são meus; portanto, não lh'os dou».

Esta logica de ferro produziu no poeta uma noite de insomnia. Mas, n'aquelle poderoso espirito, uma insomnia não era uma noite esteril. Estendido sobre o leito, com os olhos fitos n'um ponto vago das trevas, a sua imaginação trabalhava fogosamente sobre a maneira de

convencer aquella mulher ingrata a restituir-lhe as trovas. E ainda a aurora não tinha alvorecido no ceu, já n'uma folha de perfumado papel o poeta havia traçado estas linhas, d'uma argumentação mathematica e irrespondivel:

«Ex.ma sr.ª.

«V. ex.ª é teimosa e eu sou cabeçudo. V. ex.ª não me quer dar os meus versos; eu quero que v. ex.ª m'os dê.

«A boa logica propõe o seguinte problemma:

«Um poeta escreve uns versos, assigna-os com o seu nome, publica-os n'um jornal, offerecendo-os á sua amada. Pergunta-se: De quem são os versos?

«Temos tres valores dados: o publico, a amada e o jornal. E' preciso achar o valor de X. Não são do publico, porque o publico nada pagou por elles; não são da amada, porque não foi ella que os publicou; não são do jornal, porque não foi elle que os inspirou. De

quem são, pois? Da incognita X. E quem é X? E' o auctor que os fez.

«Portanto, se o auctor dos versos é o dono d'elles, quando publicados n'um jornal, muito mais o é quando remettidos em amorosa epistola a qualquer donzella».

A carta terminava com uma secca e rigida assignatura.

Ella, que o amava, chorou lagrimas como punhos. E era o amor que lhe dictava a obstinação de ficar com as reliquias rimadas do primeiro estro que encontrara na vida.

Esse dia foi para a desventurada menina cheio de lancinante tristeza. O pae leu-lhe nos olhos o drama que lhe pungia a alma.

– Tu soffres, Fifi?

Mas ella sensibilisou-se, levou o lenço aos olhos, e desatou em soluços, n'uma convulsão.

– Ah! elle é isso! Espera, maroto, que já te arranjo!...

E esbracejando, com a raiva a faiscar-lhe dos olhos claros, o pae comprehendeu tudo.

– Se o apanhasse aqui, esborrachava-o...

E correu ao quarto, procurando uma bengala, um cacete, uma espingarda.

Encontrou uma vassoura, pegou-lhe com as mãos nervosas, e correu á rua em cabello, brandindo no ar o instrumento mortifero... do pó.

– Onde estará esse patife, que o escacho...

Mas na rua, ao vêl-o assim, de chinellos, grenha ao vento, os garotos correram-lhe no encalço:

– Fóra o doido!

– Arreda, que é doido!

– Larga a vassoira!...

Parava gente nas ruas. Creanças agarravam-se com medo aos vestidos das mamãs. Um sujeito,

de chapeu alto e sobrecasaca, fugiu por uma escada acima. Algumas senhoras desmaiavam. Mas dois commerciantes da rua dos Fanqueiros, barrigudos e amigos da ordem, fizeram-lhe cerco e cairam-lhe nos braços.

– Não se desgrace, por quem é...

– Lembre-se que tem mulher e filhos...

Elle então caiu em si, teve n'um momento a consciencia da sua situação, e desatou a chorar com uma creança.

– Tudo por causa d'um traste!

E voltou para casa, com a alma cheia de vergonha e a vassoira na mão.

Entretanto, a lacrimosa donzella mandara avisar o poeta da exaltação paternal.

E Cantagallo, n'essa mesma tarde, arranjou a mala e foi descançar alguns dias em Fornos de Algodres, á sombra pacifica e triste das suas

recordações de infancia. Na carta de despedida, que me enviou, dizia:

«Quiz açaimar com o despreso o odio d'um pae de familia assanhado. Não é o medo que me inspira a rapida partida para o torrão natal. Mas reconheço que a paz entre os homens é uma lei de Deus. Você comprehende que eu saberia antepôr as minhas barbas honradas ás barbas d'uma vassoira».

Sobre esse ponto, a provada coragem do poeta leva-me a crêr sinceramente – que nem as barbas d'uma vassoira lhe mettiam medo, nem mesmo as barbas d'uma baleia.

XVII[2]

A excentricidade do poeta estendia-se até á cidade dos mortos.

D'uma vez, entrara no cemitério, ás Ave-Marias.

Quando a sineta badalou, e o coveiro, saindo d'uma espessa ruela de campas, veio fechar o ruidoso portão de ferro, Cantagallo coseu-se com o reconcavo de um sepulchro de marmore, escondido n'uma ala de cyprestes.

Queria observar a vivo, de real e directa impressão, o funebre silencio do campo santo, alterado apenas pelo vago e quasi imperceptivel rumor das larvas e da fermentação cadaverica.

[2] Nota das editoras: assim no livro-fonte. Encontra-se repetido o capítulo XVII.

O seu espirito, ávido sempre de impressões violentas e novas, comprazia-se com o terror que transuda da habitação dos mortos.

A lua subia no nascente, pondo no marmore dos edificios funereos um tom pallido e melancholico.

O poeta assentou-se sobre uma pedra, entre um renque de bucho alto.

Quem n'esse momento por ali passasse, julgaria que algum cataleptico arrombara a urna horrivel, humida ainda das lagrimas da familia amada, e esperava que alvorecesse o dia, para vir dizer ao mundo que nas suas arterias ainda não tinha congelado o sangue.

Mas áquella hora soturna, e n'aquelle recinto vedado aos interesses e ás paixões humanas, só uma creatura de macabra phantasia, como Alberto Cantagallo, poderia arriscar-se assim ás visões temerosas que o terror supersticioso faz surgir nos

cemiterios... A lugubre alchimia da morte tem fluidos sombrios que apavoram a nossa alma. Mas o poeta entendia que esse pavor era bom para a galvanisação dos seus nervos, derrancados pelas asperezas d'uma existencia e d'um ideal incomprehendidos...

Durante algumas horas, conservou-se immovel, n'uma concentração morbida de desalento. Porque, apezar do seu inabalavel desejo de observar a necrópole commum, onde se agglomeravam os despojos de homens gloriosos e miseraveis anonymos, havia no fundo da sua consciencia uma vaga ameaça de perigos inenarraveis, de angustias subtis e incomprehendidas mesmo da sua alma.

Quando o sino da egreja fez soar as doze badaladas, hora que a lenda phantasmagorica escolheu para a libertação dos espectros, o poeta ergueu-se.

O luar batia-lhe de chapa, escorrendo-lhe ao longo da barbicha loira. Uma grande toalha de luz pallida alastrava sobre os talhões funereos, onde as sombras dos sepulchros faziam visagens horriveis.

Empoleiradas sobre as cruzes de pedra alvinitente, as corujas piavam agoirentos gritos. Um morcego, que volteava em torno d'uma candeia bruxoleante, accesa no interior d'um sepulchro, roçou a aza negra pelo rosto do poeta... Produziu-se-lhe logo uma vibração de terror, como se uma alma penada se erguesse da gleba fria e viesse poisar-lhe a mão no hombro.

Essa vibração pôz-lhe o espirito em delirio phantastico... E começou a ver quadros espectraes, medonhos, como se alguem fizesse incidir sobre o cemiterio a luz d'uma lanterna magica.

Esqueletos em fralda de camisa, batendo as tibias, como castanholas, n'um lugubre fandango... Antigos guerreiros, embrulhados em lençoes branquissimos, corriam para elle de montante em riste, fitando-o severamente, com as suas orbitas negras e vazias... Velhas corroidas pela prostituição do mundo e dos vermes d'além-campa vinham pôr-lhe na frente as pustulas hediondas, d'onde escorriam babas ensanguentadas... Antigos dandys, que no mundo haviam conquistado corações e destroçado matrimonios, corriam em busca de cabellos com que cobrir a luzidia calva, e em busca de pelle com que cobrir os regelados ossos...

Era um immenso, estranho mundo de pavorosa gente, impellida por movimentos sem rythmo, desconnexos, onde o estalido dos ossos fazia lembrar o son d'aquelle instrumento dos pretos, composto de dois paus dentados que se friccionam.

No meio d’aquelle pavor, Cantagallo começou a sentir desejo de compartilhar da vida estranha que o rodeava... Passando a mão pela fronte, d’onde orvalhava um suor frio, correu para o dédalo sepulchral, internando-se pelas moitas de bucho, entre cyprestes e goivos. Da sua garganta rompiam sons inarticulados, incoherentes, como echos longiquos d’uma infernal symphonia... Dir-se-ia que a musica dos Delphos, que endoidecia os espiritos, passava atravez do seu cerebro, distilando-se n’uma desconnexão delirante.

Cabello ao vento, olhos intuspectivos e vermelhos, o poeta erguia os braços e esboçava gestos de dançarino no meio de uma bacchanal.

Todo aquelle labyrintho de ossos, caveiras soltas, femurs desmembrados, arcadas toraxicas, espinhas cravadas de costellas, em fórma de enormes centopeias, queixadas com alvura e arreganho nos dentes, tudo o poeta calcava,

espezinhava, destroçava, como uma hyena sacrilega que, depois do repasto na podridão, quizesse brincar com os restos do seu banquete.

O tempo que durou esse delirio soturno, nem eu posso dizel-o ao meu leitor, nem Cantagallo m'o poude dizer a mim. Houve n'essa hora, para o seu espirito esquentado de terrores, uma como que paralysação da sua identidade.

O poeta abstraiu de si mesmo, transformou-se mentalmente, e só voltou a si quando sentiu que uma coisa, pezada como uma engrenagem de ferro, lhe apertava valentemente o biceps fragil.

Era o coveiro.

Figura rude e boçal, rabona de saragoça e cara alvar, destacava entre o pallôr mal esfumado da madrugada que alvorecia.

O poeta arregalou os olhos, teve um spasmo rapido, como se accordasse subitamente d'um longo desmaio, passou a mão pela fronte, como

para limitar a sua personalidade no meio da infinita irradiação de visões em que se emmaranhara, e, ao cabo de alguns momentos de esforço para comprehender toda a realidade que o cercava, ergueu a cabeça e gritou com modo desabrido:

– Que quer você, seu grandecissimo bruto?

O lugubre guardador das covas, o tragico fiscal do cemiterio, ao vêr-se tão altivamente interpellado, calculou que o seu pallido interlocutor não podia ser o gatuno sacrilego que suppozera, mas sim algum grande senhor tresloucado pela morte da idolatrada amante, e que, á similhança do rei Lear, andasse por ali a chorar a sua dôr... Seria algum principe ignorado, dominador d'uma grande parte da terra, mas dominado pela implacavel e nunca vencida magestade da morte…

E então, tirando o seu chapeu n'uma reverencia de humildade e de medo, murmurou com voz supplicante:

– Queira vossa senhoria desculpar… Eu imaginava que seria algum gatuno…

O poeta então, tocado no seu grande fundo de misericordia, e sentindo-se vibrar por aquelle sentimento humanitario que, á face do coração, nivella a estatura de todos os homens, quer sejam Cressus ou Job, quer sejam monarchas ou mendigos, traçou no ar lugubre um grande gesto de superioridade, e lançou ao vento esta nobilissima e sagrada allocução:

– Gatuno ou rei, todos descendem do mesmo peccado, todos brotaram da mesma fonte, todos soffreram a mesma dôr… No dia em que a Natureza poz o homem sobre o mundo, a Fatalidade quis baptisal-o, e deu-lhe por padrinhos a miseria e o soffrimento. Ungido pela

fluição ardente da existencia, o homem começou a caminhar na Vida. Larga estrada de cardos teria de ensanguentar-lhe os pés. As fontes do Bem, sonhadas no Paraiso Terreal, haviam-se estancado. Das arvores pendiam pomos cobertos de espinhos… No horisonte bruxoleava a luz d'um sol, que não era certamente a estrella polar, nunciadora da eterna bemaventurança, mas sim a candeia ironica para allumiar no mundo o caminho dás amarguras… E o homem partiu. Ensanguentado, escalavrado, como essas tribus nómadas que erram á mercê d'um destino sem fé e sem conforto, começou a procurar entre as sarças crueis algum monticulo de suave feno, onde os seus dias podessem repousar… N'essa demanda cruenta, n'essa aspiração sempre contrariada e nunca satisfeita, o homem revestiu mil fórmas para alcançar o fim do seu emprehendimento. Fez-se mendigo e banqueiro,

fez-se pária e senhor, fez-se trapeiro e monarcha… Mas jámais conseguiu alcançar o seu ideal de paz. O mendigo é irmão legitimo dos banqueiros, o gatuno é irmão legitimo dos reis… Todos nasceram do mesmo protoplasma, todos sahiram do mesmo embryão. A orbita que lhes foi prescripta restringe-se á mesma lei e obedece á mesma dimensão. Nascer, viver e morrer, eis a suprema trilogia de nós todos. Aspiração, soffrimento e desespero, eis a suprema trindade da Vida…

O poeta suspendeu a irradiação augusta do seu verbo. O suor cahia-lhe da fronte em tremulantes bagas. E, retomando a palavra, no momento em que o coveiro mal podia despertar do embasbacamento que tal oração lhe produzira, rematou:

– Vós todos, senhores de thronos e habitantes de choupanas, dominadores da terra e humildes

esfomeados, magnates de purpuras imperiaes e mendigos de esfarrapadas vestes, vós todos tendes a mesma origem, soffreis as mesmas maguas, penaes na mesma dôr, terminaes no mesmo fim…

E, apontando um gesto largo sobre os talhões alfombrados do cemiterio, o grande nephelibata concluiu:

– Eis aqui o grande mar onde egualmente emmudecem todas as vozes e onde terminam todos os soffrimentos. Bemdita a justiça de Deus, que egualisou os homens!

E Cantagallo, como um desvairado, seguiu rapidamente em direcção á porta ferrea do cemiterio, deixando o coveiro embasbacado, com os olhos esgazeados em face d'aquellas palavras de tão alta e rara superioridade.

Quando o funebre guardador dos mortos voltou a si, não pôde conter esta exclamação:

– Que homem tão bem falante!... Será este o tal Camões?!

XVIII

COMO todas as individualidades que conquistam uma alta situação na escala da vida, Alberto Cantagallo tem tido das invejas e dos despeitos o quinhão com que é costume brindar os genios.

Satyros de pechisbeque, criticos de papellão e barro, esfusiaram sobre o grande homem toda a casta de epigrammas e de insolencias, no ardor iconoclasta dos sandeus que destroem idolos.

D’um folheto anonymo, em que o auctor se denunciava pelo acre fel de inveja que lhe instillara, vou destacar algumas estrophes, ignobeis pela chateza da linguagem, pela rude intenção de maldade, e nas quaes o leitor verá a que extremos de villania póde descer uma alma movida de feroz despeito:

……...

Mas quem é esse grande Cantagallo
Que vós cantaes em livros e gazetas,
Que é já hoje um feroz Sardanapalo,
Odre pifio de trovas e de tretas?
Mas quem é esse espirito de gallo
A debicar nas poeticas sargetas?!
Cantagallo quadrupede, eu te azango!
E's mais tosco que um tosco ourangotango?

……

Ainda te hei-de ver rasgado e nu,
Mettido n'uma toca ou n'um buraco,
Ou então, baloiçado n'um bambu,
Suspenso pela cauda, qual macaco;
Ou n'uma feira como um kanguru,
Mostrado ás grandes massas a pataco.
E digo-te, sem grandes prolegómenos,
Que serás grande entre immortaes phenomenos!

……

Era melhor que andasses á gandaia,
Como rameira de nocturnas manhas,

Do que dares no mundo tanta raia,
Dizeres taes sandices e tamanhas!
Melhor seria ires c…antar p'ra praia
Da vil Gomorra as lubricas façanhas…
Era melhor metteres-te n'um nicho,
Inda que fosse no barril do lixo?
…….

O leitor está vendo a ignominia de tão baixos versos. Mas ha, entre o indigno repositorio de tal vilania, uma estrophe que só por si bastava para denunciar a torpeza d'uma alma.

E' esta:

Tens um cheirete a mofo e a rapozinho,
E é alcool só que a tua bocca exhala…
Foste gerado n'um tunél de vinho,
E foi ahi que te nasceu a falla.
E's das adegas o animal damninho,
E esse teu bucho é uma avinhada mala…
O' grande borrachão, ó pipa, ó ôdre,

Inda has de um dia rebentar de pôdre!

……

E basta!

Conspurca-se até o papel em que tal transcripção é feita! Não se disse mais de Balzac – o grande diffamado – nos primeiros annos da sua vida.

Mas tambem, á similhança do grande auctor do *Père Goriot*, o poeta só tinha um sorriso de desdem e desprezo para toda a horda de molossos que andavam a abocanhar-lhe a reputação.

Elle lembrava-se muito bem d'aquella grande verdade de Bartrina, que Fernandes Costa verteu magistralmente para a nossa lingua:

Se ao genio quer a patria agradecida
Duravel monumento erguer de pé,
Não faltam pedras; são demais até
Quantas a inveja lhe atirou em vida.

E só d’uma vez, por um impulso repentino e indomavel, escreveu na parede do seu quarto, a crayon, sobre a cal branca, esta quadra misericordiosa:

> Cada um de nós segue a tendência sua:
> O poeta escreve; o cão ladra. E’ corrente.
> Deixemos, pois, que os cães ladrem á lua,
> Porque, afinal, os cães tambem são gente.

E’ d’um desprezo esmagador esta resposta aos criticos. Sómente n’um ponto não posso concordar com a estrophe, e é quando o poeta affirma, cheio de complacencia para com os irracionaes, que *os cães tambem são gente*.

Não concordo, e creio que o leitor tambem não concordará.

XIX

NOS velhos tempos mythologicos, em que a sabedoria encarnava na pessoa de Minerva – bella deusa sahida da cabeça de seu pae – varios auctores julgaram ter encontrado a planta do riso, como se a feliz contracção do dyaphragma podesse andar assim á mercê d'um simples vegetal.

No canto quarto da Odyssêa, Homero refere uma passagem, em que Menelau, defrontando-se com Telemaco, filho do seu companheiro de armas na campanha de Troia, desata em cruciante choro.

Todas as pessoas presentes, incluindo a bella Helena, derramam lagrimas como punhos.

Diz Homero:

«Helena teve então uma idéa: lançou precipitadamente no vinho que se devia beber uma planta inimiga da tristeza, que dissipa a colera e faz esquecer os males. Aquelle que bebe o vinho d'essa planta é incapaz de derramar uma lagrima, mesmo quando tenha perdido seus paes, mesmo quando visse degolar seus irmãos e o mais adorado dos seus filhos».

Ha na Sardenha uma planta a que Linneu chamou *raynunculos bulbosos*, e que, segunde o *Intermediaire des chercheurs*, é oriunda da Arabia. Esta planta tem um succo venenoso, cuja propriedade violenta produz a morte, determinando na bôcca contracções similhantes ás do riso.

Durante longos annos a humanidade acreditou que o raynunculo da Sardenha dava felicidade, porque fazia rir. Veio a sciencia depois esclarecer que esse falso riso era apenas uma visagem de desespero, e que essa planta venenosa, em vez de produzir o riso, produzia a morte.

E a humanindade teve de riscar essa chimera do catalogo das suas illusões, e entregar-se com maior tristeza á demanda da felicidade, coisa intangivel n'este amargurado valle de lagrimas.

Mas um dia appareceu na face da terra uma planta chamada Nephelibatismo, e para logo os descridos do tal raynunculo julgaram ter encontrado o verdadeiro, o irrefutavel pomo da risota.

Os praticos da vida, os que alastram em triumphos parallelamente á medrança do estomago, proclamaram logo as virtudes do novo

fructo, e abriram as mandibulas em escâncaras largas de galhofa.

Essa planta, como nos povos felichistas, congregou logo em torno a si um grupo de sacerdotes, fakirs sinceros de uma pequena seita, devotados á tarefa da regeneração da velha humanidade, pela insufflação d'um novo Ideal.

Cantagallo tem sido o maior de todos os apostolos d'esse novo crédo, e, ao contrario de Çakia-Muni, que no seu bhudismo apontou o Nirvâna, rio de triste esquecimento, para inconsolavel final das nossas luctas, elle indica ao genero humano o horisonte em que fulge a estrella da felicidade, e préga no seu evangelho a facil maneira de attingir o supremo Bem.

Mas o mundo ri das suas palavras, e o Nephelibatismo é considerado pela mediocridade dos espiritos como uma degenerescencia intellectual, furtada aos manicomios pela

benevolencia da policia e pela tibieza inoffensiva da sua acção.

Ria embora o mundo! Hão de as gerações, quando o bom criterio estiver crystalisado nas entranhas da justiça, proclamar esses homens como obreiros d'um immortal monumento de salvação humana, expulsando simultaneamente, para as enxovias do desprezo e do nojo, aquelles que hoje pretendem vêr no Nephelibatismo o immorredoiro e veridico successor do tal raynunculo da Sardenha.

XX

DESPEDI-ME do poeta, em novembro do anno passado, na gare do Rocio.

Cantagallo partia no Sud-express, em direcção a Paris, onde alguns amigos lhe preparavam uma recepção festiva. D'ali tencionava seguir para Londres, onde esperava ultimar uma larga operação financeira, e depois iria percorrer a America, n'uma longa viagem de *touriste* sedento de impressões novas.

A partida do poeta coincidiu com um ruidoso caso policial, em que as linguas bifarpadas de inveja e odio encontraram polpa para o seu exercicio de diffamação. Fôra preso um gatuno de nome egual ao do nosso heroe; e logo os despeitos irromperam sobre a reputação do poeta, querendo indical-o ao mundo como um kleptomanico,

irremediavelmente tentado contra a prescripção do setimo mandamento da lei christã.

D'uma carta que o poeta me escreveu, por essa occasião, datada de Paris, destaco este trecho referente a tal infamia:

«… Por mim, não desceria a pegar com a tenaz da indignação no trapo sujo da calumnia. Faço-o instigado pelos meus amigos, que são, afinal, os retalhos da minha existencia, dispersa em doses affectivas pelas visceras da humanidade…»

E fez bem o poeta, renegando de si o repugnante vicio com que a diffamação quiz vilipendiar as suas virtudes. E' sempre bom que á teia malevola da infamia se contraponha o sol da Verdade, unico astro cujo clarão pode allumiar ainda os recessos d'uma sociedade corrupta, esphacellada em meio de criminosas miserias e culpas inconfessaveis.

A' purissima alma do grande nephelibata jámais se pegará o residuo de qualquer infamia. Como Santo Agostinho, elle póde dizer abertamente que sairá da vida com o coração lavado. Póde chover sobre a sua alta reputação o graniso das calumnias, como as torrentes pluviaes que cairam na era do chamado Diluvio Universal. Mas assim como da enorme innundação asiatica escapou Noé, representando a parte pura da humanidade, a alma de Cantagallo boiará sempre á tona de todos os despeitos e odios, como uma faúlha de eterna phosphorescencia sobre a decomposição pestilencial das sepulturas.

E cabe n'este momento invocar os magnificos versos de João de Deus, como uma radiante fresta de esperanças, apontada ao azul do mysterio providencial, para aquelles que passaram angustiados e puros sobre o lodo miserrimo da vida:

Não se é só pó no fim de tanta magua:
Senão, diga-me alguem que allivio é este
Que sinto, quando á abobada celeste
Alevanto os meus olhos rasos de agua!

NOTA FINAL

Termina aqui esta pequena serie de capitulos, em que apenas tentei mostrar de relance a incomparavel figura do mais original, do mais notavel de todos os nephelibatas.

Reservo para publicar mais tarde uma outra serie, sem a qual ficaria incompleta a obra. O publico poude ver nitidamente, n'esta rapida apresentação do poeta, a sua grandeza intelectual e moral. Mas, para a integridade da sua biographia, falta-lhe ainda conhecel-o na sua vida intima, quando, desprendido da feição que o immortalisa, entra na rotina da vida humana, sem atavios poeticos, sem apirações de celebridade. Esta segunda parte terá por titulo *Cantagallo intimo*.

Attribuie-se a Napoleão este conceito: *Nenhum homem é grande para o seu criado de*

quarto. Pois bem: mesmo na vida privada, composta de mesquinhas coisas, Cantagallo eleva-se á altura d'uma grande originalidade e d'um grande exemplo. Os pequeninos episodios da sua vida, de que possuo completos apontamentos, estou convencido que hão-de provar ao meu leitor que não é absoluta a verdade do aphorismo napoleonico.

N'essa segunda parte da obra vêr-se-ha detidamente a figura do grande sabio allemão, mr. Heine, que o leitor já tem o gosto de conhecer de vista, e alguns capitulos serão dedicados a explicar as razões subtis e imperiosas que fizeram do seu poderoso espirito um dos luminares apostolicos do *Nephelibatismo scientifico*, isto é, do nephelibatismo applicado ás sciencias medicas, por meio de drasticos e resolutivos.

E, antes de terminar, duas palavras de resposta a varios criticos que me accusaram de haver eu

affirmado ser Cantagallo o primeiro poeta que conseguiu fazer poesias de fórmas geometricas.

Eu não affirmei semelhante coisa.

O que disse e repito, sem receio de desmentido, é que foi Cantagallo o primeiro nephelibata que no mundo conseguiu realisar a *poesia humana*, isto é, a poesia do feitio dá gente.

E já agora, não quero despedir-me do leitor sem lhe offerecer um novo especimen do *genero humano*, em que Cantagallo quiz representar a modalidade da graça e da alegria, pondo os seus versos em fórma de bailarino, entregue á orgia choreographica d'um fandango celestial.

Eíl-o:

Tu Sei Que
Bem Que tu Eu
Vês E's bem bom Não
Que Eu tambem Sou
Eu Sou bom Mau
Não Vês Bem
Son Oh! Vês
Mau Ah! Tu

Ilusões. Opiniões. Questões. Rasões. Mões. Brazões.
Dissabôres. Amôres. Dolôres. Flores. Côres. Dôres.

O' que alegria !
Que bom Olympo !
Que olhos de tia!
Que céu tão limpo!
Quadra estival !
E mais lilial
Que o avental
Do roseiral
Que por meu mal
E' immortal !

Dissabôres. Amôres. Dolôres. Flôres. Côres. Dôres.
Illusões. Opiniões. Questões. Razões. Mões. Brazões.

Sim Não
Tu Sou
Bem Mau
Vês Pois
Que Tu
Eu Bem
Não Vês
Sou Que
Mau Eu
Pois Sou
Sou Bem
Bom Bom

Se algum poeta, nacional ou estrangeiro, me provar que alguem antes de Cantagallo conseguiu fazer versos assim, corto o pescoço. Venha a prova e um cutello. Antes d'isso, continuarei a consideral-o como o primeiro nephelibata de todos os tempos.

Junho de 1894.

Segunda parte

THEATROS E TOUROS

Impressões theatraes

I

As controversias sobre os differentes generos de litteratura nunca deram á opinião geral de um conceito axiomatico, para a indicação da superioridade. Cada genero reclama para si a culminancia intellectual, e as discussões d'esta ordem caem sempre n'um byzantinismo de argumentos incapazes de estabelecer solidamente a hierarchia das lettras. Depois do classicismo veio a escola romantica, em seguida o

naturalismo, e já este vae deixando terreno a um idealismo mistico, que tem a sua degenerescencia morbida no decadismo de todas as feições.

Em todas as seitas houve patriarchas, em todas as escolas houve mestres. Para a apreciação comparativa das differentes modalidades litterarias, seria necessario que o nosso espirito não fosse um producto das gerações passadas e não tivesse os caracteristicos da educação actual; seria necessario abstrair de todos os acessorios que constituem a indole do nosso tempo, e, de criterio puro, serenamente, analysar cada obra na relactividade da epocha em que se produziu, tendo para a medida dos meritos o ponto de referencia da razão e do sentimento que n'esse periodo predominavam.

Ora, como esta analyse absolutamente imparcial é contraria á relativa constituição do nosso ser, todas as controversias no sentido de

apurar superioridades de escola caem na proverbial discussão de Byzancio, sobre os predicados do i grego.

Esta opinião, porém, restringo-a á litteratura extreme, e vem a proposito de considerações que toda a gente terá ouvido e terá feito, sobre se a litteratura theatral é mais ou menos difficil do que a outra. Em materia de difficuldades nada ha que dizer.

Quando um dia perguntaram a Victor Hugo se considerava a poesia como a coisa mais difficil d'este mundo, o grande poeta respondeu que lhe não via a menor difficuldade: - para os poetas, facillima; para os outros, impossivel. Fossem lá dizer a Newton que fizesse umas botas, e o grande mathematico acharia esse trabalho tão difficultoso como qualquer sapateiro acharia impossivel resolver uma equação algebrica. As difficuldades intellectuaes não se discutem, porque dependem

da especial aptidão de cada homem. O que, porém, se pode discutir é o valor de cada genero de trabalho, á face dos principios do criterio actual.

Na minha opinião, a litteratura theatral é inferior á litteratura extreme, pela simples razão de ser dependente de varias collaborações.

No theatro, quasi tudo obedece a effeitos scenographicos. Um panno de fundo, que da plateia nos representa uma deliciosa illusoria paysagem, visto ao pé não passa d'uma accumulação de borrões de tinta.

O mesmo acontece com a litteratura theatral: certo monologo que, lido, encerra bellezas litterarias, pode no palco transformar-se em pretenciosa tirada, pondo a descoberto embutidos de rhetorica destoante nos labios de certo personagem e no decurso de certa scena.

Outras vezes – e tantas! – dá-se o contrario: lê-se um monologo, um dialogo, um acto inteiro, e tudo parece descolorido, insipido, destinado a fazer dormir o publico. Faltam-lhe todas as qualidades da legitima, da pura arte litteraria. E noentanto, esse monologo, esse dialogo, esse acto levanta e enthusiasma a plateia, e do litterato fallido sae muitas vezes um dramaturgo celebrado. Porquê? Porque havia alli as taes condições scenographicas, tão difficeis de avaliar n'uma peça manuscripta.

A intenção, a sublinha, a *tournure* com que um actor pronuncia ás vezes um simples monosyllabo, pode salvar uma scena e até um acto prestres a naufragar. E não venham dizer-me que o auctor previra o effeito d'esse monosyllabo, pois que raras vezes a rubrica das peças desce a indicações miudas e nunca pode dirigir a inflexão na pronuncia das phrases. Isso pertence ao actor.

E tanto assim é, que o mesmo papel representado por differentes individuos toma feições especiaes em cada um. Falla-se, por exemplo, no Hamlet do Rossi, no Hamlet do Brazão, no Hamlet do Salvini, no Hamlet do Irwing, no Hamlet do Novelli. Divergem em scena. Mas o personagem de Shakespear é só um.

Quantas vezes o auctor não fica maravilhado com o effeito lisongeiro d'um trecho em que não punha a menor confiança, e quantas outras não vê arruir-se uma scena d'onde esperava colher grande successo!

E' aphorismo batido em theatro que as peças são como as melancias: para saber o que valem é necessario calal-as. Só depois de representadas se podem avaliar; e isto provêm de que n'uma obra theatral collaboram muitos elementos, dependendo o seu resultado da *casual* conjugação de todos.

Esta dependencia a que se vincula a litteratura scenica é que, a meu vêr, lhe marca o logar de inferioridade, em relação á litteratura extreme.

*

O livro é folheado e lido no recolhimento de cada espirito. Não tem a guiar e a acalorar a emoção que d'elle promana – nem a scenographia, nem a collaboração do actor, nem o resplendor das luzes, nem o enthusiasmo do espetaculo, nem o concurso de tantos outros elementos favoraveis. O livro vae sósinho e desprendido de atavios brilhantes, levar ao espirito do leitor a confissão d'uma phantasia litteraria; vae, na phrase de Voltaire, como uma carta dirigida a todos os amigos desconhecidos que o auctor tem n'este mundo; vae sem pompas, sem apresentações rumorosas, sem ajudas de ninguem, entregar-se

com simplicidade á alma de cada leitor, e esperar ahi o affago ou a repulsão de cada consciencia, certo de que só ao seu merito real deverá o seu triumpho.

O exito theatreal, que muitas vezes provêm da excitação do ouvido e da vista, não se estende ao livro. A sua formosura não depende dos vestidos luxuosos que elevam mediocridades á cathegoria de bellezas. Desnudado, valendo apenas por si, pelo seu contorno intellectual, o livro só pode ter julgamento favoravel quando realmente o seu valor exista. Impõe-se pelo seu vulto, pela sua contextura, pela sua belleza, como a celebrada beldade da Grecia, que venceu o tribunal com a simples nudez das suas fórmas.

II

A meu vêr, a censura theatral, que entre nós se restringe á repressão das allusões politicas, no terreno da demolição social, ou das obscenidades sem veu, no terreno do decoro e da moralidade, devia ampliar-se até á repressão da chamada propaganda pelas reivindicações do quarto estado.

Como specimen frisante d'este genero de peças theatraes, representou-se ha pouco, em Lisboa, um drama intitulado *O capital*.

E' um documento de rhetorica subversiva, em que se pretende avigorar a theoria phantastica de Carl Marx – de que só o trabalho tem valor.

O grande publico, composto principalmente de proletarios, applaudiu a peça com delirio. Era natural. A empreza prosperou e o auctor foi nimbado pelas fulgurações da gloria.

N’este ponto, só felicitações nos merecem as duas entidades lucrativas.

Mas, derivando o facto para a esphera da conveniencia social, elle assume uma gravidade de tal ordem, que bem pode impressionar o espirito de quem tem por direito e dever a manutenção dos bons principios.

A chamada reivindicação dos direitos do homem, iniciada explosivamente nos fins do seculo passado, trouxe para a civilisação europeia, em virtude da expansão democratica, a confusão de classes sociaes, base anarchica em que se firma e se alenta a desordenada ambição actual do *quarto estado*.

A tomadia dos direitos politicos, estabelecendo o suffragio universal e fazendo depender das maiorias a decisão dos altos problemes, levou a cada individuo a comprehensão da sua influencia, igual á do seu semelhante na balança dos destinos humanos.

Consequentemente, começou a desfazer-se o respeito dos subalternos pelos superiores, e promiscuamente principiaram todos a erguer a vista para as culminancias sociaes, tentando, como Icaro, escalar o ceu do alto mando e das altas regalias.

Para a sociedade portugueza, o resultado immediato foi este: cada trabalhador de terra ou de officina, longe de perpetuar as tradicções do seu trabalho e da sua classe na educação dos descendentes, conseguiu, por incalculaveis esforços, metter os filhos em escolas superiores e fazer de cada homem, na força da vida e na edade mais fecunda, um simples e esteril bacharel, muitas vezes arrazado intellectualmente pela Minerva coimbrã, uma solteirona arrebicada, que alimenta os seus pupillos com *sebentas* e lhes intoxica o organismo com velhos elixires de sabedoria avariada.

Não pretendo entrar na engrenagem complexa das formulas pedagogicas, adoptadas durante tão

longos annos em Portugal, nem mesmo seria razoavel condemnar o movimento democratico que fechou o seculo dezoito.

A critica não lavra sentenças contra os designios implacaveis da evolução humana. Os grandes acontecimentos politicos são regulados por leis tão firmes como as que regulam qualquer phenomeno das sciencias positivas. Mas á critica resta o direito de pôr em relevo as consequencias, boas ou más, de cada facto, afim de que, pela sua completa elucidação, o espirito da humanidade se previna no sentido de dirigir beneficamente a sua marcha evolutiva.

E', pois, n'este ponto que a critica tem por dever encarar de frente a desordem intellectual que se revolve já no animo das classes proletarias, e apontar ao juizo recto dos que se interessam pelo bem da sociedade, alguns espiritos subversivos que, inspirados n'uma execravel noção de popularidade,

ou meramente desviados da linha do criterio são, insufflam na alma popular – o terreno composto de todas as ingenuidades – o filtro corrosivo do lemma egualitario, e o fogo da revolta contra a indestructivel hierarchia social.

III

HOUVE um tempo em que o Principe Real, sob a direcção dos fallecidos Ruas, era um alfobre de curiosidades, uma especie de caixa de surprezas, onde os espectadores de espirito frio podiam colher notas hilariantes, para um livro pittoresco e comico, ou notas psychologicas, para um estudo a serio sobre a indole d'uma parte do nosso povo.

Os espectaculos que a empreza então especulava, com certeza de exito, compunham-se de peças melodramaticos, onde as scenas giravam em torno de intrigas de sangue e lagrimas. Em cada dramalhão havia forçosamente um pae nobre, uma victima e um tyranno. A plateia atulhava-se de gente, e todas as noites era difficil encontrar algum bilhete de entrada, depois de subir o panno. O Principe Real tinha a sua clientella certa, composta quasi exclusivamente de habitantes da Mouraria. E, dada a

situação topographica d'aquelle bairro, plantado na vertente d'uma montanha, em cujo sopé fica o theatro, parecia que toda aquella multidão de espectadores vinha todas as noites rebolando até á porta, na confusão que nasce dos grandes enthusiamos.

E' que os Ruas tinham a sciencia completa do *réclame*, e nunca publicavam cartazes em que não houvesse um bandido cravando um punhal no coração da donzella, um facinora de feias barbas incendiando o palacio nobre, uma megera de grenha ao vento estrangulando uma creancinha loira. Os chromos então eram d'um effeito decisivo: via-se das feridas brotar um jorro de vermelhão, e era o sangue; um borrão de óca representava uma madeixa loira; uma pincelada de infusão de cebola ou de cosimento de caranguejos dava a imagem d'uma labareda destruidora. E era vêr o enthusiasmo com que a

multidão se apinhava na contemplação do cartaz, suppondo scenas dramaticas e commentando-as, no antegoso de quem se prepara para deliciosas impressões. E á noite, por volta das oito horas, já o atrio do *Principe Real* regorgitava de espectadores, ávidos de grossas commoções, tendo deixado na gaveta do bilheteiro o obulo com que iam engordando as finanças da empreza.

*

D'uma vez, representava-se o dramalhão intitulado *Uma causa celebre*. Rajadas de comovente rhetorica sacudiam o enthusiasmo dos espectadores. E no segundo acto, se bem me lembra, quando o tyranno da peça pretende completar a desgraça da sua victima, entrando-lhe em casa sem se saber como, e impondo-lhe a assignatura d'um documento infame, sob pena de

lhe embeber no corpo o cruel punhal, que brilhava á luz da ribalta, eis que uma porta se escancara com estrondo, e um homem surge rapidamente, suspendendo no ar o braço do facinora e gritando-lhe com voz trovejante:

– *Para traz, miseravel!*

E' indiscriptivel o rumor de applausos que echoou por todo o ambiente do theatro, entrecortados por vozes cavas, que exclamavam:

– *Mata-me esse tratante! Acaba com esse bandido!*

O tratante, o bandido era o honrado actor Costa, que então alternava com o Gil no desempenho dos papeis de tyranno.

Por outra occasião, representava-se uma peça, de que me não lembra o titulo, e em que se dava um roubo, praticado ás vistas do publico pelo personagem que passava por santo no decurso dos dois primeiros actos. O crime era attribuido ao

verdadeiro bom homem da peça, e esta injustiça indignava a sinceridade da plateia. De forma que, ao produzir-se a captura do supposto criminoso, indicada com perversidade cynica pelo depoimento do verdadeiro ladrão, das galerias irromperam gritos, fazendo á authoridade a denuncia da verdade:

– *Quem roubou foi esse patife que ahi está! Olha que o ladrão é esse!*

O actor mais estimado n'esse tempo, e aquelle que maior fervor de applausos despertava nos espectadores, era o Alvaro.

Duas circumstancias concorriam para o seu exito constante: a escolha de papeis sympathicos, cheios de generosidade e de palavras nobres, e a voz pausada e cava, de tymbre poetico e musical, com que este actor declamava.

O affecto do publico por este artista chegava a extremos de enthusiasmo delirante.

Representava-se n'uma noite o *Capitão de Piratas.* Era uma peça cheia de sangue, de tiros, de situações fortes. Alvaro desempenhava um papel de official de marinha, e no 1.º acto era preso pela pirataria, contra os clamores indignados do publico. No 2.º acto o sympathico actor não apparecia, por estar engaiolado no porão. Pois ao cahir o panno, a plateia rompeu em gritos de *fóra o Alvaro*, *fóra o Alvaro*, e quando elle assumou no palco a agradecer commovido, estrallejou uma saraivada de palmas, capaz de mandar um artista para a immortalidade.

E' que o coração do publico, ferido na sua sensibilidade ingenua, protestava d'aquella fórma contra a prepotencia dos piratas, que haviam mettido a ferros um heroico e sympathico official de marinha.

Mas houve ainda occasiões em que mais se demonstrou o affecto ardente que o actor Alvaro

conquistara. Acontecia de longe a longe, no intuito certamente de mais afervorar o desejo de todos nós, esquivar-se o artista a entrar n'uma ou n'outra peça. A ausencia do seu nome nos cartazes de espectaculo diminuia logo a concorrencia e esfriava a espectativa do publico. Mas ahi por volta do 3.º acto, quando a impaciencia da plateia entrava a demonstrar-se pelo seu tenuissimo rumor que antecede os grandes desagrados, eis que uma voz se lembrava de chamar *fóra o Alvaro*, e logo a multidão inteira se esganiçava no mesmo brado, que era um verdadeiro grito d'alma.

Ora o mais pittoresco do caso era que o Alvaro ás vezes não se encontrava no palco, e o rumor da plateia ia crescendo assustadoramente, como uma ameaça medonha. E então os Ruas, temendo que o publico espatifasse o theatro, se lhe não puzessem para alli, em carne e osso, o estimado

actor, mandavam um trem á desfilada em procura do Alvaro, e onde quer que o encontrassem, vivo ou morto, haviam de o trazer por força.

E quando elle apparecia no proscenio, sacudindo da fronte a cabelleira romantica e rolando os olhos sentimentaes n'uma reverencia de amizade e de gratidão, tal enthusiasmo se erguia na plateia, que o rumor dos applausos até fazia estremecer os parallelipipedos da rua Nova da Palma.

*

O actor Alvaro, tendo conseguido, pelo seu dedicado e intelligente trabalho, garantir a subsistencia dos seus dias, abandonou a carreira theatral, e foi acolher-se á pureza ingenua e salutar d'um cantinho provinciano.

Alli, com a atmosphera oxigenada e o grande ceu amigo das almas contemplativas, sem o roçar de invejas mesquinhas que fermentam na capital, mais perduravel será o viço da sua corôa de loiros, a não ser que o sympathico artista, á semelhança de Fialho d'Almeida, quando foi para Cuba, renegue as mundanas e lisongeiras recordações do seu passado, e se sirva exclusivamente dos louros da sua corôa – para escabéche.

Esta culinaria e grosseira applicação de honras colhidas, confessada pelo meu amigo Fialho, n'uma hora de amargo despeito pela insufficiencia mental do paiz, não me parece exemplo de tal grandez que arraste imitações.

*

Enquanto ao genero melodramatico que o *Principe Real* punha em scena todas as noites,

n’uma insistencia de pavorosos tramas, que arrancavam lagrimas aos espectadores de ingenua commoção, e que faziam rir alegremente os heresiarchas da angustia das peças, encontro no *Journal des Goncourt* um episodio muito a proposito, narrado por Daudet:

Entra n’um omnibus uma mulher carregada de luto, e o rosto cavado n’uma expressão de profunda amargura. O passageiro do lado, em face de tanta magua, pergunta-he a causa das suas afflicções.

«E ella conta, no meio do enternecimento de todo o omnibus, e do conductor que não faz senão levar o lenço aos olhos, a enxugar as lagrimas, a morte d’um primeiro, d’um segundo filho. Mas á morte do terceiro, o interesse baixa no omnibus, e quando ella chega á morte do seu quarto filho, comido na margem do Nilo por um jacaré – e foi

este talvez o que mais soffreu! – todos os passageiros desataram a rir.»

Daudet termina esta anecdota comum conselho aproveitavel:

«A historia da mulher do omnibus, é de conveniencia que todo o auctor a tenha presente, quando escrever uma peça.»

IV

UMA vez, em D. Maria, assisti á representação do *Marquez de Villemer*. Peça magnifica, que o publico conhece de sobejo. A critica, pela sua parte, já lavrou para sempre o seu voto de applauso áquella obra de George Sand, a quem Victor Hugo chamou a *sublime mulher d'este seculo*.

Mas não é precisamente da peça que eu pretendo fallar ao meu leitor.

João de Deus, o saudoso lyrico, conta, em versos hilariantes, que foi um dia ao theatro, e que sahiu de lá sem se lembrar da peça que representára. Em compensação transportou, na memoria fresca, todos os detalhes d'uma pequena farça representada n'um camarote ao lado, entre uma familia burgueza,

«Mãe, duas filhas, pae… ou o quer que é»

Ora eu não me esqueci da peça que vi representar, nem do caso burlesco que me atormentou a noite.

Fiquei collocado entre dois individuos comicos: um preto e um magricellas esgalgado e loiro. Este facto não é para dmirar n'uma cidade meridional, amiga das côres; noentanto, quiz-me parecer um caso de mau agoiro aquella minha situação entre um contraste de chromos. E não era infundado o meu presentimento.

Quando o panno subiu no primeiro acto, o loiro tossiu e o preto assoou-se.

Não sei se entre a tosse e o muco nasal ha relações de affinidade; o que e certo é que d'ahi a pouco os dois conversavam com intimidade, atravez da minha pessoa, assoprando-me aos

ouvidos palavras em portuguez atravessado de bunda.

O loiro tinha percorrido parte da Africa ocidental e saboreava com prazer evidente aquelle cavaco do muleque, com o panno em cima.

Eu também comecei a saborear…

Emquanto no palco, a marqueza de Villemer recebia nos braços o filho estroina, que regressava ao lar materno, com o coração cheio de affectos e a algibeira cheia de dividas, os dois chromos foram desenrolando todo o panorama das suas recordações d'Africa, recordando-se mutuamente as impressões immorredoiras que de lá trouxeram.

O loiro não podia esquecer-se – e dizia-o com magua – dos amores que em Loanda havia cultivado no coração d'uma negra do Libolo, tribu indigena de athletas betocudos, anteriores ao uso da parra.

O preto, esse, menos sentimental e mais alcoolico, trouxera para a Europa uma bagagem de saudades pela cachaça do fazendeiro, uma cachaça como não se fabrica por cá, n'esta maldita terra…

E o cavaco entrou a derivar para a apotheose da Africa e excommunhão da Europa, por falta de cachaça, quando o panno desceu sobre o primeiro acto do *Marquez de Villemer*.

Os outros actos não tiveram dos dois nostalgicos do Continente Negro a mesma attenção de cavaco amoroso e cachaceiro. Em compensação, tendo fechado o postigo da loquella, deram expansão ás contracções do diaphragma, e durante o espectaculo foi um nunca acabar de risinhos estridentes e gargalhadas francas. Nas scenas mais culminantes da peça, trechos de uma alta seriedade dramatica, quando na platéa se fazia a concentração e o silencio,

estalavam ao pé de mim as risadas estupidissimas d'aquelles dois mycrocephalos bimanos, com alforria de livre transito, vestidos de gente.

Houve uma occasião em que eu tive vontade de deitar as mãos ao pescoço do preto e estrangulal-o. Foi quando o marquez de Villemer, desvairado pelo ciume, apostropha contra o irmão a sua vida de estroina dissoluto. A scena attinge um alto lavor dramatico, quer pela factura eminentemente primorosa do dialogo, quer pela interpretação culminante de Brazão e João Rosa.

Então, o preto, com os olhos amarellos, a testa abatida até á nuca e os beiços dependurados por debaixo do nariz raso, soltou um risinho estridulo, uma especie de guincho terciario, feito de toda a animalidade atavica d'aquelle ser inferior, com pés e mãos.

Virei-me para elle, n'uma visagem de rancor, e por momentos tive a ideia representativa de

quanto seria justo e delicioso ver aquelle muleque dependurado pelos cabellos, a pernear, com a lingua de fóra.

Sahi furioso.

*

Recordo-me d'um caso de risota lorpa, que attenua em parte a estupidez do maldito preto, que n'aquella noite me atormentou.

Foi no theatro Baquet, do Porto, ha mais de dez annos.

Achava-se alli a companhia de D. Maria II, e n'essa noite representava-se o *Hamlet*.

A casa estava cheia, por uma razão muito simples: a *fina roda* assistia ao espectaculo, e o burguez considerar-se-hia o ultimo dos villões se não fosse hombrear de luvas e chapeu alto com essa *roda fina*.

Escusado será dizer que ninguem gostou da grande tragedia. Durante o espectaculo, algumas senhoras da primeira ordem, matronaças reboludas, adormeceram de tedio, e os homens sahiam para o corredor a fumar um cigarro, pretextando uma pontada no ventre ou uma dôr n'um callo.

Apesar d'isto, todos diziam que gostavam muito, que era magnifica a peça e que o desempenho era de primeira ordem.

A immortal tragedia foi rolando nos seus gonzos, desvendando toda a culminancia dramatica e toda a intuição psychologica d'esse grande sentimento – a Duvida – que Shakespeare concretisou no Hamlet, n'essa alma desvairada e tumultuaria, especie de ave agonisante e espavorida entre uma legião de abutres – irritações do odio, rancores de vingança, spasmos

de duvida, sarcasmos de amor dorido, esperanças de sangue e chagas de desesperança.

A plateia, sem comprehender, presentia no entanto que havia alli alguma coisa de superior, algum pedaço de genio que fazia aquella atmosphera pesada e tragica.

E conservou-se calada e quieta, n'um respeito inconsciente, até ao ultimo acto.

Mas visivelmente era um *tour de force*, uma repressão violentissima, que dava ás physionomias dos espectadores um ar de contricção forçada, exterior, sem vibrações dentro.

Na scena do cemiterio o riso despedaçou os diques que o represavam, refez-se no theatro o humor habitual, as physionomias retomaram a sua feição despreoccupada e estulta.

A conversa dos dois coveiros, pungida de sarcasmos tristissimos, de ironias lancinantes, foi acolhida pelo publico inteiro com gargalhadas

desmedidas, como se esse pedaço da grande tragedia fosse o escoadoiro da galhofa reprimida durante a peça toda.

*

Depois d'isto, lembra-me um alvitre sensato:

Que as emprezas theatraes imprimam nos cartazes, por baixo do titulo da peça, uma d'estas tres inscripções:

Para chorar.
Para rir.
Para rir e chorar.

Talvez que d'esta fórma possamos conseguir um publico cordato e apresentavel.

V

E’ curioso, para quem se interesse na observação da alma humana, ir anotando certas incoherencias fundamentaes, que só podem ter explicação pelo enorme predominio da phantasia sobre o coração.

Tenho conhecido alguns homens de dura sensibilidade, incapazes de commoção perante uma desgraça real, e que se enternecem até ás lagrimas ante uma scena dramatica, bem ou mal representada.

A desgraça simples, sem phrases, sem rhetorica, um mendigo com feitio de aborto, um velhinho cego e sem pão, qualquer d’esses tragicos exemplares que a injustiça fatal do destino vinculou á grilheta do soffrimento horrivel, não desperta no coração d’esses homens a mais leve commoção de dôr, e nem a sua

phisionomia se vinca no mais fugidio traço de amargura. Mas a desgraça figurada no palco, com uma pompa de phrases a dourar-lhe as pustulas e uma collaboração de scenario a encaixilhar-lhe as dôres, essa desperta tristezas e chega a espremer lagrimas.

E' que a funcção das grandes phrases, exercendo-se sobre a phantasia humana, vae escorvar na alma alguns sentimentos, que a simples observação da vida real e pratica não consegue despertar.

Conta-se e isto vem justamente em reforço da minha affirmativa – que o sanguinario Sylla era d'um enternecimento feminil, chorando até, quando ouvia alguma narrativa de desgraças. Elle, que todos os dias mandava enforcar dezenas de victimas, e que diante d'essa crueldade real nem sequer mostrava o mais pequeno desgosto, quando no theatro assistia a qualquer scena

melodramatica, escondia-se no seu camarote, para que a multidão não visse a sua fraqueza, isto é, as suas lagrimas.

Esta incoherencia confirma o conceito de Diogenes-Laerce – que o coração se enternece mais com os males fingidos do que com os verdadeiros.

Um outro facto da historia antiga vem corroborar esta verdade:

A celebre Messalina, odiando sem motivo um homem chamado Valerius-Asiaticus, inventou contra elle, junto do imperador, varias calumnias que deviam leval-o á morte.

Valerius, que sabia fallar e era inspirado pela verdade, de tal fórma se defendeu, que o monarcha chorou, e até a propria Messalina se retirou soluçando. Mas ao retirar-se, entre soluços e lagrimas, teve o cuidado de segredar ao ouvido

de Vitellius, especie de chanceller – que não deixasse de mandar matar o preso.

Esta contradicção de sensibilidade corrobora o imperio da phantasia sobre o coração.

No atrio de D. Maria, entre o terceiro e o quarto acto d'uma peça que se representou com exito, um critico meu amigo, apontando para uma estatua que alli desempenha o papel de Venus bronzeada, disse-me estas palavras:

– A minha opinião sobre a peça… olhe você – é como aquella estatua: parece de bronze… e afinal é de gêsso.

Quantas peças de gêsso não andam por este mundo a fingir bronze!

VI

UMA das bases principaes – senão a principal – sobre que pode assentar o exito d'uma peça nos nossos theatros mais populares, é a immoralidade – das phrases ou das scenas.

O olho da critica, habituado ao desbragamento concupiscente que de longa data vem laureando auctores e ammamentando emprezas, desce as palpebras gulosas ou benevolentes em face de quantas indecencias theatraes se lhe apresentam.

O publico, pela sua parte, á força de applaudir, perde o animo de protestar; e embora convenha em que no palco se dizem coisas que sujariam até a atmosphera das alcovas, nem por isso o seu obulo deixa de cahir na gaveta do bilheteiro, com tanto mais fervor quanto maior pareça o escandalo da peça.

A’ falta de espirito e de graça, o auctor de comedias, em geral, pretendendo abrir as mandibulas do publico até o empanzinar de risota, encontrou este meio simples de colher successo, fazendo resaltar o chiste hilariante do choque produzido entre a seriedade da plateia e a bregeirice do palco.

Pacatos paes de familia, obêsos e vermelhos, desopilam a figadeira encruada no ramram do trabalho, e as donzellas sensiveis córam por vezes até á ponta das orelhas, n´um irrequieto assomo de pudôr. E, semeados pela plateia, armados de binoculo, os dandys bregeirotes espreitam as donzellas, no intuito de lhes surprehender no rosto o genero de sensação que a scena lhes imprime, e n’essa observação encontram aperitivo para appetites sensuaes, que as ceias e as noitadas quasi de todo derrancaram.

No genero *opereta* – hibrida estragação em que se não respeita nem musica, nem canto, nem litteratura, nem arte de representar, nem nada – genero predilecto das nossas plateias, o que mais agrada, o que mais prende, o que mais facilmente decide do exito da empreza – são as pernas de actrizes e comparsas, subindo o enthusiasmo do publico á medida que a nudez das mulheres vae subindo, e chegando esse enthusiasmo a um paroxismo esbrazeado, quando o vestuario das actrizes atinge, pela sua ausencia, o exclusivo da parra, pudibundissima folha immortalisada nos annaes da estatuaria grega.

D'esta fórma se explicam as enchentes que a Pepa dava, e se reconhece a origem lucrativa de muita semsaboria, impropria de figurar em recinto que não tenha a denominação de barril do lixo.

*

* *

Esta predilecção do publico pela nudez feminina em scena, não é exclusiva da nossa terra. Em França, ha bons trinta annos, já Luiz Veuillot dizia nos *Odeurs de Paris*:

«Mas o que é espantoso é o objecto que se emprega por attrahir a multidão – a mulher nua. Não fallo do horror da alma deante d'esta prostituição; fallo do simples horror da vista. O espectaculo é mais horroroso que deshonesto. As azemolas que alli se veem não se contentam com serem feias de cara, feias algumas até á abjecção; são principalmente mal construidas; cambaias, bochechudas, pançudas, abauladas, ossudas, impudentes e canhestras, sem geito de andar, sem posições. O' terriveis deformações da ave

depennada! O’ indigestão ruidosa e abominavel d’onde emanam cheiros de monturo!»

VII

UM dos pontos de mira que cada auctor deveria ter, ante a execução da sua obra, seria, a meu vêr, o da verdade e da dignidade social.

Para que o theatro exerça uma acção benefica sobre os espiritos e sobre os costumes, é necessario que elle respeite e propague as noções fundamentaes do nosso sêr moral, de forma a não transmudar em ridiculo scenico o que na vida real é respeitavel, de forma a não desviar, pela emoção profunda da arte, a linha recta do criterio natural no espirito da multidão hesitante.

«O theatro em França – diz tambem Luiz Veuillot – applica-se, ainda mais do que a imprensa, á destruição da familia e da ordem social. A concubinagem e o adulterio figuram no palco livremente, como se fossem de direito

commum; a maior parte dos heroes, ha já alguns annos, são filhos bastardos ou mães solteiras. O casamento regular é o assumpto de todas as irrisões, a paternidade o alvo de todas as graçolas.

Vi uma peça annunciada como um espectaculo innocente, em que o pae da heroina, culpavel de se oppôr aos ardores eroticos de sua filha, é escarnecido e enganado desde a primeira scena até á ultima.

Todas as boas familias de Paris alli levaram os seus filhos, rapazes e raparigas».

Este reparo é justo e tem applicação rigorosa ás familias da nossa terra.

*

Certamente que não levo o meu conceito sobre as comedias á condemnação radical, firmada por alguns philosophos de elevado espirito, como

João Jacques Rousseau, por exemplo, que diz, na sua brilhantissima *Carta a mr. d´Alembert:*

«Tudo n'ellas é mau e pernicioso… E o prazer mesmo do comico, sendo fundado sobre um vicio do coração humano, dá em resultado este principio: que quanto mais agradavel e perfeita é a comedia, tanto mais funesta se torna a sua influencia nos costumes».

Li ha tempos, não me lembra onde, que o conde de Moltk, ao regressar a França, pouco antes da campanha de 1870, manifestara a sua inteira confiança no bom exito do exercito allemão, attendendo ao estado de immoralidade em que observara os officiaes francezes.

Moltk ajuizava da força d'um exercito pela maior ou menor predominancia de moralidade nos seus officiaes.

D’onde se póde concluir que a immoralidade é um symptoma de decandencia e de esfacellamento, symptoma que, de resto, já foi o prenuncio sombrio da queda do imperio romano, da monarchia de Luiz XVI, e d’outras eras notaveis na chronica da humanidade.

VIII

PARA que o theatro desempenhe a missão civilisadora que d'elle seria licito esperar, deveriam os auctores ter sempre em vista, no entrecho nas suas peças, pôr em relevo bem nitido as boas e as más paixões, de maneira que no publico se produzisse uma emoção justa, tendente a corrigir ideias e sentimentos.

Todos nós temos visto dramas e comedias em que um bandido ou um grotesco assume as honras de heroe sympathico, e levanta a plateia n'um clamor de apotheose.

Alguns heroes de peças antigas, como Orestes, por exemplo, que estrangulou a mãe, como Syphax, que envenenou a mulher, como Agamemnon, que matou a filha, etc., são interessantissimos e chegam a despertar no leitor

uma grande admiração lisongeira pelos seus feitos.

E não vá suppôr-se que estes personagens imaginarios tenham no nosso espirito uma influencia meramente litteraria. Quando Schiller publicou *Os bandidos*, a excitação que essa obra produziu na Allemanha foi de tal ordem, que alguns rapazes das melhores familias organisaram quadrilhas de salteadores, e foram para os campos, como facinoras, correr uma vida de bandoleiros e de ladrões.

Esta influencia da litteratura sobre os espiritos era certamente muito mais intensa no reinado do romantismo, do que na epocha actual.

Quando fez voga em França a *Dama das Camelias*, muitas raparigas quizeram assemelhar-se á protogonista do pernicioso romance, e até a horrivel doença de que a Margarida morre – a thisica – passou á cathegoria de enfermidade

poetica. As donzellas faziam luxo da pallidez anemica, entraram em scena as chloroses, e uma grande parte dos homens actuaes soffrem ainda as consequencias do desvairamento d'essa geração, refractaria aos grandes principios da saude e da força phisica, dos banhos frios, do ar lavado e dos exercicios musculares.

Hoje, felizmente, dada a revivescencia, que já é notavel, do culto phisiologico, a litteratura doentia não exerce sobre as creaturas tenras a acção energica d'outros tempos, mas o seu effeito pode ser igualmente pernicioso se, desviado do ideal do romantismo absoleto e piegas, se dirigir á mais vibratil corda de todos os bipedes – a sensualidade – pondo-lhe no espirito, como ponto de mira, o caracteristico que na historia assignala os ultimos momentos da Babilonia, de Gomorrha e de Sodoma. Accrescendo ás exhibições concupiscentes das operetas o desrespeito social

no thema das comedias, temos em scena uma verdadeira e completa escola de pouca vergonha.

TOUROS

TEMPOS de capa e espada! bons tempos esses… Havia então a arte suprema de tornar pittoresca a vida, entrecortando-a de peripecias, de lances arriscados, de aventuras felizes. A altiva aspiração dos vinte annos era a conquista da gloria para a conquista da amada. O orgulho indomavel da mocidade só se rendia ante os encantos da escolhida do seu coração. O homem que não tinha coragem para antepôr aos perigos, e braço de ferro para remover os obstaculos, não alcançaria captivar as graças d'uma donzella.

A tempera das almas nobres fazia-se na guerra ou nos torneios de encruzilhada.

D. Francisco de Quevedo e Villegas, que era feio como um bode, ceifou na seara amorosa muitos corações de donzellas. E' que as raparigas d'esse tempo não gastavam affectos com um

bigode mais ou menos retorcido ou com uma bochecha mais ou menos corada e delambida. Os Damasos Salsedes do nosso tempo, se os transplantassem para a edade media, poderiam, quando muito, se n'esse tempo as houvesse, servir de engommadeiras. Hoje são os *leões da moda*, e as meninas da baixa disputam-lhes as farripas da cabelleira casposa, com a mesma avidez com que Alcidonie e Josephine, duas velhotas ósseas do romance de Parrel, disputavam as graças do boticario da freguezia – um gordo!

*

A indole d'essa epocha temperava-se na lucta, quer contra os inimigos da patria, alcançando fóros nobiliarchicos e esporas de oiro, quer em arruaças nocturnas, que davam á cidade uma atmosphera de perigo e de sobresalto. Isto durou

principalmente até ao fugidio reinado de D. Affonso VI, em que os fidalgos partidarios d'este monarcha epileptico tymbravam em apavorar o povo com accommettidas de encrusilhada, raptos, arrombamentos e estocadas!

Lisboa n'esse tempo era uma cidade recamada de lendas. O povo, compellido pela sua indole maldosa, e mais ou menos justificado pelo exemplo das camadas superiores, fazia-se rufião e desordeiro, e raro era o dia em que das pugnas populares não resultavam cadaveres e scenas de lacerante tragedia; porque, inhibido de usar floretes e montantes, como os nobres, usava facas e navalhas, cujas laminas brilhavam á luz amarelenta dos lampeões, nos momentos do conflicto. Foi d'esta fórma que appareceu o fadista, especie de residuo ignobil de todas as camadas sociaes, organisando uma classe á parte, cuja existencia nenhum principio de seriedade

explica, e cuja perpetuação nasce do impulso tradiccional d'esses velhos tempos.

Os bons homens das provincias e cidades subalternas, quando vinham d'antes á capital, revestiam-se d'uma coragem tão grande e tão louca como a dos fidalgos heroicos que foram com D. Sebastião em defeza de Muley Mahometh.

Elles sabiam que em Lisboa a nota predominante era a facada, imposta ao ventre incauto dos estranhos pelos malandrins perversos que fermentavam nos bairros.

Alfama tinha assumido as proporções fataes d'aquella torre lendaria, d'onde a chronica extrahira esta inscripção desesperada: – *Quem lá vae, lá fica!* Todas as viellas, todos os beccos tortuosos d'esse labyrintho medonho tinham a sua historia e o seu crime.

Entrava-se em Alfama por uma d'essas gargantas sinistras como guélas de tigres, e

perguntava-se a algum mendigo que para ali resfriasse os ardores da fome sobre as pedras das ruas, a chronica arripiada d'aquelles sitios.

Alli apparecera um homem estrangulado n'uma noite de inverno; acolá um fadista esfaqueara em delirio a amante ébria; mais adiante, n'um reconcavo de becco, fôra enterrado, vivo ainda, um brazileiro ricaço, abafado pela mordaça e pelo punhal da malta; mais além, uma desgraçada postulenta, como laivos de gangrena no corpo arroxeado, emborcara d'um trago uma infusão de phosphoros, heroicamente, sobre a ultima baixeza d'um amor profano e maldito…

E' um nunca acabar, uma serie ininterrupta de scenas tragicas, medonhas, escriptas nas pedras soltas d'esse tortuoso bairro, infamissimo, d'onde a gente saía com o coração apertado e um acre sabor a sangue!

A Mouraria e o Bairro Alto começaram depois a fazer concorrencia á criminalidade de Alfama, e a reclamar, com o direito irrecusavel, os fóros de terror que este bairro monopolisára por longo tempo. E, durante um periodo extenso, os jornaes da capital iam espalhando pelo paiz inteiro toda a serie de crimes nocturnos, sucessivos e delirantes, que constituiam a tragedia fadistal, passada entre malandrins de navalha e mulheres dissolutas, nos lupanares miseraveis e nos beccos d'onde mal bruxoleava, de longe a longe, a chamma ensaguentada e tremula d'algum lampeão de azeite.

*

Depois, a civilisação, o progresso, todo o cortejo de conveniencias, theorias e processos novos que constituem a maneira de sêr da

sociedade actual, começaram a destruir os velhos usos e os velhos crimes, demolindo casas, expropriando beccos, policiando tudo, prohibindo tudo, até a propria facada!

Os bairros que conservavam, desde Martim Moniz, o heroe do Castello de S. Jorge, a sua phisionomia phantastica, revelando em cada angulo um acontecimento historico, e em cada contorno uma data celebre, começaram a entrar na uniformidade ensôssa e grave do nosso tempo.

*

Mas todos esses episodios dramaticos, em que a facada se inspirava principalmente nos vapores do vinho, eram apenas o producto degenerado da faculdade guerreira, parodiando, em accommettidas cobardes, os conflictos de espada,

por onde outr'ora se afferia o valor phisico e a grandeza moral de cada homem.

Dada a degenerescencia da faculdade, impunha-se ao dever dos legisladores a sua incorporação nas previsões penaes, pois que, tendo ella deixado de ser uma elevada manifestação heroica, passara a ser, por uma aviltante transformação, a inspiradora de hediondos e repugnantes crimes. O que fazia d'essa faculdade uma virtude social era a altivez e a abnegação que a revestiam, pois que nenhum fidalgo, digno de tal titulo, deixaria jámais de arrancar a espada contra o homem ou a legião que o offendesse, nem jámais deixaria de pôr o seu braço e a sua vida ao serviço da causa nacional, muito embora tivesse a absoluta convicção de morrer despedaçado no campo inimigo. A' similhança de Bayard, cada cavalleiro podia

esculpir no seu escudo a divisa – *sans peur et sans reproche*.

*

Isto vem mais ou menos a proposito dos nossos toureiros amadores. A' falta de assumpto em que exerçam o seu espirito aventureiro, continuador da velha indole dos fidalgos portuguezes, inventaram os torneios tauromachicos, de forma a provarem alli na arena, em face d´um animal feroz, que ainda nas arterias d'esta nacionalidade combalida pulsa algum d'aquelle sangue destemido que brilha em toda a nossa epopeia da edade media.

As pessoas que assistem ao torneio do alto de uma galeria, mal podem fazer ideia do que seja um toiro na praça, escarvante e mugidor, com algumas garrochas espetadas no cachaço.

Só quem tem descido á arena, a contemplar de perto o animal bravio, de olhar em furia e nervos em convulsão, poderá comprehender quanta coragem, e quanto sangue frio são necessarios para arcar alegremente com todos os riscos que esse feroz animal offerece.

N'esta quadra de commoda pacatez e de pautadas conveniencias, os toureiros amadores são por certo phenomenos atavicos, anachronicamente postos, como enygmas, ante o espirito pratico da epocha. E o atavismo é definido e claro. Elles são, como já disse, os depositarios e os representantes do antigo espirito portuguez, aventureiro e destemido, capaz de trocar a vida por um lance violento, de sacrificar tudo por uma empreza arriscada.

Mas como as epochas se transformam na successão evolutiva, as faculdades são obrigadas a adaptar-se aos elementos de cada epocha. Os

mouros, por exemplo, desappareceram da peninsula. Se os houvesse ainda, os rapazes que hoje lidam nas praças de touros formariam cruzadas e iriam, em nome da religião de Christo, derramar intrepidos o sangue dos infieis. Mas os mouros correram para outras regiões, e na contemplação nostalgica da sua decadencia, embevecidos nas passagens melancholicas do Alkorão, já não offerecem ao genio do seculo polpa que desvastar em favor de interesses nossos.

Desappareceram tambem as guerras com a nação fronteira. O dictado, que symbolisava a nossa attitude ante os nossos visinhos – *de Hespanha nem bom vento nem bom casamento* – passou a ser uma mentira redonda. Desappareceram as descobertas; o homem cruzou já todas as paragens do planeta. Era necessario inventar algum alimento para a faculade aventureira: foi então que surgiu o toiro.

Nada mais completo para satisfação de coragem indomavel e altiva do que um forcado no meio da praça, batendo o pé ao montanhoso quadrupede, affrontando-lhe a furia tremenda, escarnecendo-o, atirando-lhe com o barrete ao focinho bravio, n'um repto imponente e trocista.

E depois, o animal investe n'uma vertigem allucinada. Faz-se uma concentração de pavor no amphitheatro replecto, e o bicho parece que vae n'um golpe desfazer em pedaços o pequeno vulto que se lhe collocou na frente. E vê-se então o forcado amparar o animal na carreira, deter-lhe o impeto ferocissimo, passar-lhe os braços em torno da papeira calosa, e ficar-lhe na cabeça bicorne, triumphante e forte, como um heroe de ferro!

*

E já que entrei em divagações pelos meandros da arte tauromachica, seja-me permittido emittir baixinho uma opinião, que certamente porá de pé os cabellos artisticos de toureiros e afficcionados, mas que espero me seja relevada em nome da franqueza com que fallo.

Ha muito tempo que a sisudez da arte de tourear baniu da arena o velho Pae Paulino e a sua *troupe*. A não ser em praças de segunda ordem, onde mesmo raro apparece o elemento negro, os nossos espectaculos tauromachicos limitam-se monotonamente a exhibir a pericia com que o toureiro mette um par de bandarilhas, passa o boi de capa, crava um ferro curto á tira, péga o bicho de cara, de cauda ou de cernelha.

A gravidade com que estes actos se praticam é uma nuvem solemne que embarga um pouco a expansão da festa. Os toureiros – a quem não quero desconhecer direitos artisticos – estão

excessivamente compenetrados da seriedade do seu papel. Quando entram na arena, levam a vida disposta para alcançar a gloria, e alguns certamente irão pensando no pantheon que lhes arrecadará os restos mortaes, pela eternidade dentro.

D'esta comprehensão nasce necessariamente a attitude solemne, de retrahimento e superioridade, que muitos espectadores notam, principalmente nos toureiros hespanhoes. E se é certo que a proximidade do perigo pode desculpar essa attitude, certo é tambem que ella põe no amphitheatro uma nota enfadonha, um pezo de monotonia, que no fim de tres ou quatro touros corridos só pode ser suavisada pelo sobressalto d'alguma colhida, em condições de serio risco.

Ora, pois, para espairecer o espirito e laval-o das manchas de monotonia que uma longa corrida produz, insufflando nos espectadores a

atmosphera da expansão sem limites, cheia de gargalhadas festivas, nada mais completo do que a collaboração do Pae Paulino e da sua *troupe,* no programma das touradas.

*

A ultima vez que eu tive a felicidade de ver o Pae Paulino, foi ha bons quinze annos, na praça do Campo de Sant'Anna.

A meio da arena, foi rapidamente construido um navio de ripes, com mastros e tombadilho, todo enroscado por uma serpente pyrotechnica, cujos anneis eram formados de valverdes, bombas e bichinhas de rabiar. Sobre a amurada de estibordo – d'onde viria o temporal do boi furioso – toda a tripulação, composta de seis negros espadaúdos, empunhava garrochas, á laia de punhaes, como que preparando-se para resistir a um assalto de piratas.

No publico passava um ar de espectativa alegre, fazendo-se conjecturas sobre a sorte da embarcação.

De repente, como um vendavel que se desencadeasse, encrespando montanhas de vagas estrepitosas, abriu-se a porta do curro, e um boi mugidor, com chispas nos olhos e o lombo erriçado de raiva, arremetteu de encontro ao navio fragil, despedaçando tudo à primeira marrada, tal como um baixel arrazado subitamente por uma avalanche de penedos, no degelo das regiões polares. E então, toda aquella serpente de lume entrou a esfuziar sobre o animal deslumbrado, e no meio da fumarada e da scintillação do fogo viam-se as caras sorridentes dos negros, mostrando uns dentes alvos de marfim, como os Satanazes de magica que ficam a rir, no meio das grandes derrocadas scenicas.

A gargalhada irrompeu clamorosa do amphitheatro, em palmas á pretalhada victoriosa e apupos ao boi assarapantado e ridiculo.

A sorte da barrica era tambem deliciosa, eriçada de imprevisto, capaz de escancarar as mandibulas d'um morto.

Em frente do curro, um preto de olhos alvos estendia o busto de dentro da barrica, empunhando uma farpa.

O touro arremettia; a barrica rolava de encontro á trincheira, com o preto dentro. Rompia a gargalhada na praça. E quando o preto ia a estender a cabeça, para espreitar o touro, este, que ficara de atalaia, intelligente e vingativo, cahia logo sobre a embucadura da barrica, a qual rolava novamente, arrastando comsigo o preto aos trambolhões.

E este espectaculo ás vezes prolongava-se, enchendo de gargalhadas retumbantes o ambiente

da praça, e dando a cada espectador a sensação de forte alegria, que deve caracterisar as festas populares.

*

Vem a proposito intercallar n'estas considerações tauromachicas um episodio historico, succedido no anno de 1764:

Um indio de Buenos-Ayres, tendo sido condemnado ás galés em Cadiz, propoz ao governador, mediante o premio da sua liberdade, expôr a vida n´uma festa publica, que constaria do seguinte: Elle sósinho, sem o menor auxilio, e apenas munido d'uma corda, atacaria na arena um touro dos mais bravos, lançal-o-ia a terra, prendendo-o depois pela parte que lhe indicassem, pôr-lhe-ia uma sella e, montando-o, combateria assim dois outros touros, até que lhe dessem ordem para matar.

O governador accedeu e o indio cumpriu á risca o seu programma.

Este feito extraordinarissimo vem narrado no 1.º tomo das *Observations sur l´Histoire Naturelle,* de Gautier.

*

Posto isto, resta fazer uma declaração terminante: O auctor d'estas linhas nunca foi toureiro. Houve um dia em que a musculatura irrequieta e um certo desejo inexplicavel de provar novas sensações lhe fizeram passar pelo cerebro a ideia de pegar um boi de cara, para ver se realmente a bravura do animal na arena contrastava com a sua mansidão – no prato. Essa ideia, porém, desappareceu fugaz, como um meteóro de mau prenuncio, e de então para cá nunca mais tive o lamentavel desejo de tourear boi

algum, a não ser – com garfo e faca. O que é, no fim de contas, como bem diz um carnivoro das minhas relações – a unica coisa que a gente leva d’este mundo.

Terceira parte

VERDADES E PARADOXOS

A FELICIDADE

HA uma velha lenda arabe em que se exprime symbolicamente a affirmativa de que a felicidade jámais existe:

Um santo fakir, a quem os representantes de todas as classes vão consultar sobre a fórma de remediar os seus males, ouve-os a todos e diz-lhes por fim: — *Só poderá ser feliz aquelle que tiver perdido o desejo da felicidade*.

E logo todos se entreolharam tristes, reconhecendo ser esse desejo irrescindivel na alma humana.

*

A constante ambição dos homens é uma lei implacavel, que algumas religiões melancholicas tentaram suavisar, pela prégação das humildades santas e pela promessa das recompensas eternas. Mas, embora suavisada, essa lei jámais será destruida: ella é a força inicial de todo o progresso humano, e a sua origem deve talvez encontrar-se na mais remota origem do Universo.

Segundo Laplace e Kant, o nosso systema planetario deveria ter sido uma ígnea e vasta nebulosa, que um dia, por mysteriosa effervescencia cosmica, rebentou no espaço indefinido, como uma granada que estoira.

Pedaços rolaram pelo vacuo, levados no impulso circulatorio que rege os mundos. E cada um d'esses fragmentos se transformou n'um planeta, isto é, n'um corpo independente,

regendo-se por leis especiaes e vivendo n'uma atmosphera propria, embora na grande confederação planetaria todos esses corpos obedeçam á suprema lei da attracção universal.

Cada planeta ficou com as suas exigencias e as suas vantagens especiaes, e assim Saturno, por exemplo, que é grande, teve oito satellytes na partilha das regalias, e a Terra, que é pequena, ficou com um satellyte apenas, a Lua, que vem com a sua luz reflexa substituir a luz do sol.

Parece, pois, que desde a origem dos mundos, desde o ponto em que ao curto espirito humano é licito formular uma hypothese sobre a génese de tudo isto, parece que todas as coisas tendem a transformar-se, a multiplicar-se, n'uma perenne e incançavel ambição.

*

Sahida da grande nebulosa, como uma braza chammejante, formou-se a Terra, e d'ella brotaram depois, por seu turno, os primeiros specimens da vida vegetal. Appareceu a alga marinha, protoplasma d'onde irradiou mais tarde, como d'uma semente contendo milhões de germens, toda a vasta e variadissima legião das plantas, até surgir de entre ellas o exemplar de transicção, o coral, o espongiario e outros em que começa a manifestar-se a vida animal.

De então para cá, desde o reptil ás aves, desde o sagui ao anthropoide, desde o selvagem ao homem civilisado, tudo tem sido uma serie indefinida de transformações a caminho do aperfeiçoamento, no intuito de levar o mais alto ser da escala zoologica ao ponto de mergulhar a

vista pelo interminavel firmamento, com a esperança de encontrar no ceu mysterioso, uma vez esgotados todos os recursos da terra, alguma coisa consoladora para a dolorosa aridez da vida material.

*

A meio d'este caminho de ambições e insoffridos desejos, appareceu outr'ora na India, seis seculos antes da era christã, um principe, filho do rei Sidharta, chamado Çakia-Mouni, que para apostolisar tomou o nome de Budha, palavra que significava – *aquelle que, desprendido de todos os desejos e de todas as influencias da paixão e do mundo material, obteve a sabedoria e o conhecimento completo e absoluto*.

O budhismo era, como se vê, a seita da renuncia ás tentações da carne e ás ambições do espirito, mas firmava-se n'uma base falsa.

Contra essa pretensão da completa sabedoria, admittindo como irremediavel o soffrimento da vida, e como termo exclusivo e unico da humanidade o rio Nirvâna, rio de eterno silencio e de eterno esquecimento, erguia-se a protestar a indomavel força da aspiração humana, e por isso jámais a seita budhica conseguiu impôr-se, como consoladora, ao espirito irrequieto e indomavel dos homens.

Uma religião sem deuses, sem cosmogonia, sem culto, tendo como unico sacramento a confirmação da dôr inilludivel e como unico alvo a anniquilação absoluta da nossa alma, pode ser o protesto ironico e sombrio d'um espirito desesperançado, mas jámais conseguirá enraizar no coração da humanidade.

*

Desde que o homem comprehendeu a possibilidade ou teve a intuição da melhoria na sua condição miserrima, a tendencia para a felicidade surgiu implacavel dentro do seu ser, como um impulso que raciocinio algum conseguirá travar. Podem conspirar contra esse impulso todas as philosophias de negação, todas as theorias tendentes a demonstrar a inutilidade de todos os esforços, ante a sombria voragem do eterno esquecimento, que nem por isso o homem deixará de erguer para o ceu, para o firmamento mysterioso, os olhos tristes, na hora das grandes amarguras; nem por isso deixará de constantemente procurar allivio aos irremediaveis males do seu destino; nem por isso deixará de esperar que o sol de cada dia lhe traga maiores consolações.

*

Houve ha tres seculos, na Escocia, um theologo chamado Thomas Brunet, que pretendeu ter encontrado a razão da nossa mortalidade e das nossas angustias: Derivam da hora em que o nosso primeiro pae mordeu o fructo prohibido, fructo venenoso e implacavel, que continha os principios da corrupção do sangue, do vicio e da miseria espiritual, do irritamento das paixões e da destruição da nossa vida.

Esta explicação theologica é mais uma das muitas locubrações com que a humanidade tem pretendido justificar, para socego da sua consciencia inquieta, o germen do mal que a pouco e pouco se ramifica em todas as creaturas.

*

Para purificar a alma, tornando-a digna do perdão celeste e apta a entrar na eterna bem-aventurança, a Egreja creou o baptismo, destruindo pela lavagem com agua lustral a nodoa do original peccado; mas não soube preservar a existencia das torturas que este mundo gera, e até, reconhecendo a irrevogavel fonte das dôres humanas, quiz d'ella extrahir o elixir mais forte para sustentaculo da esperança na recompensa do ceu. E d'esta fórma o martyrio foi considerado como um bem, e as maiores agonias foram lançadas á conta da benevolencia de Deus.

Mas ainda assim, mesmo na alma dos ascetas mais fervorosos, que procuravam no cilicio o castigo da carne e a demonstração do seu desprezo pela miseria da terra, ainda assim, como uma serpente diabolica, a duvida surgia ás vezes a empeçonhar o balsamo da fé.

Já depois da conversão, S. Paulo declarou *que conhecia pouco e que só via obscuramente*…

*

A proposito de Flaubert e do seu nihilismo litterario, diz Paulo Bourget:

«Um philosopho raciocina dentro de nós, demonstrando a inanidade da esperança e do esforço, mas o nosso coração bate e projecta nas nossas arterias um sangue cheio de átomos energicos, transmittido pelos antepassados…»

O coração bate, impetuoso e febril, contra o maior quebrantamento do espirito, renovando o alento d'aquelles que, por terem provado o amargo fructo da verdade scientifica, se sintam a resvalar para o desanimo anniquilador.

Ha sempre no fundo do nosso ser, atravez de todas as desconsoladoras experiencias, e sobrevivendo a todas as calamidades da nossa alma, uma força instinctiva de aspiração, insaciavel e constante, para embargar a qual não bastam nem os grandes infortunios nem as grandes regalias. E' essa força a que se oppõe implacavelmente á perfeita felicidade dos homens. Mendigo ou monarcha, martyr ou algoz, ninguem jámais se contentou com a sua sorte.

A felicidade perfeita seria aquella que fizesse emmudecer na nossa alma a voz de todos os desejos; seria aquella que refrigerasse em nós o ardor de todas as paixões.

O CIGANO

O cigano realisa o typo do bohemio intrujão e porco.

No machinismo social, é elle uma peça solta, sem funcção determinada e exclusiva, posta ao serviço da primeira conveniencia que o acaso lhe depare. Sem amôr de familia, sem trabalho fixo, sem crenças e sem sentimentos politicos, a sua instabilidade joga-o d'aqui para acolá, de um paiz para outro, desnacionalisando-lhe os costumes, as tradições, a linguagem. Como é cosmopolita, tem um tanto de polyglota. Faz-ze entender ou desentender em todas as linguas. Tem, além d'isto, o recurso da mimica. Habituado a todas as inclemencias da miseria, está apto para todos os generos da vida pobre; se não morre, a sua resistencia attesta uma saude de ferro. Noentanto

prefere a existencia nómada, errante, á applicação a um officio, a uma profissão. O trabalho pautado e regular em disputa do pão de cada dia é repudiado em homenagem á tendencia aventureira.

Quando no caminho se lhe não depara ensejo de colher algum alimento com que illudir a fome, detem-se contemplativo, na intuspecção d'algum projecto. Nos seus calculos não entram nunca como factores nem a moralidade nem o respeito á lei. Ha simplesmente o medo ao codigo penal, cuja existencia elle conhece, por saber que alguns amigos e parentes seus foram parar á cadeia. Esta palavra, que significa a sequestração d'aquillo que elle mais ama— a liberdade, produz-lhe calafrios. Apesar d'isto, porém, está prompto sempre a incorrer nas disposições do codigo, quando possa fazel-o recatadamente. Põe-se ao serviço de qualquer empreza, comtanto que d'ahi colha o

alimento de um dia ou d'uma hora. Não conhece os interesses sociaes e desacata os seus proprios interesses.

Quando dá balanço á vida, não conta nunca com o dia seguinte.

Não o prendem ao mundo raizes solidas. Não tem amor de familia, porque desconhece de quem é filho e não sabe de quem é pae. A mãe, quando o deu á luz, alugou-o para effeitos de commiseração em armadilha á esmola publica.

Passou de regaço em regaço, de pontapé em pontapé, sempre com fome e esfarrapado, até á responsabilidade de viver só por si. Começou então a grangear pelos seus esforforços[3] o alimento dos seus dias. E por um incomprehensivel prodigio de conservação, conseguiu ser homem. A mocidade, alcançada

[3] Nota das editoras: assim no livro-fonte. Trata-se de erro por «esforços».

assim aos baldões, não lhe surgiu sob o aspecto risonho e florescente com que se revela ás pessoas mais ou menos felizes. Simplesmente lhe trouxe um accrescimo de força e de energia para luctar. Como não teve a uncção dos sentimentos, não chega a comprehendel-os. O amor não é para elle mais do que uma exigencia da sensualidade. N'esta maneira de ser, tem enormes compensações. Os desgostos moraes, como não conhece os prazeres, passam-lhe desapercebidos. E' uma exemplificação da philosophia que prescreve, para conhecimento do mal, a experimentação do bem. A dôr manifesta-se pela maior ou menor destruição do prazer estavel e primitivo. Por isso, o cigano jámais sente a dôr intima. Ella não acha por onde lavrar n'aquelle interior, a que uma psychologia figurada e concessionaria póde chamar *alma*. O simoun dos desertos, que elle atravessa ás vezes, nada encontrará se quizer varrer-lhe do coração a parte

de sentimentos que devia caber-lhe na distribuição pela humanidade. Onde nos outros homens ha cellulas vibradas por affectos, no cigano ha simplesmente cavernas. Dir-se-ha que uma grande tuberculose intima lhe esfuracou todo o seu ser moral.

O CASAMENTO DOS VELHOS

THESE PARADOXAL

I

HA quem affirme, com uma opinião toda exclusivista, que o casamento só deve realisar-se entre pessoas de edade inferior a quarenta annos.

Uma senhora – e, por signal, muito illustrada – conversando ha pouco tempo com o auctor d'estas linhas, era de parecer que, depois da provecta edade, aquelle sacramento chegava a ser tolo, ridiculo e improprio de pessoas ajuizadas.

Ora eu sempre tive uma opinião muito particular (e creio que muito logica) sobre esta questão de edades.

Ha um proverbio bem conhecido e profundamente verdadeiro, e é que – as pessoas teem a edade que representam.

Toda a gente tem visto rapazes de trinta annos, na edade em que a vida deveria alvorecer com todo o vigor luminoso da saude e do ideal, passarem por essas ruas, combalidos pelas enfermindades, corroídos no sangue, com a alma suffocada pelo tédio e pelo desgosto de viver.

E, ao contrario d'isto, ha homens de sessenta annos, já mergulhados no poente crepuscular da vida, mas que conservam ainda nas faces a côr luzidia de virilidade forte, o coração alegre e a alma embalada de esperanças e de sonhos.

Se os compararmos, abstraindo do numero de annos que pesam sobre os dois, a opinião sensata dirá que estes velhos são rapazes e aquelles rapazes são velhos.

Porque a velhice, meus amigos, não está no numero de contas que o tempo vae juntando no rosario de cada existencia, mas sim no numero de orações e de crenças que esse rosario inspira.

Os rapazes com tedio são comparaveis a sacerdotes sem Deus, apostolos sem Divino Mestre. Falta-lhes a mocidade, a crença na vida, a inspiração da existencia. São arvores sem fructo ou de mirrados fructos – chão infecundo onde o lendario cavallo de Attila pousou as patas, para que a propria herva nunca mais nascesse!

Mas os outros, os fortes de sessenta annos, a que o mundo, por uma arbitraria concepção chronologica, chama *velhos*, quantos d'elles não envergam a alva stringe de sacerdotes da vida, ungidos de amor, de saude, de religião e de sonho! Quantos d'elles não chegaram a essa avançada edade com o sangue fortificado por todas as

virtudes e a alma perfumada por todos os sentimentos!

Portanto, pondo de parte a questão chronologica, tão arbitraria e tão falsa, temos o seguinte thema, axiomatico á face da boa philosophia e até da boa moralidade: – que, para todos os effeitos da vida, incluindo os do casamento, com todas as suas relações phisiologicas e psychologicas, é muitas vezes incompetente e velho o *rapaz* de trinta primaveras, sendo muitas vezes competentissimo e novo o *velho* de sessenta invernos.

Na primavera ha dia de rigoroso inverno, e em pleno inverno ha dias estiados de claridade e de sol.

E' isto o que diz a Natureza, modelo e exemplo de toda a sciencia e de toda a philosophia.

*

Tinha eu escripto n'um jornal de Lisboa algumas considerações no sentido da affirmativa que acabo de fazer, quando recebi uma primorosa carta, assignada pela illustre senhora a que ha pouco me referi. Transcrevo apenas o final, pois que só elle interessa ao debate da minha these:

. . . . . .

O amor, a meu ver (e note que eu já atravessei ha muito a fronteira da juventude) é um sentimento exaltado e ingenuo. Ingenuo, sobretudo. O que lhe dá valor, o que lhe dá encanto, o que o torna adoravelmente acolhido pelas almas, é exactamente o que elle tem de pueril, de innocente, de superficial… E tão superficial, que chega a morrer com um ataque de bexigas, doença que se conhece na pelle. O perfume d'essa rosa do coraçâo é similhante aos perfumes que por ahi se vendem

em frascos: evapora-se, desapparece quando se desarrolha o frasco.

Durante o periodo do namoro, o coração conserva encerrado todo o aroma mysterioso do amor; mas vem o casamento, veem principalmente os annos, e o coração deixa evolar-se o perfumado effluvio… Entre as almas bem formadas, um sentimento nasce á medida que o outro morre – a amisade subtitue o amor. E é a amisade que fica. E porquê? Porque, para criterio pratico da vida, o amor perdeu a base – puerilidades e ingenuidades – desequilibrou-se e cahiu.

Ora, sendo o amor a base legitima do casamento, (é claro que me refiro ao casamento por inspiração das almas) e não podendo as suas puerilidades e ficções subsistir para alêm dos quarenta annos nas pessoas de criterio são, é certo que depois d'esta edade só poderão casar as pessoas de criterio avariado. E a avaria de criterio n'este ponto parece-me inteiramente ridicula, pois

que reveste a fórma de pretensão a apparentar uma mocidade que – ai! de nós – nunca mais volta.

Aqui tem, juntamente com as desculpas de lhe roubar alguns momentos de benevolencia, a razão da phrase que me attribuiu e que eu não renego.

E', como veem, primorosa a carta da minha illustre antagonista. Isto, porém, não obsta a que eu sobreponha ao respeito por tão lucida intelligencia e tão brilhante argumentação o dever da minha sinceridade intellectual, contradictando, segundo o meu ponto de vista, a arguta e falsa theoria exposta n'esta carta.

*

E' certo que o amor assenta em puerilidades, se as medirmos pela bitola sisuda dos interesses materiaes e das conveniencias praticas. Mas essa bitola, minha presada senhora, não serve para medir as coisas subtis da alma, e a subtileza do

amor torna-o incoercivel e imponderavel, como um ether abstracto, infinitamente expansivo e infinitamente sagrado.

As coisas praticas, as que se pesam n'uma balança, as que se afferem por uma medida, podem produzir dias risonhos e apraziveis consolações; mas nunca poderão ter o encanto ineffavel, o profundissimo sabor virginal e silvestre que a palavra da creatura amada põe na alma da creatura que a ama; nunca darão ao espirito esse dulcissimo estado de luminosa e doce melancholia, que é como que a *clartè du ciel*, paraphraseando o conceito de Molière.

As palavras da mulher amada, que o mundo não comprehende, porque pertencem á linguagem exclusiva de dois corações, são para o homem uma especie de estranhas flôres, cultivadas por elle n'um canteiro vedado á profanação do publico, e cujo perfume só elle aspira e só se evola

para a sua alma. Se essas palavras fossem julgadas pela exterior significação que lhes dá a grammatica ou o diccionario, o mais intonso escolar se julgaria no direito de rir-se d'ellas, como d'uma tola futilidade. E' que acima de grammaticas e diccionarios está a linguagem do amor, que é a interpretação divina d'um divino sentimento.

Pelo que se deve concluir que a affirmativa de que o amor assenta sobre *puerilidades superficiaes*, é uma maneira muito absoluta de julgar coisas de todo o ponto relativas.

Mas… agora reparo que o assumpto principal é – *o casamento dos velhos*.

*

Quando aos sessenta annos o homem sente no coração a bicha irrequieta do amor, é certo que

esse sentimento já não tem a ingenua inspiração idyllica que teria quarenta annos atraz.

Aos vinte annos, o amor é uma paixão inteiramente dominadora de todas as faculdades: vence o raciocinio, calca as conveniencias, esmaga as praxes sociaes. As opposições tornam-se em incentivos de amor; os obstaculos acaloram-lhe a febre. E' como uma labareda, que as proprias contrariedades ateiam, como um vento agreste!

Porque o amor, n'este caso, bebe a inspiração na seiva exhaltada dos verdes annos. Mas quando o homem entra na edade madura, em que a experiencia sazona as faculdades, em que a pratica da vida equilibra a força mental com a força sentimental, o amor toma o caracter d'uma sollicitação organica, phisiologica e psychologica, sollicitação violenta, é certo, mas nunca absolutamente dominadora.

A sancção do amor aos sessenta annos só póde ser conferida pelo assentimento racional. A vista pousa na mulher attrahente, o coração pulsa mais intenso, o organismo deseja-a, e o cerebro decide. Esta viscera é o tribunal que sentenceia em ultima instancia. E quando a sentença do cerebro é favoravel ao desejo do resto do organismo, é então que se dá o casamento.

E' certo que o homem de sessenta annos casa muitas vezes em condições desfavoraveis, perigosas até, se o exemplo de Menelau constitue um perigo. Mas o que é certo tambem é que esse casamento se realisou por principal determinação racional, e não por dominação exclusiva do sentimento. E, se querem uma prova concludente, vão á lista dos suicidas procurar quantos homens de sessenta annos se mataram por amor. Se algum houve, é caso de tão rara excepção que não póde figurar como argumento n'este assumpto.

Matam-se os rapazes de vinte annos com um desgosto de amor, porque o amor era para elles uma absorpção completa do raciocinio e da vontade. Mas não se matam os homens de sessenta; porque, quando a paixão chega ao extremo desespero de pegar n'um rewolver para fulminar a existencia, o cerebro tem a cautella de tirar a bala do cartucho, e o tiro que sae é apenas de polvora secca. E' um tiro de amargura, de lagrimas ás vezes, (porque em nenhuma edade é vergonha que o homem chore) mas tem sómente a significação d'um desabafo diante d'uma contrariedade cruel.

*

Por isso, o amor aos sessenta annos é um sentimento equilibrado, que as exigencias organicas e affectivas legitimam.

Se o homem que entrou n'essa provecta edade tem forças ainda para arcar com a responsabilidade de tal paixão, o mundo deve acolhel-a com seriedade e achal-a inteiramente rasoavel.

Entender que o amor é ridiculo, simplesmente porque o coração já passou as verduras dos vinte annos, é estabelecer uma praxe para regularisar a alma e o sangue de cada um, como se sangue e alma fossem duas entidades subjeitas á pragmatica sapientissima do dr. João Felix Pereira.

E' querer marcar limite de annos ás sollicitações dos organismos, e uniformisar n'uma linha arbitraria individuos de todo o ponto refractarios á uniformisação, pois que, como ao

principio disse, um rapaz de trinta annos é, muitas vezes, *velho*, e um velho de sessenta annos é, em muitos casos, *novo*.

E foram estas praxes que a minha illustre interlocutora teve em vista, quando chamou ridiculo ao casamento entre pessoas com mais de quarenta annos.

Por isso, tambem ha tempos se deu um caso, que tem o caracter de anecdota, e que é uma satyra alegre ao casamento dos velhos:

O facto passou-se em Paris. Era um casamento civil. O noivo orçava pelos seus sessenta e cinco annos. A noiva, da mesma edade, chegou mais cedo á prefeitura, e teve de esperar ali uma longa hora.

Quando o noivo chegou, apressado e de venerandas cans, o escrivão permittiu-se este gracejo:

– Para a outra vez, tenha a bondade de chegar um pouco mais cedo…

O escrivão entendia que quem chega ao matrimonio aos sessenta e cinco annos, chega tarde.

Maneiras absolutas de ver coisas relativas.

OS GATOS

FALLOU-SE ha tempos no sinistro projecto de exterminar os gatos. Pessoas de muita consideração affirmavam que os desalmados gatos não eram mais do que um elemento de insalubridade, pelas mil combinações de fezes e peixe podre, que elles faziam entre os telhados e as boccas das sargetas. Alguns bairros, onde era menos frequente a vassoura municipal, tinham ao sol emanações pestilentas, que não só offendiam a pituitaria do transeunte impressionavel, mas que chegavam a desenvolver epidemias locaes, com consequencias mortiferas.

Os gatos eram positivamente um horror!

Por essa occasião, o auctor d'estas linhas escreveu n'um jornal de Lisboa algumas considerações em favor dos gatos, em contraposição ao que dizia certo jornal de figados

gaticidas, que os incriminava com uma avalanche de accusações rancorosas. E o projecto não foi ávante.

Porque, realmente, disparar crueldades contra esses animaezinhos que desde longos annos guardam a propriedade do cidadão, sem maior estipendio que a garantia do pão ou do carapau de cada dia, pareceu-me coisa excedente dos limites que a Providencia marcou ás almas bem formadas.

Emquanto o homem, na sua imprudencia pachorrenta, adormece sorrindo nos braços da esposa amada, o gato, na sua gratidão solicita, véla pela propriedade do homem.

E' elle quem vae, altas horas da noite, de pupilla a fuzillar nas trevas, collocar-se á embocadura do ninho maldito onde se gera o roedor mais pernicioso que a natureza produziu. E' elle que se encarrega de vingar nos ratos, matando-os, as mil acções feias que elles

praticam, em detrimento dos nossos fatos, das nossas botas, das nossas migalhas. E' elle quem guarda a nossa despensa, quem guarda a nossa roupa, quem guarda o nosso somno...

O gato é o *cerbéro* leal da paz domestica. A sua pupilla vigilante é para o chefe de familia o que é para o nauta a estrella polar. Onde ha um gato ha uma garantia.

Vêr-lhe o pello luzidio e amigo, entre os corredores aridos das habitações, é egual á visão dos oásis nos desertos ardentissimos. Quem possue um gato póde, ao cabo de alguns annos, pôr dinheiro a juros. Não o possuindo, o homem terá que recorrer a extremos financeiros para a renovação do fato roído...

E depois, que infinita graça, que extremos de espirito, de humorismo, de pilheria natural não realisa o gato, quando se espreguiça, quando se coça, quando se mexe, quando se lambe... Ha nos

seus movimentos um não sei quê de infantil frescura, de graciosidade ingenua, de subtil *salero*, que o torna mil vezes superior, fóra a sua condição de bicho, ás mil camareras que Portugal importou nos ultimos dez annos. Quando se coça, dir-se-ha que executa n'alguma harpa invisivel as melodias nervosas da sua raça... Quando se espreguiça, lembra uma nayade a sacudir os membros voluptuosos, escorrentes de agua que brilha... Quando se mexe, ha nos seus movimentos uma harmonia indescriptivel, compassada, rithmada mas sem isochronia, alegre mas sem facecias, inspirada mas sem emphase, luzente, sobrenatural, electrica. Ninguem como elle soube ainda collocar as mãos, eriçar o pêllo, corcovar o lombo, tomar posições energicas, ronronar com ternura, amar com delirio.

Ah! vejam-nos em janeiro! E' então que o gato virilisa as suas qualidades, a ponto de

symbolisar o que ha de mais amorosamente grande, de mais lyricamente idyllico...

Nunca o homem, por maior elasticidade que dê ás fibras do coração, conseguirá afinal-o sequer para o acompanhamento da symphonia estridente, guinchada e ternissima, que o gato traduz ao pé da sua femea adorada. Ante esse bicho privilegiado, empallidece Romeu, córam de vergonha as Messalinas celebres, e os proprios rouxinoes, symbolos de harmonia e amor, suspendem na garganta deliciosa as suas canções inspiradas.

Onde ha um gato, ha um poema de amor. A sua voz é a cartilha do delirio lubrico, da allucinação voluptuosa. Quando o homem quizer ser psychicamente perfeito, terá de estudar no gato os segredos do amor.

De resto, elle foi um amigo intimo de Baudelaire, o grande poeta, e essa amisade é titulo

mais que sufficiente para o impôr ao respeito e admiração de nós todos.

Homem que passas: ali tens um gato… Tira o teu chapeu e segue o teu caminho!

O VINHO

ENFRAQUECE a olhos vistos a producção de vinho em Portugal.

O phylloxera e o *mildiw*, juntos ás tempestades que destroçaram os vinhedos do Douro e Traz-os-Montes, deram em terra com uma grande parte da nossa producção vinicola.

O facto é digno de luctuoso registo, se attendermos a que o vinho é, por assim dizer, o agente mais accentuado do caracter portuguez, intrepido e generoso.

Algures, não me lembra quando nem onde, vi uma grande resenha de virtudes attribuidas á influencia do vinho. Ha tambem quem lhe attribua o contrario, em cavilosas estatisticas de criminalidade. Para mim, é ponto de fé que a velha heroicidade portugueza, refulgente e decantada, foi um producto do nosso vinho, cuja legitima

generosidade erguia na alma dos antigos guerreiros a nobre intrepidez inquebrantavel, que era terror e flagello de christãos insubmissos e mouros inconvertidos.

Muitos factos historicos poderia adduzir em prova d'esta grande verdade, se quizesse dar a uma simples nota despretenciosa o caracter de estudo erudito, com citações trabalhosas e poeirentas.

Basta-me, porém, lembrar que era de velho uso portuguez a reunião de guerreiros em faustoso banquete, nas vesperas de batalha, e que n'esses banquetes tinha o primeiro e mais honroso logar o antigo cangirão de vinho puro, escorrido da uva com authentica probidade. Era d'esses cangirões que brotavam as grandes arremettidas, que a historia empainellou em paginas de brilho immorredoiro.

O sangue portuguez fervia e refervia em aspirações de lucta, e quando já não tinha área por onde alargar a sua febre de combate, fazia Bernardas e Marias da Fonte, só para dar vasão á effervescencia de rubros globulos.

Foi por occasião d'essas campanhas intestinas que appareceu na industria vinicola o celeberrimo – pau campeche.

E reparem os meus leitores n'esta coincidencia fatidica: – de então para cá, o sangue portuguez começou a enfraquecer, a dessorar, até ao estado de lympha e decomposição a que chegamos. Foi o campeche que nos pôz n'este lindo estado.

E, se ainda póde haver esperança de revivescencia, confiança em que á flôr do rosto novamente surja a rosa purpurea da saude e da força, é porque ainda se não esgotou de todo, na

canalisação das vides, a seiva que outr'ora escorria em caudalissimo jorro.

Não se esgotou de todo, graças a Deus! Mas se o zelo dos viticultores se não desentranhar em ferreas sollicitudes, somos levados tristemente a acreditar que dentro em pouco as cêpas do paiz ficarão reduzidas a espectros mirrados – espectros talvez dos antigos guerreiros, lançando sobre Portugal a sombria accusação do seu desleixo criminoso.

Querem regenerar o paiz, enchendo-lhe os cofres de dinheiro e as arterias de sangue forte? Encham-lhe os toneis de vinho puro.

E' phenix que só renasce das cinzas do pau campeche.

OS RAPTOS

(NO OUTONO)

Un nid, c'est un tendre mystère,
Un ciel que le printemps bénit.
Á l'homme, à l'oiseau sur la terre
Dieu dit tout bas: Faites un nid!

SÃO muito vulgares os casos de donzellas amorosas que abandonam o lar paterno, como andorinhas, fugindo para a primavera do amor.

N'estes tempos principalmente, em que a melancholia do cahir das folhas instilla nas almas enternecidas a necessidade de affagos e caricias, e em que a proximidade do inverno amedronta os temperamentos mais frageis, não é para admirar

que as avezinhas procurem o confortavel ninho das paixões onde o fogo do coração afugenta a tristeza e o gear da quadra invernosa.

*

Vem isto a proposito de tres raptos simultaneos occorridos ha pouco em Malaga. Como sabem, é esta a provincia hespanhola d'onde as malagueñas são oriundas, e toda a gente deve ter observado que a musica d'um povo é uma especie da sua summula sentimental, posta em rythmo cantante. Ora nas malagueñas ha toda a psychologia amorosa das filhas de Malaga: a vivacidade melancholica, o arrebatamento fogoso, e uma certa desinencia nostalgica, que dá a impressão d'uma saudade vaga...

Estes caracteristicos da musica são elementos amorosos para cada alma. As filhas de Malaga

sabem amar com toda a ardencia das grandes paixões, mesclando comtudo o seu amor d'uma pontinha suave de melancholia, que é uma modalidade de almas que sonham alguma coisa além do que possuem. E é exactamente esse vago desejo d'uma ventura não definida, que as leva a procurar no encantador Cupido as azas que as transportem ao mundo illuminado das grandes venturas.

Entre nós, onde as donzellas teem grandes pontos de contacto com as filhas de Malaga, sob o ponto de vista amoroso, tem havido alguns raptos, e a chronica das ligações matrimoniaes, precedidas de arrebatamento e fuga, teem dado ao publico algumas notas interessantes. Mas ainda não chegamos a este ponto, que quasi significa uma liquidação geral do recato e da donzellice – tres raptos na mesma hora!

Isto é levar muito longe a tolerancia paternal. A repetir-se tão exagerada scena amiudadamente, é caso para os paes de familia ponham trancas á porta, tendo préviamente o cuidado de pôr grades nas janellas. Porque todos sabem de que alturas pode descer um amor arrojado, e ainda ha pouco os habitantes de Lisboa souberam como dois pombos haviam descido d'um quinto andar para os seus respectivos braços.

Que de vez em quando, como tonico contra a pacata monotonia, uma ou outra donzella fuja... *vade!* Mas que as donzellas todas se congreguem e desappareçam em raptos por atacado, isso é que obriga os paes de familia a severas ponderações, e obriga o auctor d'estas linhas a dirigir uma epistola ás donzellas em perspectiva de rapto, afim de que recolham ao seio da prudencia e do recato o plano que hajam formado… de fugir do lar paterno.

*

Ahi vae, pois, a *Epistola*:

E’ certo que o amor é talvez a única paixão capaz de compensar as almas de todas as asperezas sombrias d’esta vida. Mas, exactamente por isso, o amor deve conservar toda a pureza da sua elevada essencia, sem que se deixe imbuir de arrebatamentos profanos, que o desvirtuem aos olhos do mundo e exauctorem perante a sua propria consciencia. O amor é um templo sagrado em que só triumpham os que se acolhem a elle com o coração tão limpo como a alma dos ascetas da edade média. Entrar no amor por um simples impulso instinctivo, é queimar n’uma pyra sacrilega o mais alto evangelho da humanidade.

*

N’este momento, algumas donzellas estarão á janella do seu quarto, anciosas e tremulas, esperando que Alfredo appareça á esquina da rua, munido da escada de corda que, n’estes tempos mais praticos, substitue a escadinha de seda dos tempos trovadorescos.

Os paes resonam regaladamente, a sonhar com a obediencia submissa e casta das filhas.

Elles, que as embalaram no berço, que lhes espreitaram todos os mysterios da intusceção, que observaram dia a dia a passagem da adolescencia para a puberdade e leram nos seus olhos os primeiros symptomas da mulher, o alvorecer da edade amorosa, elles foram dormir a somno solto, confiados em que o seu olho perspicaz teria surprehendido em flagrante qualquer alvoroço no coração das filhas… Oh! como o olhar paternal é cego!

Deixae-vos adormecer, deixae! que as vossas filhas, tenros fructos do vosso amor pacato, á hora a que vós cerraes a palpebra carnuda, suspiram pela chegada de Alfredo, em cujas azas fugirão para os mysterios d'um amor furtivo, cheio de ignorados encantos...

Deixae-vos dormir, deixae!...

*

Mas será justo, á face dos altos principios reguladores do coração humano, que, por causa de Alfredo, como por causa do mineirinho da canção, as filhas fujam aos paes?

A' face dos altos principios regularisadores do coração humano, não é justo que, por causa de Alfredo, as filhas fujam aos paes. Digo-o como regra, admittindo comtudo varias excepções.

Por exemplo: Quando uma filha docil possue

um pae tyranno, que a não leva ao theatro, temendo o olhar inquietador dos janotas, que a não leva a bailes, por ter aversão aos contactos a que a valsa dá logar, que lhe prohibe estar á janella, por causa de certo estudante da visinhança, quando uma filha possue um pae d'este formato, então é desculpavel a ancia de se libertar, e a fuga toma o caracter de emancipação espiritual, unica forma de quebrar a grilheta paterna. Ha varios exemplos d'esta natureza, e eu serei sempre o primeiro a votar-lhes o meu applauso.

Mas, na maior parte dos casos, o rapto é consequencia exclusiva de infrenes impaciencias.

Ha dois entes que se amam: Elvira e Alfredo. Elvira tem dezasseis annos – tenra flôr tisnada ao sol da paixão violenta. A sua mãe aconselha-a a moderar os impetos: diz-lhe que é nova, que espere mais dois annos, que Alfredo não pode

casar por ora... Ella afflige-se. Disfarça um pouco, sae da sala e entra no quarto lavada em lagrimas. Dois annos! E' uma eternidade, contada minuto a minuto! Duas vezes trezentos e sessenta e cinco dias! E' impossivel! Se esperar tanto, morre!...

Alfredo vem á noite. Encontra-a de olhar dorido…

– Tu choraste, Bibi?...

Ella conta-lhe tudo. E' um inferno!...

– Até me escarnecem por eu te amar tanto!...

E n'essa noite fica esboçado um plano vago de fuga.

*

Em que circumstancias fogem os dois pombinhos insubmissos?

Elle tem apenas um mez adiantado do seu vencimento. Ella… uma alma inexperiente, sedenta de horisontes novos.

Fogem sem destino, fazendo paragens em todos os cantos esconsos, para firmarem com beijos o pacto amoroso.

O pae, envergonhado até ás pontas dos cabellos, vae depôr no seio do commissario de policia a indignada queixa contra Alfredo.

E ao outro dia, a policia restitue ao lar paterno a candida flôr de larangeira, com as pétalas desfolhadas pelo tufão do amor.

Torna-se immediatamente necessario o matrimonio, unico vaso em que taes affectos viçam legitimamente...

Mas aqui levantam-se difficuldades. Ou Alfredo não quer casar – uma vez desalterado na cysterna amorosa – e n'esse caso tem de surgir um escandalo em torno do processo judicial, ou se

promptifica a casar, e então surgem os embaraços nascidos de irremediaveis exigencias financeiras.

Esta segunda proposição do dilemma matrimonial, apesar de ser a mais consentanea com a boa logica e a boa paz familiar, tem negros espinhos que hão de depois fazer sangrar o coração da donzella arrebatada, que n'um momento de impulsiva ardencia correu a refrescar o instincto á sombra d'um amor furtivo

*

Ahi teem, pois, o quadro negro em que as donzellas em perspectiva de rapto vão encaixilhar os seus dias.

Se esta prosa lhes não servir de doce antiphlogistico á irritação cardiaca, o auctor da *Epistola* só terá a lamentar-se de haver perdido o seu tempo, sendo certo, comtudo, que muitos paes

de familia lhe terão votado, no seu intimo, uma palavra de agradecimento e de sympathia.

CHRISTO

A scena da paixão de Christo é o lance historico mais altamente dramatico da alma humana. Ella representa, n'um symbolo eloquente e tragico, todo o fundo de dôr e de aspiração que constitue a essencia do nosso ser.

D'aquella tragedia mystica, que fecundou, como um sol viventissimo, toda a seára moralista da moderna civilisação, irrompeu a arvore frondente do christianismo, creando para a humanidade os novos sentimentos de abnegação e de esperança.

Tem-se discutido se existiu realmente, em toda a complexidade santa que a egreja lhe attribue, esse carpinteiro da Galilêa transformado, ao sopro da inspiração divina, em redemptor da humanidade. Mas ainda que a theologia christã tenha collaborado phantasiosamente no engrandecimento de Christo,

elle representa para nós a encarnação immaculada de todos os sentimentos que formam a base actual da aggremiação humana. Em torno do seu vulto symbolico desenvolveu-se a doutrina christã, como uma grande atmosphera piedosa ou como um grande lago sacratissimo e limpido, onde a alma da humanidade, agitada e espavorida pela impiedade pagã, desceu a reconfortar-se e a purificar-se...

Na obra de Christo destacam-se, como n'um alto relevo, dois acontecimentos sobre que se levanta toda a felicidade da vida: a rehabilitação da mulher e a creação da Esperança.

Com a rehabilitação da mulher produziu-se a familia, base de toda a harmonia social.

Com a creação da Esperança produziu-se a confiança na superior justiça – base de toda a constituição moral.

A existencia, que tinha o caracteristico predominante do egoismo armado em guerra na

disputa de interesses, passou a ser norteada por um novo sentimento – o altruismo – nucleo de muitos outros, especie de septestrello moral, em que brilham a abnegação, a piedade, a caridade, a fé...

Da tragédia do Calvario, gravada em sangue e martyrios, irradiou para a humanidade a luz evangelica da crença…

A Via Dolorosa transformou-se n'uma grande Via Lactea, illuminada e augusta, por onde a alma dos *crentes* tem a visão do consolador caminho da Bemaventurança.

CUPIDO QUANDO NASCEU...

(*Aos ingenuos da provincia*)

EM materia de amôr illicito, é sempre indispensavel a maior discrição. A conducta que os amantes devem seguir está um tanto codificada em maximas inteiramente dignas de attenção e estudo. Uma d'essas maximas, a mais importante talvez, é esta: – não escrever nunca.

O amôr confessado em prosa epistolar é um testemunho terrivel em caso de apuramento de contas. Ha um conceito latino que diz: as palavras voam e os escriptos ficam.

Do amôr illicito nada deve ficar, além da recordação… quasi sempre amarga.

O duque de Morny, modelo e desespero de conquistadores, seguiu sempre o preceito da abstenção calygraphica. D. João Tenorio, que teve

tres mil amantes, servia-se do bandolim symbolico… e da labia. A labia é ainda a maior força posta ao serviço d'uma conquista amorosa.

Ha homens que possuem todos os dotes de apparente dominação do sexo fragil – elegancia, belleza, força, intelligencia e graça – e que são, apesar d'isso, uns eternos desherdados do amôr. E querem saber porquê? Porque, tendo tudo isto, falta-lhes o principal – a labia.

O espirito da mulher é uma especie de dobadoira que, para bem funccionar, necessita de rodopiar depressa. A labia é o rodopio do seu espirito.

O homem intelligente, mas de intelligencia clara e explicita, não é o que mais agrada. A mulher gosta do homem que lhe não explica tudo, deixando-lhe o trabalho de adivinhar alguma cosa. Quanto mais ella tiver que adivinhar, tanto maior é o mysterio que ao seu espirito se apresenta. A

mulher foi sempre amiga do mysterio. O homem simples, sem complicações nem enredos, que lhe confia claramente e chãmente a sua vida, é uma especie de livro já lido – põe-se de parte. Se a castidade convencional do mundo impera sobre a sua imaginação, o mais que poderá fazer é – não lêr outro. De contrario, é capaz de esgotar uma bibliotheca, até encontrar o livro enygmatico em que a sua imaginação se detenha.

A gentil Esmeralda nunca accedeu ao amôr de Quasimodo, o monstro. Seria pela sua deformidade phisica? Decerto que não. A heroina de *Nôtre-Dame* odiou o seu apaixonado simplesmente porque lhe faltava a labia. Ha torneios amorosos em que o premio é concedido ao mais feio dos campeadores. E' de todos os dias este facto que faz pasmar o mundo: um homem esbelto preterido por um homem tosco. E' que em geral, na eterna lei das compensações, o homem

esbelto não tem labia. E isso talvez provenha da enganosa confiança que põe na sua formosura.

De todos os predicados do sexo forte, a formosura é decerto aquelle que menos se impõe. Alcibiades foi cantado por Plutarcho. Nunca o seria por madame de Staël ou por soror Mariana.

.....

Mas, revertendo ao ponto inicial, quasi perdido já no meandro de tantas considerações, entremos abertamente no assumpto. E' simples e talvez vulgar a historia dos amôres licitos que terminam mal, mas é sempre bom passal-os á lettra redonda, afim de que se perpetuem na memoria dos homens e nas paginas dos livros, pelo menos até ao dia em que esses livros hajam de morrer n'alguma mercearia, a embrulhar manteiga.

A minha historia é curta, e sobre essa vantagem eu farei por diminuir-lhe as porporções até ficar

n’uma pequenissima crystalisação de moral mundana. Que, verdade verdade, se eu quizesse esticar-lhe a elasticidade em rispidos commentarios, teria fôlego para assoprar conceitos pelo canudo d’este livro inteiro.

Mas vamos ao caso, nu e cru:

*

Um provinciano de austeros principios e algum dinheiro, senhor de terras cultas e chefe de familia honesta, veio, ha mezes, de passeio até Lisboa. Esta capital, como todas, encerra no seu covil hediondo a hydra dos vicios e dos maus costumes.

O nosso heroe, affeito á sôrna vida salutar do campo, nem sequer entrevia, ao planear a viajata,

o abysmo de seducções em que poderiam despenhar-se os seus sessenta annos silvestres.

E entrou puro na capital.

Os theatros – como acontece a todos os provincianos postos de subito em liberdade n'um fóco de civilisação – deram-lhe logo repiques de enthusiasmo, e todas as noites o bom homem ia contribuir com o seu óbolo ao *guichet* do bilheteiro. Houve, porém, um theatro que mais lhe prendeu as attenções: foi o Real Colyseu. Era em epocha de *cavallinhos,* e elle gostava de aperitivar a sua lubricidade adormecida com a meia nudez das *écuyères* saltantes e das madonas que esboçam posições suaves na corda bamba.

Mas, sobretudo, o que mais lhe fizera escandescer a fibra de mazorrão em férias, fôra o olhar d'uma cocotte loira, que Lisboa inteira conhece, e cujos attractivos de forma alguma podem ser desdenhados por um patriarcha da

provincia, um quasi eunucho das preciosidades pornographicas que certos olhos denunciam.

Começou a estabelecer-se, como era de prevêr, uma corrente magnetica de arrebatamento e desejo entre o olhar d'elle e o olhar d'ella.

Pouco depois, chegaram á falla. A rispidez de costumes provincianos, com o almoço ao romper da aurora e a bella somneca ao toque das Trindades, transformou-se n'uma pandega desabalada, com tipoias do Paço d'Arcos, ostras e camarões nocturnos no Tavares, mayonnaises e champagnes. Uma perfeita orgia!

O pobre homem cahira sob uma catadupa de exigencias, com que o sangue impetuoso d'ella, n'uma crueldade peculiar á sua classe, queria pôr-lhe á prova os seus doze lustres bem puxados.

Mas aquillo tinha de terminar, como tudo termina n'esta vida. E as sollicitações da cara metade, que já começava a mandar pelo correio

severas reprimendas com insinuações envenenadas, obrigaram o pobre provinciano a fazer a mala, com um fio de lagrimas a escorrer de cada olho.

Ao despedir-se da *cocotte*, por que já sentia a maior paixão que é possivel medrar em vegete de saluberrima carnação, despejou-lhe no seio todas as suas amarguras, e prometteu escrever-lhe, logo que chegasse á terra. Partiu, deixando-lhe o coração e o pé de meia, com algumas duzias de libras.

Ella, sempre loira e meiga, chorou tambem ao despedir-se d'elle. Porque todos nós sabemos que além de muitas outras superioridades do bello sexo, a mulher tem a faculdade de chorar... quando é preciso.

*

Chegado á provincia, e mortas as primeiras saudades familiares, o bom homem, com o recato natural em chefe de familia que falta aos seus deveres conjugaes, escreveu a primeira epistola de amôr á sua loira inolvidada. Entre outras phrases que, por mero desfastio do acaso, vieram cahir sob os meus olhos, havia esta: *«Amo-te como nunca amei a minha propria mulher.»*

O leitor está comprehendendo o perigo de escrever taes phrases.

Ella, de cá, respondeu-lhe na mesma corda: «... que tambem elle era a unica pessoa que ella amara n'esta vida...» E pedia-lhe algum dinheiro. As cartas succederam-se, terrivelmente apaixonadas. As d'elle, sempre ternas e rememorantes de horas lubricas, já por fim iam notando, em *post-scriptum*, que os tempos estavam bicudos e a colheita era desanimadora. As d'ella, porém, teimavam em que elle era o

unico mortal ferverosamente adorado... e pediam mais dinheiro.

O homem por fim, esticados os cordões da bolsa até onde a resistencia financeira d'um provinciano pode chegar, declarou que rebentava de amôr por ella, mas que em materia de dinheiro podia considerar-se decididamente um homem morto. Até o orçamento gastronomico, outr'ora recheado de verbas para comestiveis peregrinos, soffrera uma reducção de 50 por cento, a ponto de fazer nostalgias no olhar da matrona que acompanha os seus dias infieis.

Este esgotamento financeiro, que a *cocotte* suppoz fingido, despertou-lhe um plano endiabrado: negociar com a correspondencia recebida. E a combinação fez-se com um cigano de criminosas tradicções.

Este, dirigindo-se em carta ao provinciano, declarou que iria á terra d'elle, com as epistolas

amorosas, pôr tudo em pratos limpos nas barbas da família, – se elle não quizesse enviar-lhe a quantia de cem mil reis.

Era cifra durissima para quem já quasi que não tinha vintem de seu. O nosso homem respondeu que estava em precarias circumstancias, sendo-lhe impossivel arranjar tanto dinheiro n'aquella occasião; mas que esperasse para depois da colheita. E, ao mesmo tempo, exprobaba ingenuamente a feia acção d'aquella que elle amara... Oh! o amor das mulheres!... Mas o outro, de cá, muito lido em cartilha de manhas, não quiz deixar arrefecer o negocio, e tal violencia pôz na replica, que o bom homem viu-se forçado a ir depôr as suas amarguras no seio compassivo e providencial do regedor. Foi o que lhe valeu.

Immediatamente entrou em jogo a rêde policial, o cigano e a *cocotte* passaram algumas inclemencias no apuro das intenções criminosas,

e o papalvo lá ficou, em paz e ás moscas, vendo a capital por um óculo de sombrio despeito, e o amor por uma luneta verde-negra, da côr do fél.

Se a intelligencia o ajudasse, ainda podia vir ser um Shopenauer de aldeia, com maximas pessimistas muito aproveitaveis. Tal como é, poderá apenas dizer aos filhos, quando vierem a Lisboa dessedentar a fibra secca de camponios, aquella palavra profunda que madame de Recamier dizia ao seu primogenito, fallando do amôr illicito: - *N'écrivez jamais!*

SYMPHONIA DO AMOR

QUANDO um dia perguntaram a Stendhal qual era a sua profissão, respondeu: «Observador do coração humano.»

Na sua infinita profundidade e intangivel amplitude, o coração humano é um universo de tal grandeza, que mal chega a revelar o inicio dos seus mysterios ao mais incançavel e sabio observador. Ha n'elle florestas virgens, como as da Australia, onde o olhar do homem jámais penetrou, nem mesmo como o raio solar que atravessa a custo a copa dos grandes arvoredos; ha n'elle abysmos cavados, como as velhas minas mouriscas, a cuja embocadura a mais sedenta perspicacia esbarra, travada por um quasi terror supersticioso, com o que nasce de pavorosas lendas; mas ha tambem, n'essa viscera enygmatica, em que um velho uso concretisou

toda a sentimentalidade da nossa alma, largos ceus abertos, cheios de azul e de sol, por onde os nossos olhos se perdem, n'um extasi de contemplação e de misticismo; ha tambem jardins d'uma olorencia rara, onde o olfato dos homens se embriaga, e onde as côres mais diversas, como as d'um grande sol coado por um prisma de crystal, se agrupam n'um festim de luminosa virgindade.

Observar o coração humano, no que elle tem de mais radiante, na parte em que elle reflecte a olorencia e a luminosidade do seu jardim e do seu ambiente azul, é profissão que veste a alma de quem a pratica d'uma chimera suavissima e doce, auxiliando-lhe a refugiar a vista no recinto placido do seu canduroso sonho; mas observar o coração humano nos seus antros de terror, onde a fera do mal habita, e onde o ambiente é soturno como o dos catres em que a agona mora, é profissão que escalavra a alma de quem a pratica, e que põe em

cada nota colhida uma gota do sangue de quem a observou.

*

Se eu quizesse fazer um capitulo de lagrimas, em que fosse protagonista a Dor, tendo por comparsas a Tristeza e o Infortunio, teria de accender a candeia das grandes calamidades humanas, e ir com ella, seguindo o disco da sua luz, observar nos subterraneos do coração as fontes geradoras do Mal, até ao ponto em que m'o permittisse a minha fragilidade de homem.

Mas, assim como cada religião tem o seu ritual e cada templo o seu sacerdote, assim eu deixo aos presbyteros da Agonia a celebração dos santos sacrificios e dos incomportaveis martyrios, e recolho o meu espirito ao confortavel ambiente de

uma symphonia de Amor, esse alto, grande e casto sentimento, em que, se por vezes ha notas marejadas de lagrimas, é pela simples razão de não haver flôr que, ao menos de longe a longe, não tenha sido orvalhada.

*

Ha em todo o coração humano um germen sagrado, recolhido na sua insondavel profundidade, como uma perola recolhida no fundo do vasto mar. Esse germen, que muitas vezes se conserva quasi occulto no seu retraimento, durante uma vida inteira, outras vezes desenvolve-se n'uma larga affloração, enchendo de balsamos a duração da alma em que se desenvolveu. E' o Amor. Todo o homem traz comsigo, desde o ventre materno, essa entidade

sublime, inspiradora das grandes acções e dos grandes pensamentos; unica fonte de onde jorra o manancial de todas as artes e unico espelho em que se reflecte o brilho de todas as estrellas do amplo ceu moral. Ha homens em quem o Amor, como uma planta abortada, não chega ao ponto de florir, e a sua rescendencia mallograda mal chega a ser apercebida pela alma. Estes, são os entes rudimentares na escala sentimental, especie de protoplasmas moraes, encravados no meio do universo dos sentimentos, como alguns planetas mortos no meio da existencia universal dos astros.

Mas ha outros homens em quem o Amor, como semente lançada n'um chão uberrimo e fecundada pelo calor de um sol vivificante, se desentranha em flôres e fructos, flôres de peregrino aroma e fructos de delicioso travo. Estes, são os entes predestinados para as grandezas moraes, para a apostolisação do Bello, e para erguerem o orgulho

da nossa especie, como um titulo de justa gloria, até ao throno incoercivel do Divino Sobrenatural.

Os primeiros, algas do mar do sentimento, são os que formam a base da pyramide social, sob o ponto de vista psychologico; os segundos, são os que lhe constituem o ápice, e são os grandes litteratos, os grandes artistas, os grandes sonhadores e, principalmente, os grandes poetas. E' do alto d'esse eterno Sinay que os poetas recebem, como Moysés, a palavra de Deus, para a transmittirem aos homens, sob a fórma do seu verbo illuminado. E' do ácume d'essa montanha, onde as depravações humanas não chegam, porque jámais poderiam respirar a atmosphera que o rodeia, é d'ahi que os prophetas da alma ensinam ao povo, como outr'ora os vates de Israel, o caminho a seguir para a norteação das elevações moraes.

Os apostolos, os sacerdotes do Amôr, são os poetas. Elles teem nas cordas da sua alma todas as notas da symphonia idealista que vôa, em ondulações, desde o catre onde a humanidade geme e suspira até ao altar de Deus. A sua linguagem nem sempre é comprehendida pelas almas rudimentares, mas á semelhança de um philtro ethereal, insinua-se insensivelmente em todos os corações.

> J'aime surtout le vers, cette langue immortelle;
> C'est peu-être un blasphème et je le dis tou bas;
> Mais je l'aime à la rage. Elle a cela pour elle,
> Que les sots d'ancun temps n'en n'ont pu faire cas,
> Qu'elle nous vient de Dieu, qu'elle est limpide et belle,
> Que le monde l'entend et ne le parle pas.

Estes versos de Musset definem claramente a linguagem poetica. Mas a Poesia, essa electrisação dos grandes espiritos, nem sempre se

manifesta pelas odes ou por qualquer genero de estrophes rythmicas.

«...a poesia – diz Victor Hugo – é a expressão da virtude. Uma bella alma e um bello talento poetico são quasi sempre inseparaveis. A poesia vem apenas da alma e póde tão bem manifestar-se por uma boa acção como por um bom verso...»

E' essa alta e purissima Poesia, que brota espontaneamente da alma, como uma essencia divina, a que gera o Amor na sua mais elevada expressão, e nos ensina a despresar com altivez de consciencia as pequeninas miserias d'este valle de lagrimas.

«...O amor – diz ainda o grande auctor da *Prière pour tous* – na sua accepção divina e verdadeira, eleva todos os sentimentos acima da miseravel esphera humana; é-se ligado a um anjo, que nos conduz constantemente para o ceu.»

Foi pelo Amor que Maria de Magdala se

regenerou, purificando a sua alma arrependida ao fogo d'essa paixão luminosa. E assim, a phrase de Sainte-Beuve – *l'art consacre et purifie tout ce qu'il touche* – póde com mais razão attribuir-se ao Amor, visto ser elle a arvore primacial de onde brotam todos os fructos da grandeza moral: O Amor consagra e purifica tudo aquillo em que toca.

FiM

ISBN: 978-1-387-47515-5